

**CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA
ESTELA MÁRIS MEDEIROS JARDIM**

**PALAVRAS PALATÁVEIS:
A POESIA E A GASTRONOMIA COMO INGREDIENTES NA OBRA DE
CORA CORALINA**

Juiz de Fora
2018

ESTELA MÁRIS MEDEIROS JARDIM

**PALAVRAS PALATÁVEIS:
A POESIA E A GASTRONOMIA COMO INGREDIENTES NA OBRA DE
CORA CORALINA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CES/JF, área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: enfoques transdisciplinares e transmidiáticos.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Maria Andréia de Paula Silva.

Juiz de Fora
2018

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca CES/JF – CES/JF

J37

Jardim, Estela Máris Medeiros.

Palavras palatáveis: a poesia e a gastronomia como ingredientes na obra de Cora Coralina; orientadora Maria Andréia de Paula Silva / Estela Máris Medeiros Jardim.- Juiz de Fora: 2018.

104 p., il.

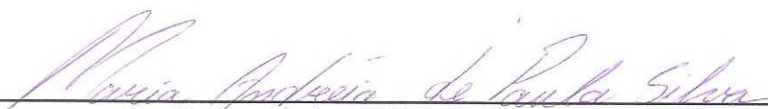
Dissertação (Mestrado – Mestrado em Letras: Literatura brasileira) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2018.

1. Cora Coralina. 2. Memória. 3. Gastronomia. 4. Goiás. 5. Poesia brasileira. I. Silva, Maria Andréia de Paula, orient. II. Título.

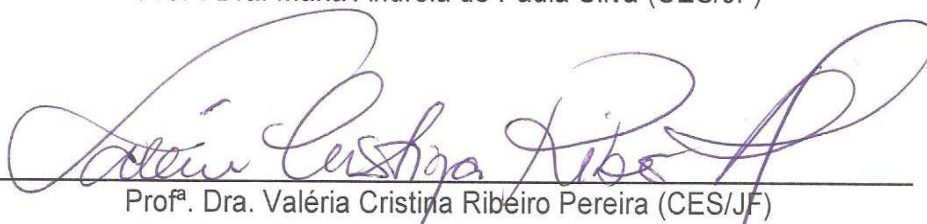
CDD: B869.1

JARDIM, Estela Máris Medeiros. **Palavras Palatáveis**: a poesia e a gastronomia como ingredientes na obra de Cora Coralina. Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CES/JF, área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: enfoques transdisciplinares e transmidiáticos, realizada no primeiro semestre de 2018.

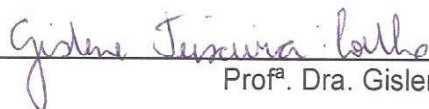
BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dra. Maria Andréia de Paula Silva (CES/JF)



Prof^a. Dra. Valéria Cristina Ribeiro Pereira (CES/JF)



Prof^a. Dra. Gislene Teixeira Coelho (IF-Sudeste)

Examinado (a) em: 25/06/2018.

Dedico este trabalho com muito carinho aos meus familiares, especialmente ao meu sucessor natural, para os quais os frutos vindouros serão destinados.

AGRADECIMENTOS

A Deus e a Jesus, por terem me permitido as faculdades intelectuais e morais propiciatórias dessa caminhada acadêmica.

Aos meus familiares, que, embora distantes fisicamente na maior parte do tempo, se fizeram presentes sob a forma de preces, vibrações e pensamentos positivos. Em especial à minha irmã bibliotecária, pela preciosa colaboração especializada.

Ao meu companheiro, por ter compreendido nossos temporários distanciamentos.

Aos meus colegas de turma do mestrado, pelo companheirismo constante, pelo compartilhamento de ideias, pelas boas vibrações a cada página escrita e vencida, pelos agradáveis encontros motivacionais, quando então nos nutríamos mutuamente de novas energias e vibrantes estímulos.

Aos meus amigos/colegas de profissão pelos incentivos constantes, pelas vibrações a cada etapa conquistada, pelas preces e pensamentos positivos para que eu pudesse alcançar meus objetivos.

À minha orientadora e aos demais profissionais do CES/JF, pelos incentivos iniciais e reiterados, especialmente a cada déficit de ânimo, pela transmissão dos valorosos conhecimentos acadêmicos, pela paciência e ajuda especializada aos entraves técnicos e pela presença animadora durante as principais etapas do curso, motivando a seguir adiante, porque a conquista final era compensadora.

Sem eles nenhuma dessas linhas se materializaria.

É indispensável ter em conta o fator supremo e decisivo do *paladar*. Para o povo não há argumento probante, técnico, convincente, contra o paladar...

Luís da Câmara Cascudo

RESUMO

JARDIM, Estela Máris Medeiros. **Palavras palatáveis**: a poesia e a gastronomia como ingredientes na obra de Cora Coralina. 103 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

Anna Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas (1889 – 1985), poeta e doceira goiana, conhecida no cenário literário nacional e internacional com o pseudônimo de Cora Coralina, foi levada à escola aos cinco anos de idade e cursou somente dois anos escolares. No entanto, as primeiras composições, a partir dos seus 14 anos, compuseram uma obra repleta de marcas memorialísticas, autobiográficas e gastronômicas intimamente relacionadas. Por força dos costumes da época, segundo os quais a mulher letrada, afeita à escrita, não dava boa dona de casa, Coralina viu-se impedida de continuar seus estudos, sendo encerrada no lar para o adestramento necessário e o proveito como mão de obra doméstica. A presente dissertação tem como objetivo analisar a relação estabelecida pela poeta entre o fazer literário e o fazer gastronômico como lugares de reelaboração da memória. Buscou-se examinar a hipótese de que a produção literária da autora elabora, por meio da relação entre literatura e gastronomia, experiências vividas, sobretudo no convívio familiar e social. Em seguida, buscou-se mapear as aproximações e as tensões entre as duas artes em textos que as tematizam. O corpus foi pesquisado e selecionado nas obras **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais (1965)**, **Meu livro de cordel (1976)**, **Vintém de cobre-meias confissões de Aninha (1983)**, **Estórias da casa velha da ponte (1985)**, **O tesouro da casa velha (1989)**, **Cora coragem Cora poesia (1989)**, **Vila Boa de Goyas (2001)**, **Cora Coralina: doceira e poeta (2009)**.

Palavras-chave: Cora Coralina. Memória. Gastronomia. Goiás. Poesia brasileira.

ABSTRACT

Anna Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas (1889 -1985), a poet and confectioner from Goiás, known in national and international literary scene under the pseudonym of Cora Coralina, was taken to school at the age of five where she attended for only two scholar years. Nevertheless, the first writings, from her 14 years, composed a work full of memorialistic, autobiographical and gastronomic marks. Because of the time's customs, in which a literacy woman, inclined to writing, wasn't considered a good housewife, Coralina found herself unable to continue her studies, being shut up at home in order to be properly trained, for being used as profit of domestic labor. The purpose of this dissertation is to analyze the relation established by the poet between literary and gastronomic making as places of re-elaboration of memory. The purpose of this work was to examine the hypothesis that the author's literary production elaborates, through the relationship between literature and gastronomy, lived experiences, especially in the familiar and social life. Next, we tried to map the approximations and the tensions between the two arts in texts that would theme them. The corpus was researched and selected in the works: **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais (1965)**, **Meu livro de cordel (1976)**, **Vintém de cobre-meias confissões de Aninha (1983)**, **Estórias da casa velha da ponte (1985)**, **O tesouro da casa velha (1989)**, **Cora coragem Cora poesia (1989)**, **Vila Boa de Goyas (2001)**, **Cora Coralina: doceira e poeta (2009)**.

Keywords: Cora Coralina. Memory. Gastronomy. Goiás. Brazilian poetry.

LISTAS

Imagem 1	Fragmento de caderno de receitas de Cora Coralina.....	77
Imagem 2	Registro fotográfico da visita de Jorge Amado a Cora Coralina....	86

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CORA CORALINA: AS PALAVRAS E AS COISAS	15
2.1 A FORTUNA CRÍTICA	17
2.2 A CONSTRUÇÃO DO OBJETO	27
3 CORA CORALINA: A LINGUAGEM, A MEMÓRIA, A VIDA	47
3.1 O CONVÍVIO FAMILIAR E SOCIAL	49
3.2 A MEMÓRIA CONSTRÓI AS LETRAS	59
4 CORA CORALINA: A DOCEIRA E A POETA	68
4.1 SABER E SABOR: AS APROXIMAÇÕES ENTRE AS ARTES	72
4.2 SABER E DISSABOR: AS TENSÕES ENTRE AS ARTES	82
5 CONCLUSÃO	90
REFERÊNCIAS	94
ANEXOS	102

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação versa sobre Anna Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas (1889 – 1985), poeta e doceira goiana, conhecida no cenário literário nacional e internacional com o pseudônimo de Cora Coralina.

O reconhecimento literário da autora, ainda que tardio, conforme será mencionado em momentos posteriores na presente dissertação, permitiu-lhe algumas merecidas conquistas, tais como: prêmios de concurso culinário promovido pela Companhia União dos refinadores, entre 1968 e 1969; prêmio de poesia no I Encontro da Mulher na Arte, em 1982; a cadeira de número 5 na AFLAG - Academia Feminina de Letras e de Artes de Goiás, em 1970, da qual é patrona, e a cadeira de número 38 na Academia Goiana de Letras, em 1984, cujo patrono é Bernardo Guimarães; troféus, como o Jaburu, comenda do Governo de Goiás, em 1981, e o Juca Pato, como Intelectual do Ano de 1984, concedido pela UBE – União Brasileira dos Escritores e pela Folha de São Paulo; os títulos de Doutora *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Goiás, em 1983 e o de Honra ao Mérito do Trabalho, da Presidência da República, em 1984, além de medalhas, placas comemorativas e homenagens diversas, muitas delas pertencentes ao acervo do Museu Casa de Cora Coralina, instalado e funcionando na Casa Velha da Ponte, na cidade de Goiás/GO, onde a poeta nasceu e morreu.

A obra literária de Cora Coralina é ficcional, embasada pela memória e com forte apelo ao social, ao telúrico e ao histórico. A trajetória da autora é longa e perpassa as experiências pessoais que se estendem desde a tenra infância até a resistente velhice, com vivências múltiplas num constante vai e vem de temas, que ora remetem o leitor às terras goianas, ora às terras paulistas.

Além da produção literária, Cora Coralina produziu doces, os quais lhe conferiram uma fama para além das páginas impressas com seus poemas, contos e crônicas, dada a qualidade e o capricho com que eram confeccionados e comercializados, tornando-os diferenciados dos demais quitutes de que a cidade, desde há muito, era famosa em produzir. Porém, diferentemente dos textos literários, os doces só passaram a ser produzidos e conhecidos da população alguns anos após a poeta goiana ter retornado à terra natal, a qual não a havia aceitado enquanto menina inzoneira, jovem detraquê ou mulher grávida de homem casado, mas que a haveria de aceitar enquanto produtora dos famosos doces da cidade de

Goiás. Estes se tornaram para ela uma basilar fonte de renda, proporcionaram à cidade renome nacional e internacional e foram objeto da única profissão que Cora Coralina considerou ter desempenhado: a de doceira.

A importância deste estudo, portanto, reside em estabelecer uma relação entre o fazer literário e o fazer gastronômico de Cora Coralina como lugares de reelaboração da memória, gestada nos costumes do interior goiano, reabastecida durante quarenta e cinco anos sob os ares do interior paulista e, finalmente, externada a partir da publicação do primeiro livro aos 76 anos de idade.

O trabalho está elaborado de forma harmônica e orientado para o entendimento global da proposta inicial em três momentos ou seções.

A primeira seção trata de estabelecer a fortuna crítica de Cora Coralina, procurando elencar estudos relevantes para as análises, desde os produzidos nos anos de 1980 até os mais atuais, perpassando artigos científicos, livros, revistas, teses de doutorado e dissertações de mestrado que estão em torno da temática coralineana, norteadora da presente dissertação: poesia, gastronomia, memória, identidade, social, familiar, imaginário, dentre outras, cujo propósito é demonstrar o quanto a obra da poeta é fecunda fonte de inspiração para o meio acadêmico tal o potencial exploratório e a vastidão de temas literários que ela contém.

Ainda na primeira seção encontra-se a explicação de que o objeto do presente estudo é o texto poético, que exigiu o necessário embasamento teórico a partir dos cânones literários, dentre eles Pedro Lyra e José Guilherme Merquior, e de relatos testemunhais, cujo *corpus* foi pesquisado e selecionado nas dezesseis obras da autora goiana, as quais contêm poemas, contos e crônicas.

A segunda seção é destinada a mostrar a influência da linguagem, da memória e do convívio social e familiar nas reelaborações autorais de Cora Coralina, por isso tornou-se necessária a realização de um estudo sobre a língua e a linguagem como formas de expressão do pensamento humano, bem como a caracterização do autodidatismo e a nítida presença dele na história de vida de Cora Coralina, que teve somente dois anos primários de educação formal. A propósito do autodidatismo, foi realizada uma proposital e profícua comparação entre a trajetória do autodidata Valentin Jamerey-Duval, estudado por Jean Hébrard, e a trajetória de Anna Lins, objeto do presente estudo, a fim de demonstrar se é possível a um indivíduo aprender a ler e a escrever sozinho de forma exemplar.

Também se encontra presente na segunda seção a demonstração de que os contextos social e familiar tiveram extraordinária influência sobre a formação da leitora, da poeta e da doceira Cora Coralina, contextos estes amplamente presentes na obra literária da autora goiana, tendo ela extraído deles a totalidade dos temas de suas composições poéticas, contísticas e cronísticas. Aliás, até mesmo a elaboração da doçaria coralineana está embasada nas raízes goianas (afinal, a tradição dos doces goianos remonta a séculos passados), as quais cresceram, se desenvolveram, floresceram e frutificaram sob a forma do marco turístico da cidade de Goiás como sendo a cidade dos doces.

Ao final da segunda seção é imperioso demonstrar que a obra coralineana é um registro memorialístico dos mais importantes, pois está embasada nas experiências e nas vivências que deram suporte ao imaginário criativo da autora desde os idos anos da infância pobre, restrita e quase sem instrução, percorrendo a jornada literária que despontou ainda na juventude e a acompanhou até os últimos dias de vida. Tais memórias, individuais ou coletivas, produziram peças de caráter histórico e sociológico que suscitam importantes estudos acadêmicos.

A terceira e última seção trata de estabelecer as aproximações e as tensões entre o fazer gastronômico e o fazer literário da doceira e poeta Cora Coralina. É demonstrado que as duas artes se aproximam pelo fato de terem representado possibilidades de reelaboração das memórias coralineanas, permitido à autora goiana o contínuo enlace com a sua terra natal e, mais do que isso, a reaproximação com as suas origens e com a sociedade de que ela se viu distante, não somente durante os 45 anos em que esteve em terras paulistas, mas principalmente do ponto de vista do perfil sociológico preconceituoso que não aceitou a sua genialidade inventiva desde o berço.

As tensões entre as artes se apoiam inicialmente no fator preponderante que foi o acidente doméstico impeditivo da continuidade da produção comercial de doces. Posteriormente, nas ideias de que enquanto a poética foi um dom inato, ao mesmo tempo libertador de uma mente fervilhante de ideias inovadoras e aprisionador, porquanto não compreendido e caracterizado como à frente do seu tempo, a doçaria foi uma herança familiar salvadora, que a escritora ainda sem publicação adotou e reconheceu como única profissão durante os seus 96 anos de existência.

Segue-se a conclusão, na qual se apontam as considerações finais emergentes das pesquisas e análises realizadas ao longo do presente estudo exploratório, bibliográfico e documental.

2 CORA CORALINA: AS PALAVRAS E AS COISAS

“[...] os poemas coralineanos não só cantam, como contam velhas ‘estórias’” (CAMARGO, 2018, p. 60).

Cora Coralina foi apresentada ao que Roland Barthes chama de “paraíso das palavras” (BARTHES, 2002, p. 13) durante os únicos dois anos primários que pode frequentar, a partir dos cinco anos de idade: “Aninha teve dois anos de escola. Escola nos moldes antigos – do tempo da mãe” (TAHAN, 2002, p. 18); “Fui levada à escola mal completados cinco anos” (CORALINA, 1984, p. 113). Iniciou sua produção literária ainda muito jovem, na adolescência: “Aos 14 anos, lança seu primeiro conto (VELLASCO, 2007. Não paginado). Porém, “somente aos 76 anos publicou seu primeiro livro, divulgando o gênio e a simplicidade de sua obra” (TAHAN, 2002, p. 239), em 1965, **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais**. Atualmente sua bibliografia conta 15 obras publicadas, em diversos gêneros, destacando-se, dentre eles, os poemas e os contos. Há também um livro de receitas, **Cora Coralina: doceira e poeta** (2009), cuja pesquisa e seleção de textos foram realizadas por sua filha caçula, Vicência Brêtas Tahan.

A autora, nesta trajetória de produção, tematiza especialmente situações vivenciadas junto à família e à sociedade goiana, confirmando, muitas vezes, situações históricas que chegam a remeter ao regime escravocrata, conforme o exemplo: “esconder das escravas sempre famintas, / sua ração restrita, falta de açúcar, frutas. / Comiam mesmo os embolorados e azedados. Estes eram distribuídos: ‘inda serve sinhá’ e comiam famintas” (CORALINA, 1984, p. 120, grifo da autora). Também se fazem presentes costumes como a subserviência da criança e da mulher: “Mal chegava aos quatro, cinco anos, / tinha qualquer servicinho esperando. / Bem diziam os mais velhos: ‘serviço de criança é pouco / e quem o perde é louco’” (CORALINA, 1984, p. 104, grifo da autora), “O ovo tinha que ser batido até ficar daquele jeito / aceito pelo paladar exigente e apurado dos homens da casa” (CORALINA, 1984, p. 120); o jugo do universo adulto sobre o infantil: “[criança] Era uma coisa restringida, sujeitada por todos os meios discricionários/ a se enquadrar dentro de um molde certo, cujo gabarito era o adulto” (CORALINA, 1984, p. 104); as clareiras de alegria e o regozijo em meio à floresta da vida densa de frustrações e sofrimento: “O bem que eu entendia era a bolacha que me dava

minha bisavó / e os biscoitos e brevidade da tia Nhorita” (CORALINA, 1984, p. 115); as frustrações iniciais frente ao desejo de aprender, produzir e ter reconhecidos seus escritos e ser digna da admiração familiar, conforme trecho a seguir, extraído do poema autobiográfico intitulado *Menina Mal Amada*, contido no livro **Vintém de Cobre**: meias confissões de Aninha (1984):

Sempre sozinha, crescendo devagar, menina inzoneira, buliçosa,
/malina.
Escola difícil. Dificuldade de aprender.
Fui vencendo. Afinal menina moça, depois adolescente.
meus pruridos literários, os primeiros escritinhos, sempre rejeitada.
Não, ela não. Menina atrasada da escola da mestra Silvina...
Alguém escreve para ela... Luís do Couto, o primo.
Assim fui negada, pedrinha rejeitada, até a saída de Luís do Couto
para São José do Duro, muito longe, divisa com a Bahia.
Ele nomeado, Juiz de Direito.
Vamos ver, agora, como faz a Coralina...
Nesse tempo, já não era inzoneira. Recebi denominação maior,
alto lá! Francesa.
Passei a ser *detraquê*, devo dizer, isto na família.
A família limitava. Jamais um pequeno estímulo.
Somente minha bisavó e tia Nhorita.
Vou contando (CORALINA, 1984, p. 116).

A palavra *detraquê*, grafada em francês como *détraqué*, segundo o **Dicionário Larousse francês/português, português/francês**: mini (2008), significa escangalhado (da), doido (da). Descrevendo desta forma sua relação com o seu entorno afetivo, o eu poético do texto se une ao rol de pessoas dissonantes e incompreendidas que sofrem este tipo de rotulação. Coralina apresenta-se como criança, adolescente e adulta dissonante, mas não *détraqué*. O poema ora citado é extenso e fortemente impregnado de drama, porque a autora descreve situações, reais ou ficcionais, que confirmam maus tratos físicos precedidos de tortura psicológica e sucedidos de constrangimentos, autodepreciação incutida e insuflada pelos familiares, privações minimizadas por recompensas advindas do carinho da bisavó, exploração do trabalho infantil instigado pela oferta de pagamento sob a forma de alimentos, tão regradados para as crianças, à época. Reunidos todos os dramas existenciais descritos e processados na mente da autora, ela o termina com um desabafo: “Infância... daí meu repúdio invencível à palavra saudade, infância...” (CORALINA, 1984, p. 117). Mal tendo sido precocemente alfabetizada e por tão curto tempo, pode transmutar-se “do banco das mais atrasadas” (CORALINA, 1984,

p. 123) para “festivas noites de autógrafos, minhas colunas de jornais e livros” (CORALINA, 1984, p. 123).

2.1 A FORTUNA CRÍTICA

“Toma Cora, este troféu humilde e quase inútil frente a singeleza de teus cabelos brancos e a acuidade de teu olhar arqueológico e também lírico” (VALLADARES, 2016, p. 360).

Cora Coralina nasceu do imaginário criativo da jovem escritora Anna Lins dos Guimarães Peixoto por volta dos seus 16 anos de idade, de quem se despediu somente em 10 de abril de 1985 para se immortalizar em seus 16 livros publicados, conforme já tivera previsto alguns poucos anos antes, ao escrever e datar em “Outubro, 1981” (CORALINA, 1984, p. 139) o trecho do poema Aninha e suas pedras:

Faz de tua vida mesquinha
um poema.
E viverás no coração dos jovens
e na memória das gerações que hão de vir.
Esta fonte é para uso de todos os sedentos.
Toma a tua parte.
Vem a estas páginas
e não entres seu uso
aos que têm sede. (CORALINA, 1984, p. 139).

Fruto possivelmente da vaidade pessoal, alimentada ao longo de 95 anos por publicações premiadas desde cedo, condecorações e demais destaques, Cora Coralina engendra uma convincente explicação para a criação do pseudônimo da jovem Anna Lins: 16 anos de idade, a vislumbrar a fama literária e querendo, assim, se destacar das inúmeras Anas que existiam na sua cidade natal, conforme ela mesma confirmou certa vez em entrevista à TV Educativa, em 1985, cujo trecho transcrito a seguir traz os destaques alusivos a esta confirmação:

Quando eu comecei a escrever, **por muita vaidade** e muita ignorância, nessa cidade havia muita Ana. Sant’Ana é a padroeira daqui [cidade de Goiás]. E quando nascia uma menina numa casa davam de logo o nome de Ana. Nascia outra era Ana. De modo que a cidade era cheia de Ana, Aninha, Anica, Niquita, Niquinha, Nicota, Doca, Doquinha, Doquita, tudo isso era Ana. Você ia procurar saber era Ana. **Então eu tinha medo que a minha glória literária fosse atribuída a outra Ana** mais bonita do que eu. Então procurei um nome que não tivesse xará. Olhei pela cidade, corri as

minhas recordações, indaguei como chamava tal moça, assim, assim, filha de fulano... Não achei nenhuma Cora. Aí optei por Cora. Depois Cora só era pouco, achei Coralina e aí juntei Cora Coralina e passei a me identificar por Cora Coralina. Porque meu nome Ana é muito comprido: Anna Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas, sendo Brêtas de meu marido. Então Cora Coralina é mais fácil. Se fosse Ana tinham que perguntar: “Mas qual é essa Ana? Essa Ana é aquela e tal, filha de fulana”. Custoso né? E Cora Coralina é mais fácil. Falou Cora Coralina, boa ou ruim, é uma só, é ela mesma (BRITTO e SEDA, 2009, p. 71 *apud* CORALINA, Especial Literatura – TVE, 1985, grifo do autor e grifo nosso).

Conforme se pode inferir dos trechos destacados acima, Cora Coralina queria ser única, inconfundível: “tenho a / consciência de ser autêntica” (CORALINA, 2002, p. 83). Sabia possuir um dom: “não escrevo jamais de forma / consciente e raciocinada, e sim / impelida por um impulso incontrolável” (CORALINA, 2002, p. 83) e não se deixou subjugar por sua limitada educação formal, a qual reconhecia: “Sendo eu mais doméstica do / que intelectual” (CORALINA, 2002, p. 83). Sendo assim, permitiu-se insuflar pelo orgulho literário que lhe assomou no início da carreira de escritora.

Ainda sobre o pseudônimo, Cora Coralina, destemida mulher à frente de seu tempo, ousou contradizer um dos maiores poetas brasileiros, Carlos Drummond de Andrade, quando ele expôs a sua versão para o pseudônimo coralineano em crônica publicada no Caderno B do **Jornal do Brasil**, em 27 de dezembro de 1980, sobre a autora de **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais (1965)**, de quem tomou conhecimento somente quando recebeu um exemplar do livro em sua segunda edição, em 1978. Escreveu Drummond:

Este nome não inventei, existe mesmo, é de uma mulher que vive em Goiás: Cora Coralina.
Cora Coralina, tão gostoso pronunciar este nome, que começa aberto em rosa e depois desliza pelas entranhas do mar, surdinando música de sereias antigas e de dona Janaína moderna (ANDRADE, 1980, p. 7).

Contradiu Cora Coralina, em entrevista concedida a Ronaldo Antonelli para o Caderno Ilustrado do **Jornal Folha de São Paulo**, em 12 de outubro de 1983: “E quem foi que disse que Cora Coralina é marinho? Em primeiro lugar, Cora vem de coração. Coralina é a cor vermelho. Cora Coralina é um coração vermelho” (ANTONELLI, 1983, p. 34).

Carlos Drummond de Andrade estabelece, em sua crônica, juízo de valores a respeito do estilo, da temática e da expressão literária de Cora Coralina. Considera

os versos simples, mas de variada abrangência. Identifica as fontes de inspiração e os depósitos da memória no social, no telúrico, no familiar – a infância em especial, nas tradições brasileiras. Observa a fuga ao molde acadêmico dos versos. Chama a atenção sobre a pouca relevância dada à autora pelos meios de comunicação para além de Goiás. Insinua uma acusação do uso de critérios discriminatórios ou classificatórios para a sua obra. Drummond inicia sua crônica ao *Jornal do Brasil* com “para mim a pessoa mais importante de Goiás. Mais do que o Governador, as excelências parlamentares, os homens ricos e influentes do Estado” (ANDRADE, 1980, p. 7) e termina com “Cora Coralina, um admirável brasileiro. [...] gosto muito deste nome, que me invoca, me bouleversa, me hipnotisa, como no verso de Bandeira” (ANDRADE, 1980, p. 7). Desta publicação em diante, Cora Coralina conquistou gradativamente reconhecimento nacional e internacional. A mídia, enfim, dava ouvidos a “Os apelos de Aninha” (CORALINA, 1984, p. 176).

Até a publicação da crônica drummondiana ao **Jornal do Brasil** a poeta de Goiás já tinha dois livros publicados. Estava inserida no meio literário, na verdade, desde sua mocidade. Ela foi importante membro da sociedade literária de seu Estado no início do século XX, tendo publicado crônicas em jornais, como **O Paiz**, **Goyaz** e **A Imprensa**, participado da fundação e da diretoria do Grêmio Literário Goiano e do jornal **A Rosa**, com sede na cidade de Goiás (capital, à época), além de já ser frequentadora assídua e destacada dos saraus existentes nos domicílios das importantes personalidades da cidade, exercício que também parece ter sido um importante viés de formação do renomado José de Alencar, segundo informa Yunes (2002): “os serões familiares de leitura em voz alta, onde ele se iniciou na aventura de ser leitor para chegar a escritor” (YUNES, 2002, p. 35).

Por ocasião das publicações das crônicas jornalísticas, algumas das quais alimentando colunas periódicas fixas e outras ocupando página inteira, a jovem escritora Cora Coralina recebeu a seguinte crítica do jornal **Goyaz**, em 1º de agosto de 1908:

CORA CORALINA

É o que sente o leitor criterioso e familiarizado com as diversas modalidades de literatura mundial, ao apreciar com conhecimento da autora e da circunstância em que resplandece indômito o seu talento para as belas letras, os escritos que Cora Coralina (senhorita Ana Lins dos Guimarães Peixoto) tem oferecido à diversas folhas deste Estado e do Triângulo Mineiro aceitando gentilmente aos pedidos dos respectivos redatores. *A Rosa*, que é um *bouquet* de flores da nossa mocidade cultivadora da

botânica amorosa poética, tem suas lindas pétalas sempre orvalhadas, vivas, pelo meio vaporoso e fresco das produções de Cora Coralina. (...) Atendendo agora ao nosso convite, que já data de meses atrás, d. Cora enviou-nos uma das suas *heures de loisir* dos encargos domésticos, a qual damos publicidade hoje na seção apropriada – Letras (In: BRITTO e SEDA, 2009, p. 82-83, grifo do autor).

Os registros nos veículos de comunicação da época são de difícil obtenção, mas suas transcrições em biografias que tratam da nobre escritora goiana e os documentos preservados pelo Museu Casa de Cora Coralina podem atestar o reconhecimento e o respeito que a ela foram destinados.

Mesmo após deixar Goiás e migrar pelo interior de São Paulo, em meio a afazeres domésticos e atenção aos filhos e ao marido, este de quem não recebia muito incentivo, Cora Coralina continuou escrevendo e buscando meios de publicar algumas crônicas, ainda que modestamente, em jornais e revistas pelo Sudeste e em Goiás. Segundo nos informa Britto e Seda (2009), publicar era a forma que a autora encontrava de se fazer conhecida. E mais, para ela era importante a crítica: ter um retorno da mídia leitora a alimentava de alguma forma, permitia-lhe burilar sua escrita e, assim, aperfeiçoar-se, nortear-se.

Eu precisava da publicidade, precisava que viesse até mim uma crítica do que eu escrevia, uma apreciação, uma amostra de defeitos de volta para me corrigir. **Sempre eu necessitei muito de mestres** (BRITTO e SEDA, 2009, p. 127 apud SALLES, 2004, p. 76, grifo nosso).

Em última instância, conforme se pode inferir do trecho acima, para Cora Coralina a crítica era uma forma de complementar o aprendizado de que sempre se sentira deficitária.

A trajetória literária de Cora Coralina foi longa, o reconhecimento tardio, porém de resultados duradouros e que lhe renderam diversas premiações e homenagens ainda em vida, das quais fez questão de desfrutar, participar, discursar, agradecer e elogiar, conforme chegou a registrar em Cântico excelso, no seguinte trecho: “Minhas noites de autógrafos... Festejadas, cumprimentadas, flores, luzes, gente moça à minha volta, oradores no microfone” (CORALINA, 1984, p. 31).

A idade avançava e Cora Coralina a ignorava, buscando fôlego novo em sua cidade ou em casa de parentes para empreender viagens e estar presente nos diversos eventos sociais literários vinculados à sua personalidade artística. Em 1970, tomou posse na Academia Feminina de Letras e de Artes de Goiás, tendo

ocupado a cadeira de nº 5; em 1981 foi a primeira personalidade a receber o recém criado Troféu Jaburu, a mais distinta comenda que o Governo de Goiás concede aos nomes e valores da cultura goiana; em 1982 recebeu o prêmio de poesia nº 1 no Festival Nacional de Mulheres nas Artes, em São Paulo.

O ano de 1983 foi de lançamentos e premiações para Cora Coralina. Ao preparar seu terceiro livro para publicação, **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha** (1983), parece ter querido sinalizar que a jornada da vida estava por findar-se, porque escolhe para encerrá-lo o poema Sombras, numa atitude de submissão às degenerescências pelos anos de vida que já lhe pertencem:

Tudo em mim vai se apagando.
Cede minha força de mulher de luta em dizer:
estou cansada.

A claridade se faz em névoa e bruma.
O livro amado: o negro das letras se embaralham,
entortam as linhas paralelas.
Dançam as palavras,
a distância se faz em quebra luz.

Deixo de reconhecer rostos amigos, familiares.
Um véu tênue vai se incorporando no campo da retina.
Passam lentamente como ovelhas mansas os vultos conhecidos
que já não reconheço.

É a catarata amortalhando a visão que se faz sombra.

Sinto que cede meu valor de mulher de luta,
e eu me confesso:
estou cansada (CORALINA, 1984, p. 211).

Em 15 de agosto daquele ano lançou seu terceiro livro e três dias depois recebeu: o título de Doutora *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Goiás, a Ordem do Mérito do Trabalho - grau Comendador e a Medalha do Mérito Anhanguera - grau Comendador. Em 1984 recebeu o Grande Prêmio da Crítica no Setor de Literatura promovido pela APCA - Associação Paulista de Críticos de Arte; pelo conjunto de sua obra, foi escolhida A Intelectual do Ano de 1983, tendo sido a primeira mulher a receber o troféu Juca Pato, instituído em 1962 e promovido pela União Brasileira de Escritores e pela Folha de São Paulo; foi homenageada pela FAO - Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação como símbolo da mulher trabalhadora rural e ingressou na Academia Goiana de Letras, tendo ocupado a cadeira de nº 38.

Cora Coralina foi tema de: filmes (curta e longa metragens), peças teatrais, livros, artigos, teses e dissertações no Brasil e no exterior. Virou selo. Virou nome de: ruas, praças, academias de Letras e Artes, escolas, bibliotecas, prêmios, animais e plantas.

A sequência de títulos elencados a seguir, cujas referências bibliográficas completas se encontram ao final da dissertação, foi elaborada a partir de pesquisas bibliográficas, com a finalidade de apontar alguns dos inúmeros títulos já publicados em torno da temática coralineana que norteia a presente dissertação: poesia, gastronomia, memória, identidade, social, familiar, imaginário, dentre outras.

A edição de 1985 do primeiro livro publicado por Cora Coralina, **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais**, que foi utilizada no *corpus* pesquisado para a elaboração da presente dissertação, traz vários textos que homenageiam a autora goiana, ora como prefácios, ora como orelhas, ora para apresentar as edições, e também transcrevendo discursos proferidos quando do lançamento pela editora da Universidade Federal de Goiás, que o publicou pela primeira vez. O prefácio contém o **Cora Bretas – Cora Coralina**, redigido pelo escritor e jornalista João Benedito Martins Ramos, em que ele salienta a habilidade da autora em miniaturizar e eternizar ocorrências do passado. A apresentação do livro conta com o **Cora Coralina**: professora de existência, que é parte de um estudo feito pelo poeta, ensaísta, tradutor, teatrólogo e crítico literário, Oswaldino Marques, “primeiro crítico de renome nacional a avaliar a obra da poetisa goiana” (BRITTO e SEDA, 2009, p. 371), cuja íntegra foi publicada em 1995 no Suplemento Cultural DF Letras, da Câmara Legislativa do Distrito Federal, onde ele atesta os caracteres documental e lírico dos poemas coralineanos, além da análise estrutural de alguns poemas. Encontram-se, ainda, o texto **Lição de Vida**, prefácio da segunda edição do livro **Poemas dos Becos de Goiás e Estória Mais (1978)**, que passou a compor as páginas de abertura das demais edições, escrito por Lena Castello Branco Ferreira Costa, membro da Academia Feminina de Letras e de Artes de Goiás, em que ela aponta o caráter evocativo das memórias coralineanas, embebidas em aspectos históricos e sociais da região de Goiás, e o texto **O Universo Imaginário de Cora Coralina**, estudo crítico feito pelo professor Wendel Santos à primeira edição do livro **Poemas dos Becos de Goiás e Estória Mais (1965)**, o qual se encontra impresso no fechamento da décima edição do referido livro, 1985, onde ele afirma ser o livro composto de materiais histórico, psicológico, religioso e turístico.

O terceiro livro publicado por Cora Coralina, **Vintém de cobre**: meias confissões de Aninha, em sua edição de 1984, utilizada para compor o *corpus* de pesquisa da presente dissertação, é prefaciado pelo texto **Cora Coralina – Vivenciadora**, escrito pelo crítico literário Oswaldino Marques, que confirma a capacidade da autora goiana em tocar o cerne da vida humana e o trazer a lume, permeado de humor e ironia, e também pelo **Essa Mulher Admirável...**, escrito por Lena Castello Branco Ferreira Costa, membro da Academia Feminina de Letras e de Artes de Goiás, em que ela afirma estarem em Cora Coralina e na obra prefaciada as raízes de todo indivíduo goiano. A orelha do referido livro foi muito bem composta pelo **A Palavra Poética da Mulher Guerreira**, escrito em 1983 por Marietta Telles Machado, escritora, bibliotecária e produtora literária, para compor a orelha do referido livro, que ajudou a montar, segundo Valladares (2009), texto este que apresenta a obra como sendo de intensa ligação com as forças telúricas. E o verso da capa da mesma edição contém o texto **Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas**, escrito pela reitora da UFG, Prof^a Maria do Rosário Cassimiro, apresentando as justificativas que permitiram à autora goiana receber o título de Doutora *Honoris Causa*.

Artigos, livros, teses, dissertações e monografias são vastos e de temática bastante diversificada em torno da vida e da obra de Cora Coralina. Por isso, foram selecionados alguns títulos que são mais pertinentes aos objetivos da presente dissertação, como, por exemplo, os artigos **Poesia e Memória em Cora Coralina**, escrito por Goiandira de Fátima Ortiz de Camargo, originalmente apresentado como comunicação no VIII Seminário Nacional Mulher e Literatura, realizado em Salvador, no ano de 1999 e posteriormente publicado na revista semestral *Signótica*, da UFG, em 2002, em que a autora trata de investigar a configuração da memória na obra da poetisa Cora Coralina; **Cora Coralina: a poética do sabor**, escrito para a Revista *Ilha*, em 2002, por Andréa Ferreira Delgado, no qual ela aborda a questão do inventário de representações construídas em torno do que se tornou para a cidade de Goiás a doceira Cora Coralina, transformada em Mulher-Monumento; **Biografia, culinária e literatura**: a história do cotidiano com o tempero de Cora Coralina, escrito por Sueli Reis Pinheiro à Revista *Gênero*, em 2003, o qual estuda o caminho da poeta goiana no resgate da solidariedade da vida e sua representação, através de aspectos do cotidiano; **Coralina**: reconstrução poética da memória, de Marlene Gomes de Vellasco, atual diretora do Museu Casa de Cora Coralina na cidade de

Goiás, texto esse publicado nos anais do XII Seminário Nacional e III Seminário Internacional Mulher e Literatura: Gênero, Identidade e Hibridismo Cultural, em 2007, no qual ela ressalta que a riqueza poética de Cora Coralina está indissociável de suas raízes goianas; **No limiar de uma existência, “meias confissões” desprentensiosas**, escrito por Olívia Aparecida Silva e apresentado no XII Seminário Nacional Mulher e Literatura e do III Seminário Internacional Mulher e Literatura – Gênero, Identidade e Hibridismo Cultural, do GT Mulher e Literatura da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística), realizados em 2007, na Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus/BA, onde a autora defende a ideia de que a poética coralineana é uma expressão artística cuja composição articula memória, autobiografia, história, geografia e poesia; **“Dar que falar às bocas de Goiás”**: Estratégias e Repercussões do Projeto Criador de Cora Coralina no campo literário brasileiro, escrito para a Revista **Estudos de Sociologia**, em 2009, por Clovis Carvalho Britto, em que o autor pretendeu avaliar parte da trajetória, do projeto criador e da recepção da obra poética de Cora Coralina a partir do arcabouço teórico-metodológico elaborado por Pierre Bourdieu em sua sociologia da literatura; **Moinho do tempo**: todas as vidas em Cora Coralina, artigo publicado na revista **Letrônica** em 2011, apresentado no IV CIPA – Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica da USP, em 2010, escrito por Maria Ivone Souza Melo, que vai tratar do autodidatismo de Cora Coralina; **Lembranças de Aninha no universo poético de Cora Coralina**, publicado na **Revista Trama**, em 2013, escrito por Marlize Arendt e Mônica Luiza Socio Fernandes, que fazem um estudo da polifonia existente na obra de Cora Coralina, especialmente na distinção entre a voz da infância, assumida por Aninha, e a voz da própria autora, isto é, quando esta materializa sua eidade.

O livro **Cora Coralina: celebração da volta** (2006) foi organizado por Darcy França Denófrío e Goiandira Ortiz de Camargo e reúne uma coletânea de nove ensaios críticos sobre a poeta goiana. Dentre eles, ressalta-se o texto **Retirando o véu de Ísis**: contribuição às pesquisas sobre Cora Coralina, de autoria de Darcy França Denófrío, com a pretensão de desvelar ocorrências verídicas acerca do universo cultural e poético da autora goiana que, segundo a organizadora, causam confusão entre os que a pesquisam.

Das teses de doutorado, destaca-se as seguintes: **A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias**, defendida por Andréa Ferreira Delgado em

2003, onde ela investiga a invenção de Cora Coralina como Mulher-Monumento da cidade de Goiás; ***El discurso poético y las condiciones de su producción: una lectura comparada de La poesís de Rosalía De Castro y de Cora Coralina***, defendida por Consuelo Brito de Freitas em 2004, onde a autora aponta a relevância que as criações poéticas das autoras citadas ocupam no âmbito da literatura universal, bem como fazer uma divulgação das escritoras nos países Espanha e Brasil, e por fim as aproximações entre ambas; **A culinária de sentidos: corpo e memória na literatura contemporânea**, defendida por Adriana Sacramento em 2009, na qual ela faz uma reflexão sobre a representação do feminino, do corpo na cozinha e na confecção do alimento; **(Des)arquivar biografemas: a biblioteca de Cora Coralina**, defendida por Andréa Figueiredo Leão Grants em 2016, na qual a autora seleciona versos voltados à poesia da culinária, à poesia do eu e à poesia do resíduo, que se tornaram *corpus* para análise da construção de uma *persona*.

Das dissertações de mestrado, destaca-se as seguintes: **“Sou Paranaíba Pra Cá”**: Literatura e Sociedade em Cora Coralina, defendida por Clóvis Carvalho Britto em 2006, onde ele analisa como a poeta goiana retrata a história e a realidade social de seu tempo sob uma perspectiva sociológica; **Cora Coralina: cartografias da memória**, dissertação de mestrado defendida por Márcia Batista de Oliveira em 2006, na qual se pretendeu observar de que forma o tema memória é tratado na obra de Cora Coralina, no intuito de verificar como a escritora realiza a transposição da memória em seus múltiplos aspectos, para a criação literária; **Práticas de subjetivação e construções identitárias em Cora Coralina**, defendida por Sueli Gomes de Lima em 2008, que apresenta algumas reflexões sobre as práticas de subjetivação e construções identitárias em Cora Coralina e pretende explicitar a constituição do sujeito a partir de elementos da realidade histórico-social; **Cora Coralina: a mulher poeta e suas múltiplas vozes**, defendida por Lêda Vilas Boas em 2009, que trata de temas contemporâneos que permeiam a obra da escritora goiana Cora Coralina; **Rastros do vintém perdido: uma história de leitura na poesia de Cora Coralina**, defendida por Maria Ivone Souza Melo em 2011, que consiste em seguir os rastros do trajeto de formação leitora da escritora e poeta Cora Coralina, a partir das pistas sinalizadas nos poemas que compõem o seu livro **Vintém de Cobre**; **meias confissões de Aninha (1983)**; **“Na minha vida, a vida mera das obscuras”**: as representações do eu e de outros espaços em *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, de Cora Coralina, defendida por José Humberto Rodrigues

dos Anjos em 2013, que buscou analisar as representações do outro propostas pela obra referenciada e também associar a poeta à tradição poética modernista, mostrando em sua obra uma identificação com o outro, muitas vezes colocado à margem e excluído da sociedade; **Vintém de Cobre** – meias confissões de Aninha: a poética da Experiência em Cora Coralina, defendida por Denise Moreira Guedes Vieira em 2014, na qual se pretendeu analisar a obra de Cora Coralina cujo tema foi concebido a partir da ideia de que a poesia, contribuindo para a dimensão estética da existência, tem o propósito maior de permitir que a humanidade seja capaz de colocar-se num estado poético; **Poesia e Crônica em Cora Coralina**, defendida por Ludmila Santos Andrade em 2016, em que a autora aborda o trabalho de escrita em crônicas, bem como aponta como os princípios fundadores do fazer cronístico estão intrinsecamente ligados e evidentes na obra poética coralineana.

A fortuna crítica acima apresentada foi elaborada a partir de limites pré-estabelecidos e já esclarecidos, visando a demonstrar que Cora Coralina inspirou e continuará a inspirar o universo acadêmico com sua obra, tardiamente reconhecida e ainda pouco explorada, mas que abarca material de grande amplitude literária. A temática é diversa e permite amalgamar-se em diversos ramos do conhecimento humano.

Faz-se digno destacar que aos seres da natureza, que a poeta goiana tanto amou, Cora Coralina empresta seu nome. Foi desenvolvida uma espécie botânica por uma empresa produtora de lírios de Santa Catarina, que recebeu o nome de *Hemerocallis Cora Coralina*¹, e foi descoberta uma nova espécie de mariposa na cidade de Jataí/GO, a quem o pesquisador batizou de *Molippa coracoralinae*². Certamente não haveria nenhuma oposição a essas homenagens por parte da homenageada. Pelo contrário, estas vieram ao encontro do desejo a que a autora aspirou e expressou no poema intitulado Meu Epitáfio:

Morta... serei árvore
serei tronco, serei fronde
e minhas raízes
enlaçadas às pedras de meu berço
são as cordas que brotam de uma lira

Enfeitei de folhas verdes
a pedra de meu túmulo
num simbolismo

¹ Ilustração disponível no Anexo A.

² Ilustração disponível no Anexo B.

de vida vegetal.

Não morre aquele
que deixou na terra
a melodia de seu cântico
na música de seus versos (CORALINA, 2002, p. 106).

Uma flor e um animal polinizador, ambos genuínos representantes da fecundidade necessária ao curso da vida, assim como as ocorrências traduzidas da última estrofe do poema acima transcrito, que expressam o que a poeta gostaria de continuar a ser por meio de sua obra.

A Casa Velha da Ponte, bem de família pelo qual Anna Lins prezou a vida toda, onde nasceu e morreu, é atualmente propriedade particular de terceiros e abriga o Museu Casa de Cora Coralina, na cidade de Goiás/GO.

2.2 A CONSTRUÇÃO DO OBJETO

“É a ‘quase analfabeta’ mais culta que já se viu” (DENÓFRIO, 2008, p. 340, grifo do autor).

Por ter como objeto desta pesquisa o texto poético, é necessário explicitar o conceito. Pedro Lyra, em seu livro **Conceito de poesia** (1986), afirma que Poesia é substância imaterial, que “se concretiza em palavras como conteúdo do poema [...], o estado em que o indivíduo se coloca na tentativa de captação, apreensão e resgate dessa substância no espaço abstrato das palavras” (LYRA, 1986, p. 6-7); ou seja, ela não tem existência, mas torna-se concreta por meio da elaboração dos vocábulos.

O poeta é o indivíduo que possui inata a capacidade de percepção desta substância imaterial, cabendo-lhe a incumbência de concretizar a poesia, incluindo-a em um poema. Segundo Lyra (1986), “O poema é apenas o resultante de um processo técnico (escritura) que resgata a poesia do seu estado anterior de potência e a textualiza num estado posterior de objeto” (p. 55). Este trânsito, da potência ao texto, passa pelo poeta, que se vê aguçado pelo que Lyra (1986) denomina de seres: quaisquer coisas, cujos atributos provocam uma reação; apenas os aspectos transitivos “do mundo para o espírito do homem e nele provocam um estímulo que solicita resposta” (LYRA, 1986, p. 6-7), quais sejam: a duração, dentro de um tempo

cronológico ou psíquico; a magnitude, definida em um espaço físico ou mental; e a aparência, percebida pelos sentidos ou pela razão, dentro de um espaço-tempo. Nos trechos do poema intitulado O poeta e a poesia, a seguir transcritos, não somente é possível perceber algumas características de um poeta apontadas por Lyra (1986), como também é possível concluir que Cora Coralina, sem talvez nunca ter lido ou estudado o autor, soube reconhecer em si os dons inatos que somente a um poeta autêntico pertencem:

Não é o poeta que cria a poesia.
E sim, a poesia que condiciona o poeta.

Poeta é a **sensibilidade acima do vulgar**.
Poeta é o **operário**, é o **artífice da palavra**.
E com ela **compõe a ourivessaria de um verso**.

Poeta, não somente o que escreve.
É aquele que **sente a poesia**,
se extasia sensível ao achado
de uma rima, à autenticidade de um verso.

Poeta é ser **ambicioso, insatisfeito**,
procurando no jogo das palavras,
no imprevisto do texto, atingir a perfeição inalcançável (CORALINA, 1984, p. 195, grifos nossos).

Os grifos registrados acima tem o propósito de chamar a atenção para aquilo que pode diferenciar o poeta de um indivíduo outro qualquer. Ele, numa sucessão de eventos, sente, capta, opera, molda e externa as palavras de modo a que componham um significado capaz de produzir êxtase, mas ao mesmo insatisfação, porque lançam-no em uma busca quase desenfreada pela perfeição, que se sabe jamais atingida. Oportunamente será demonstrado que a mesma perfeição que Cora Coralina buscou em seus poemas também buscou-a em seu ofício de doceira, em interessante episódio presenciado por um dos netos da poeta, que posteriormente o registrou no livro de receitas que compõe o *corpus* da presente dissertação.

Pela sua capacidade de tornar material uma substância imaterial, o poeta é, portanto, um artista, e deve estar atento a uma das exigências literárias apontadas por Merquior, em seu livro **Razão do Poema** (1965), a de evitar praticar poesia sem sentido, fazer arte obscura, de difícil entendimento ou que não atenda ao apelo de se tornar veículo de comunicação social, exteriorização de reflexões emotivas e de valores. Pelo menos é o que busca a poética moderna, a nova lírica, considerada a partir dos anos de 1950, entendida como sendo a “expressão da consciência

reflexiva de uma emoção” (MERQUIOR, 1965, p. 154). O poema que atenda a esta exigência literária deve estar dotado de uma simbologia que faça sentido coletivo, compreensível e significável, ainda que imaginativa e fantasiosa, mas, de fato, racional. E, uma vez mais, é possível identificar na obra coralínea um poema, intitulado Oferta – Aos Novos que Poetizam, que vem ao encontro das prerrogativas postuladas, desta vez por Merquior (1965). Os ensinamentos elencados são tão pertinentes ao assunto ora tratado, embora nem todos sejam exigências para um poema, visto que são o ponto de vista de uma senhora que vinha das tradições arcaicas de um século antes do atual, que oportunizam a transcrição completa da peça poética:

Poeta, poetiza teu caminho.
Pega, segura com os dedos
da velha musa
o que resta de poesia
na transição da hora que passa.

Cuida bem da inspiração
que se despede por inútil.
Cuidado com o adjetivo:
traíçoeiro, corriqueiro,
se insinua libidinoso,
nu, esfarrapado, sem pudor.

Olha a rima indigente, forçada,
forçando tropeçante.
O verso desvalido, maltrapilho.
A palavra truncada.
O palavrão da moda. O jargão.
A frase feita.
O advérbio desgastado
pedindo esquecimento
e posterior recuperação.

Atenção, muita atenção!
Sem ser chamada – a palavra vulgar,
esmolambada, sabereta
vem, e vem para ficar.

A palavra pobre...
(Coitadinha da palavra pobre!)
Também tem o seu direito
de figurar no verso.

Tudo isso, mais um
conteúdo miúdo que seja
e serás Poeta (CORALINA, 2002, p. 109-110).

O poema se inicia com uma doação: a do dom poético que a autora possa vir a representar a um poeta que queira nela se inspirar e dela se valer como modelo a

seguir. Essa doação ocorre porque Cora Coralina reconhece o seu encaminhamento para a cessação da vida orgânica. Em seguida, passa para os ensinamentos: ela fez poesia por inspiração, da qual não necessita mais; os adjetivos podem atrapalhar mais do que ajudar e podem levar a composições vexatórias; atenção com a qualidade das combinações poéticas, sem naturalidade, com interpretações indesejáveis, necessitadas de um resgate de valor e de difícil reparação; não é necessário que a rima seja rebuscada, pois a simplicidade do verso também pode ser alvo de apreciação; e, por fim, que o poeta se valha da sua vivência íntima para preencher os espaços que a estética básica não pode suprir, tal a subjetividade de que carece a poesia.

Impossível, sob o ponto de vista do racional, ignorar o apelo ao social que a poesia e o poema devem atender. Por meio da expressão poética, permitem-se críticas à sociedade, discussões interpretativas dos acontecimentos, proposição de soluções, envolvimento de minorias, apontamento de regionalismos, condicionamento da memória e das experiências individuais e/ou coletivas.

Para Merquior (1965),

existe uma lírica, de não menor relêvo, cuja emoção, mais tranqüila, aparece como memória, como algo *recollected in tranquility*, ou simplesmente como vibração humana diante do puro ato de interpretar o mundo (MERQUIOR, 1965, p. 154-155).

A vibração humana, de que fala o autor acima mencionado, está, na presente dissertação, personificada em Cora Coralina, a Aninha dos Goiáses, reelaborando suas memórias e experiências nos doces glacerizados, nos poemas, nos contos regionalistas.

O *corpus* foi pesquisado e selecionado nas obras **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais (1965)**, **Meu livro de cordel (1976)**, **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha (1983)**, **Estórias da casa velha da ponte (1985)**, **O tesouro da casa velha (1989)**, **Cora coragem Cora poesia (1989)**, **Villa Boa de Goyas (2001)**, **Cora Coralina: doceira e poeta (2009)**, tendo sido mantido fixo o olhar para os objetivos específicos a serem alcançados na presente dissertação, quais sejam, mapear as aproximações e as tensões entre as duas atividades exercidas pela poeta e doceira em textos que as tematizam e examinar a hipótese de que a produção literária da autora elabora, por meio da relação entre literatura e

gastronomia, experiências vividas, sobretudo no convívio familiar e social. As datas acima mencionadas se referem às publicações das primeiras edições.

Inicialmente, foi necessária a leitura de todo o *corpus*. À medida que essa primeira leitura fluía, eram selecionados textos que faziam menção à culinária, fossem nos poemas, fossem nos contos. Desta primeira etapa da pesquisa, foram selecionados vinte e nove textos. Porém, insistentes e necessárias releituras acabaram por caracterizar uma Cora Coralina multidisciplinar. A culinária foi apenas um dos vieses por que passou a também historiadora, socióloga, folclorista, psicóloga, memorialista, poeta, cronista e contista Anna Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas, a “miniaturista de mundos idos” (CORALINA, 1985, p. 9) segundo o repórter, escritor e crítico da Editora José Olympio, J. B. Martins Ramos; a “Professora de Existência” (CORALINA, 1985, p. 13) para o crítico literário Oswaldino Marques. Embora, quanto ao caráter de historiadora, em entrevista à Folha de São Paulo, em 10 de junho de 1984, ela tenha afirmado à repórter e também poeta Dalila Teles Veras que as suas eram estórias, sem a letra “h”, porque tratava de verdades e mentiras do cotidiano passado de sua terra goiana, não era memorialista ou historiadora, a discordância vem do fato de muitos dos seus relatos terem confirmação documental consistente com a época das circunstâncias.

Cora Coralina organizou e publicou os três primeiros livros “no tarde da vida” (CORALINA, 1985, p. 41), em um processo contínuo de criação, uma vez que alterava os textos à medida que os revia e selecionava: enxertos, exclusões, trocas de palavras e frases, mudanças de títulos, correções ortográficas, dentre outras. Os demais livros são obras póstumas. As correções gramaticais, se ocorreram durante esse processo contínuo de criação, muito provavelmente se deram de forma superficial e exígua, uma vez que ela não houvera adquirido a educação formal necessária para tal tarefa durante os anos escolares e sim ao longo da vida, por aprendizado sensorial. Em trecho de entrevista exibida pelo Programa *Gyn Teen*, da TV Brasil Central, emissora estatal goiana afiliada da TV Cultura, publicado no *Youtube* em 15/4/2010, Cora Coralina afirma:

Fui tomar conhecimento de uma gramática quando meus filhos foram fazer ginásio, que trouxeram uma gramática em casa. Aí eu peguei, abri, folhee e li e cheguei à conclusão: se eu tivesse de escrever pela gramática, não escreveria coisa nenhuma. E desisti da gramática (CORALINA, 2010).

Cora Coralina abdicou das regras gramaticais, para ela repressoras e limitadoras, para compor os seus versos. Assumiu a composição dos versos livres, trazidos pelo Modernismo. Nessa mesma entrevista ela também diz que enquanto não conseguia fazer versos se dedicava à prosa. Porém, felizmente, a riqueza de um poema está muito mais na poesia que ele expressa do que na forma como ele é escrito. Como afirma Barthes (2002), “Se leio com prazer esta frase, esta história ou esta palavra, é porque foram escritas no prazer” (BARTHES, 2002, p. 9). Portanto, mesmo sem rimas ou métrica, o prazer de ler um texto de Cora Coralina reside no fato de o leitor conseguir absorver o prazer com que ele foi escrito pela autora.

O primeiro livro, **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais** (1965), cujo nome original escolhido por Cora Coralina era *Becos de Goiás e Estórias Mais*, foi organizado pela autora aos 75 anos de idade, publicado pela Editora José Olympio, do Rio de Janeiro, em junho de 1965, a mesma editora na qual ela trabalhou como vendedora externa em São Paulo nos anos de 1930, e lançado em 23 de setembro de 1965, em Goiânia (ela, portanto, já com 76 anos de idade, recém completados em 20 de agosto do mesmo ano) em um evento na Livraria Bazar Oió, “famoso pelo apoio aos escritores e artistas em geral” (DENÓFRIO, 2006, p. 204), de propriedade de Olavo Tormim, organizado e realizado pelo GEN – Grupo de Escritores Novos, do qual a autora pouco antes houvera sido convidada – e aceitado prontamente, a se tornar membro, evento este destinado a homenagear a cidade de Goiás, o qual contou com a primeira noite de autógrafos da vida de Cora Coralina e também com uma exposição dos trabalhos do pintor vilaboense Octo Marques. Segundo notícia a seção Entretenimento, do jornal Diário da Manhã, datado de 19/11/2017, naquela noite de autógrafos Cora Coralina chegou a vender a quantidade expressiva de 279 exemplares do livro, que até pouco tempo estavam esquecidos em fardos enviados pela editora à escritora, acondicionados embaixo das escadas da Casa Velha da Ponte. Especula Valladares (2016) que eles assim se encontravam porque Cora Coralina, apesar de ter realizado o sonho de publicar um livro, não sabia como promover a sua venda. Felizmente houve a iniciativa do GEN e ela conseguiu o feito.

Interessante destacar a observação de Valladares (2016) com relação ao perfil literário do GEN: “nosso grupo de ‘Novos’ pretendia sê-lo não na idade biológica, mas enquanto grupo capaz de inovar” (VALLADARES, 2016, p. 50, grifo do autor), porque tal observação permite entender que a poeta goiana, com mais de setenta anos de idade, foi convidada a participar desse grupo pelo caráter inovador

da sua escrita. Ainda que assim não tivesse sido, em mais de uma vez Cora Coralina externou por meio da poesia o quanto admirava a juventude e depositava nos jovens as esperanças de um futuro melhor para a humanidade. Pode-se, por exemplo, encontrar em: *Ofertas de Aninha (aos moços)*, “Acredito nos moços. / Exalto sua confiança, / generosidade e idealismo.” (CORALINA, 1984, p. 145); *Exaltação de Aninha (A universidade)*, “O estudante universitário do futuro / se integrará na dimensão maior de suas universidades” (CORALINA, 1984, p. 149); *Recados de Aninha – I*, “Meu jovem, a vida é boa, e você cantando o cântico / da mocidade pode fazê-la melhor” (CORALINA, 1984, p. 153); dentre outros.

Cora Coralina sempre foi grande apreciadora das flores, especialmente as rosas, chegando a plantá-las em casa ou pelas ruas quando residiu em Joboticabal/SP e também a comercializá-las na mesma cidade, as quais eram muito apreciadas. Denófrio (2006) informa ter encontrado em um artigo publicado pela folha de Goiaz na página literária do GEN, intitulado *A velha musa goiana*, o seguinte trecho de fala atribuída a Cora Coralina, quando informada sobre a data escolhida para o lançamento de seu primeiro livro: “Muito bem, disse ela contente. Bela data” (DENÓFRIO, 2006, p. 210). Portanto, a data escolhida pelo GEN para o evento de lançamento e exposição não poderia ter sido melhor.

Sobre o convite para participar do GEN, Denófrio (2006) e Valladares (2016) confluem para a expressão marcante de Cora Coralina em sua resposta ao grupo, com pequeníssimas diferenças, mas que parecem demonstrar um fato consumado na mente da autora goiana, faltando apenas tempo para se materializar: “Não esperava outra coisa de vocês. E mereço” (DENÓFRIO, 2006, p. 210) e “Aceito, sou do GEN... e eu mereço!” (VALLADARES, 2016, p. 52).

A exemplo de Denófrio (2006, p. 205-206) e Valladares (2016, p. 58), segue a transcrição do convite feito para o evento, “em sua formatação original, se não me engano realizado em papel sulfite, encorpado e brilhante” (VALLADARES, 2016, p. 57):

BAZAR OIÓ

Convida

V. Exa e família para o lançamento do livro
De Cora Coralina “POEMAS DOS

BECOS DE GOIÁS E ESTÓRIAS MAIS”.

Promoção do GEN.

Inauguração da Exposição Individual de
Pintura de OCTO MARQUES.

Promoção da Alba Galeria e Bazar Oió.

Horário: 20 horas

Dia: 23 de setembro

BAZAR OIÓ – Av. Goiás, n. 53

Patrocínio do Departamento Estadual de Cultura

A transcrição do convite para o lançamento do primeiro livro de uma solitária viúva septuagenária nos anos de 1960, poeta por vocação, doceira por profissão, que almejou quase a vida inteira a fama literária e a conquista de um espaço de estante, é uma forma de tentar apreender a emoção que o papel impresso de forma simples, mas que continha o nome Cora Coralina, pode despertar naquele coração vermelho goiano que o lia. Era o vislumbre da realização de um sonho e pode ter funcionado emocionalmente como ignição à geração de perspectivas promissoras para o futuro. E como não poderia deixar de ser a um poeta, a gratidão pelo empenho do grupo GEN e nominalmente alguns de seus membros e pelo apoio às artes dado pela Livraria Oió àquela velha escritora foi externada em forma de poema, em alguns dos versos de *Meu vintém perdido*, contido no livro **Vintém de Cobre**: meias confissões de Aninha (1983), transcritos a seguir:

Leitores e promoção.

Meu respeito constante, gratidão pelos jovens.

Foram eles, do grupo Gen, cheios de um fogo novo
que me promoveram a primeira noite de autógrafos
na antiga livraria Oió: Jamais os esquecer.

Miguel Jorge, nos seus dezessete anos, namorado firme
de Helena Cheim, também escritora e amiga de sempre.

Luís Valladares e tantos outros a quem devo
tanta manifestação carinhosa e generosidade.

Hecival de Castro, dezessete anos lá se vão corridos (CORALINA, 1984, p. 62).

Na última estrofe citada acima, destaca-se um dado interessante: o poema parece ter sido escrito no ano de 1982, considerando-se que o evento de

lançamento a que Coralina se refere deu-se no ano de 1965. Ela contava, portanto, com 93 anos de idade e com uma lucidez impressionante. O grupo GEN, a livraria e os nomes citados existiram e aparecem em outros livros, inclusive autorais, utilizados nas pesquisas bibliográficas para embasar a presente dissertação.

Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais (1965) iniciou sua gestação ainda em terras paulistas. Segundo informações de Britto e Seda (2009), colhidas no acervo da autora goiana, os poemas que compuseram a primeira edição do supracitado livro foram escritos entre as décadas de 1930 e 1960, sendo sua maior parte resultado do impacto do retorno à terra natal, em 1956. Por ocasião da organização desse livro, os originais ela mesma datilografou em máquina de escrever que ganhou de um amigo e apoiador, Dr. Tarquínio J. B. de Oliveira, a quem chamou de “padrinho e animador desta publicação” (CORALINA, 1985, p. 35) em uma homenagem que fez na abertura do livro. Para tanto, precisou matricular-se em curso de datilografia aos 71 anos de idade, tendo sido considerada aluna aplicada e exemplar dentre os jovens colegas de turma. Interessante mencionar que Cora Coralina gostava de escrever seus textos à mão livre em caderninhos, a lápis ou a caneta, os quais tinha sempre ao seu alcance em quaisquer instalações por onde circulasse. Estes foram encontrados pelos familiares em lugares inimagináveis dentro da Casa Velha da Ponte após sua morte, tais como gavetas na mobília da cozinha, jornais dobrados, revistas ou marginália de calendários. A poeta chegou a afirmar “Não digo na máquina, porque eu não sei pensar na máquina. Escrevendo à máquina eu não coordeno o meu pensamento” (BRITTO e SEDA, 2009, p. 271 *apud* SALLES, 2004, p. 6), porque dizia escrever por inspiração:

[...] quando vem, se eu deixo fugir aquele momento, não volta mais. Como me vem sempre à noite ou pela manhã, tenho perto de minha cama um castiçal com vela e fósforo; um caderno espiral e uma esferográfica para apanhar aquele momento. Depois de apanhado, eu não leio. Escrevo como se fosse uma gravação, sem preocupação de gramática, de estilo, nada. Um esquema. De manhã, vou reler aquilo. Às vezes, tem coisas valiosas que aproveito; outras, nem tanto. Mas fico muito satisfeita quando escrevo um esquema válido (VELLASCO, 1990, p. 105).

A primeira edição de **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais** (1965), “com uma feição simples, formato 14x21 cm e sem ilustrações” (BRITTO e SEDA, 2009, p. 273) rapidamente se esgotou. Houve certa repercussão positiva no campo literário, especialmente em Goiânia, em que alguns de seus poemas foram

promovidos ao serem publicados em suplementos literários da capital. Porém, esse sucesso inicial foi regional e Cora Coralina não conseguiu expandir a promoção de seus textos para além das fronteiras goianas. Chamava mais a atenção de jornalistas e críticos a idade da autora do que o conteúdo literário de sua obra. Sendo assim, essa voz feminina praticamente ficou esquecida por treze anos até conseguir nova edição do livro, em 1978.

Um ano após a segunda edição do livro, homenagem feita pela Editora da Universidade de Goiás aos setenta anos de contribuição da autora à vida cultural regional de Goiás, Carlos Drummond de Andrade teve pela primeira vez em suas mãos uma obra de Cora Coralina. Ficou tão impressionado com o seu lirismo que escreveu à editora a seguinte carta:

Rio de Janeiro, 14 de julho de 1979.

Cora Coralina.

Não tendo o seu endereço, lanço estas palavras ao vento, na esperança de que ele as deposite em suas mãos. Admiro e amo você como a alguém que vive em estado de graça com a poesia. Seu livro é um encanto, seu verso é água corrente, seu lirismo tem a força e a delicadeza das coisas naturais. Ah, você me dá saudades de Minas, tão irmã do seu Goiás! Dá alegria na gente saber que existe bem no coração do Brasil um ser chamado Cora Coralina.

Todo o carinho, toda a admiração do seu

Carlos Drummond de Andrade (CORALINA, 1985, contracapa).

Foi somente a partir da divulgação desta carta à mídia da época que a escritora Cora Coralina se impôs à mítica imagem da “velhinha de Goiás” (BRITTO e SEDA, 2009, p. 383) que escreve versos e passou a ter maior importância. Conseguia, finalmente, expandir as fronteiras regionais e interpenetrar as nacionais.

Do livro **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais (1985)** foram utilizados, no todo ou em parte, os seguintes textos, em ordem alfabética: a) Antiguidades, onde a autora associa memórias sensoriais e afetivas a um tipo de bolo feito em sua casa; b) Ao leitor, um pequeno texto que Cora Coralina inseriu na apresentação do livro para justificar de forma sintética o objetivo dessa publicação: organizar sua obra e preservar a memória de sua terra para as gerações futuras; c) Cora Bretas – Cora Coralina, homenagem do jornalista e escritor J. B. Martins Ramos, onde afirma ser a autora goiana capaz de miniaturizar e eternizar nos versos tempos passados; d) Cora Coralina Professora de Existência, escrito pelo

crítico literário Oswaldino Marques, em que ele faz uma análise crítica dos poemas contidos no livro; e) De como acabou, em Goiás, o castigo dos cacos quebrados no pescoço, nota que Cora Coralina escreve referente a um acontecimento trágico anterior ao seu castigo, então atenuado, do uso do colar de cacos como reprimenda a crianças que, por danadices, quebravam coisas em casa; f) Duas Palavras Especiais, em que Cora Coralina explica como chegou à terceira edição do livro; g) Frei Germano, poema dedicado ao frei dominicano que impressionou Cora Coralina, quando ainda menina e aluna da Mestra Silvina, ao ensinar-lhe e aos colegas as lições de catecismo; h) Minha Cidade, onde em um pequeno trecho se pode identificar a origem das memórias coralineanas; i) Minha Infância, cujo manuscrito traz a data de 10 de outubro de 1938 e a assinatura Cora Brêtas, contando a autora, portanto, com 49 anos de idade, é um poema psicanalítico em que Cora Coralina narra dolorosas ocorrências da sua infância ligadas à educação, à aparência física e à genialidade poética em gestação; j) Mulher da Vida, poema escrito em contribuição ao Ano Internacional da Mulher, em 1975, onde Cora Coralina relata os seus pesares para com as prostitutas, as quais chama de irmãs, e reconhece nelas valores que a sociedade não era capaz de visualizar; k) Ode às Muletas, poema destinado a homenagear as muletas que foram tão úteis e companheiras até os últimos dias da vida da anciã que fazia doces na cozinha de casa e por ocasião de fraturas sofridas seguidamente no fêmur não pode mais prescindir da autossuficiência dos movimentos nos membros inferiores; l) O Prato Azul-Pombinho, em cujo manuscrito encontra-se grafado o título Do Prato Azul Pombinho, assinado Cora Coralina, é uma narrativa poética que conta a história dos múltiplos usos e quebra da última peça de louça chinesa pertencente à bisavó da pequena Anica inzoneira, a quem é imputada a culpa e em quem recai o castigo de usar por tempo suficientemente torturante, ameaçador e humilhante um dos cacos amarrados ao pescoço por um cordão, fato que a fez associar memórias sensoriais e afetivas importantes para a formação da doceira Cora Coralina; m) Oração do Milho, na verdade um belíssimo poema-oração introdutório ao Poema do Milho, em que o milho se personifica e eleva a Deus rogativa repleta de palavras de humildade, que alavancam o vegetal a uma condição valiosa como alimento rico e substancioso ao ser humano e aos animais de criação; n) Oração do Pequeno Delinquente, poema-prece destinado à causa dos menores abandonados, muitos dos quais infratores em tenra idade; o) Oração do Presidiário, poema-prece em que Cora Coralina dá voz a

um indivíduo encarcerado resignado ao externar em seu lugar os sentimentos de gratidão a Deus; p) Ressalva, poema escrito para apresentar sua trajetória e o conteúdo do livro: escritora forjada em meio a amenidades e dificuldades, de estórias antigas de caráter regionalista, contadas e/ou recontadas de forma poética; q) Todas as Vidas, poema utilizado na íntegra, em que Cora Coralina se diz povoada de outras existências, embora não faça menção à sua escrita - a cabocla velha, a lavadeira, a boa cozinheira, a mulher do povo, a roceira, a mulher da vida - com as quais conviveu (ou soube existirem) durante os anos de vida e que foram objeto de inspiração; r) Transcrição da carta que Carlos Drummond de Andrade escreveu a Cora Coralina e endereçou à Imprensa da Universidade Federal de Goiás, em 14 de julho de 1979, na qual fala do desconhecimento do endereço da poeta e da esperança de que tal carta chegasse às mãos dela para que soubesse do encantamento que o livro surtiu na alma poética drummondiana.

O segundo livro, **Meu livro de cordel (1976)**, também organizado pela autora, datilografado em parceria com parentes e amigos e publicado pela Livraria e Editora Cultura Goiana, foi dedicado à arte do Cordel e, conseqüentemente, às raízes nordestinas de Cora Coralina. Ela o abre com a seguinte dedicatória:

Meu livro de Cordel
Pelo amor que tenho a todas as estórias e
poesias de Cordel, que este livro assim o seja,
assim o quero numa ligação profunda
e obstinada com todos os anônimos
menestréis nordestinos, povo da minha
casta, meus irmãos do Nordeste rude,
de onde um dia veio meu Pai para
que eu nascesse e tivesse vida (CORALINA, 2002, p. 5).

Muitos dos poemas que compuseram esse segundo livro foram escritos em 1973 por ocasião de uma situação inusitada: Cora Coralina passou alguns meses na casa de um sobrinho em Goiânia se restabelecendo de uma cirurgia necessária para reparar sérios danos em uma fratura no fêmur direito ocasionados por uma queda que sofreu na escada da cozinha de casa, no mesmo ano. Nessa época ela estava no auge da produção de doces para fins comerciais.

Do livro **Meu livro de cordel (1976)** foi utilizado o conto Aquela mulher fez uma sopa de pedra, em que Cora Coralina, fruto da vivência na cidade de Andradina/SP, narra o fato considerado milagroso de uma sopa de pedras transformar-se em uma substanciosa sopa de carne para atender às aflições de uma

paupérrima família faminta que ela conheceu. E da edição de 2002 do mesmo livro foram utilizados, no todo ou em parte, os seguintes textos, em ordem alfabética: a) Cora Coralina, Quem É Você?, poema no qual ela se revela mais identificada profissionalmente com a confecção dos doces do que com a produção escrita; b) Das Pedras, poema em que Cora Coralina diz ter feito das dificuldades (pedras) degraus que a conduziram ao reconhecimento de sua poética; c) Dedicatória ao livro, em que diz do amor que sente pela literatura de Cordel e do orgulho que dedica às raízes nordestinas de seu sangue; d) Era assim em Jabuticabal, poema cuja temática é o pão e retrata um costume interiorano antigo de se levar o alimento referido das padarias da cidade aos domicílios, ainda na madrugada; e) Estas Mãos, poema dedicado às mãos laboriosas da doceira e dona de casa Sra. Cora Brêtas; f) Eu Voltarei, poema que reincide na temática do trigo e do pão, em que a autora goiana deixa a entender um desejo futuro de trabalhar com o cereal e o alimento dele derivado; g) Humildade, novamente um poema-oração, em que Cora Coralina, já readaptada à vida na cidade-natal após 45 anos ausente e morando somente com empregados e agregados, sem parentes, agradece a Deus a companhia e os préstimos de seu fogão de lenha; h) Lucros e Perdas, poema que a autora goiana faz uma espécie de balanço geral de sua vida, avaliando as inúmeras ocorrências e classificando-as ora como lucros, ora como perdas; i) Meu Epitáfio, breve poema em que Cora Coralina externa seus desejos pós morte de tornar-se inesquecível; j) Oferta – Aos Novos que Poetizam, poema metalinguístico em que Cora Coralina aconselha e ensina a arte de compor aos novos poetas e se coloca como exemplo a seguir; k) Pão-Paz, poema que exalta o trigo e retoma a temática do pão, um dos alimentos mais antigos da humanidade e que está presente em praticamente todas as culturas; l) Rio Vermelho, poema memorialístico carregado de metáforas, dedicado ao rio de mesmo nome que corta a cidade de Goiás e que perpassa uma das laterais da Casa Velha da Ponte, com o qual a poeta se identifica tal a perenidade e a persistência de ambos.

O terceiro livro, **Vintém de cobre**: meias confissões de Aninha (1983), organizado pela autora e publicado pela Editora da UFG – Universidade Federal de Goiás, nasceu de uma Cora Coralina já com reconhecimento nacional, ganhadora de prêmios literários importantes e prestes a conquistar, três dias após o lançamento do referido livro, em 18 de agosto de 1983, pela Universidade Federal de Goiás, o título de Doutora *Honoris Causa* por seus valiosos préstimos à literatura:

Em Cora Coralina almejamos sejam homenageados o Saber e a Cultura, as Artes e as Letras, os Padrões Morais e Culturais da nossa Terra e da nossa Gente. Profª Maria do Rosário Cassimiro. Reitora (BRITTO e SEDA, 2009, p. 695).

Com esse livro Cora Coralina ganhou o troféu Juca Pato, oferecido pela UBE – União Brasileira de Escritores de São Paulo, com patrocínio do jornal Folha de São Paulo, prêmio literário brasileiro voltado para a eleição do Intelectual do Ano de 1983. Conquistou também o quinto lugar dentre os livros classificados para o concurso O LIVRO DO ANO, promovido pela Secretaria de Estado da Cultura através do Museu da Literatura de São Paulo, filiado ao DEMA – Departamento de Museus e Arquivos. Era este um dos maiores prêmios literário do Brasil à época.

Vintém de cobre era moeda de valor nos tempos da menina Anna Lins. Certa vez, em entrevista ao programa *Vox Populi*, da TV Cultura de São Paulo, em 1984, Cora Coralina explicou a simbologia por trás do nome do livro:

Vintém de cobre, [...], é um símbolo de um vintém que me faltou na infância para por na gaiola de um passarinho chamado pulvi uma banana, me faltou esse vintém. E foi preciso que se abrisse a porta da gaiola e soltasse o passarinho para que ele não morresse aí de fome. [...] Ele está ligado visceralmente à minha vida, ao meu emocional e às minhas razões de ser e de criatura que vem de um passado longínquo (BRITTO e SEDA, 2009, p. 410).

Ainda que em meio à fama e com ela viagens, entrevistas, prêmios e lançamento de livros, Cora Coralina manteve praticamente inalterada sua rotina doméstica e iniciou a organização de mais dois livros. **Vintém de Cobre**: meias confissões de Aninha (1983) foi o segundo deles a ser escrito, mas o primeiro deles e o último a ser publicado, ainda em vida. Trata-se de um livro de memórias preenchido em sua maioria por poemas escritos próximos à época da publicação, em que o eu poético Aninha, “como máscara lírica da infância” (BRITTO e SEDA, 2009, p. 394) e principal personagem relata confissões, ou melhor, “‘Meias confissões’, porque ninguém faz confissões completas” (CORALINA apud SALLES, 2004, p. 51 apud BRITTO e SEDA, 2009, p. 393) de uma vivência infantil/juvenil permeada por dificuldades financeiras da família em decadência. Há também poemas que homenageiam uma diversidade de personalidades de seu convívio e as terras e tradições de Goiás. O repertório é vasto, variado e impressiona pela riqueza de detalhes memorialísticos, especialmente ao se considerar a avançada idade da

autora quando da escritura da maioria dos textos do livro. Explicação melhor se encontra nas palavras da própria autora, ao apresentar o seu livro ao público leitor:

Este livro, meias confissões de Aninha,

é um livro tumultuado, aberrante, da rotina de se escrever e ordenar
/um livro.

Tumultuado, como foi a vida daquela que o escreveu.
Conseqüente. Vai à publicidade sem nenhuma pretensão.
Alguma coisa, coisas que me entulhavam, me engasgavam
e precisavam sair.
É um livro das conseqüências.
De conseqüências.
De uma estou certa, muitas dirão: estas coisas também
se passaram comigo.

Este livro foi escrito no tarde da vida,
procurei recriar e poetizar. Caminhos ásperos
de uma dura caminhada.
Nos reinos da Cidade de Goiás, onde todos somos amigos do Rei.
(Parodiando M. Bandeira) (CORALINA, 1984, p. 33).

Assim como fez ao primeiro livro lançado por Cora Coralina em sua segunda edição, Carlos Drummond de Andrade também escreveu a ela para tecer elogios ao terceiro livro:

Rio de Janeiro, 7 de outubro de 1983.

Minha querida amiga Cora Coralina:

Seu "Vintém de Cobre" é, para mim, moeda de ouro, e de um ouro que não sofre as oscilações do mercado. É poesia das mais diretas e comunicativas que já tenho lido e amado. Que riqueza de experiência humana, que sensibilidade especial e que lirismo identificado com as fontes da vida! Aninha hoje não se pertence. É patrimônio de nós todos, que nascemos no Brasil e amamos a poesia [...].

[...].

O beijo e o carinho do seu

Drummond (CORALINA, 1984, p. 17).

Do livro **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha (1984)** foram utilizados, no todo ou em parte, os seguintes textos, em ordem alfabética: a) A gleba me transfigura, poema em que Cora Coralina traça seu perfil de mulher interiorana, roceira, que ama a terra, trabalha nas lavouras, na cozinha, lida com os peões, não teme as dificuldades; contrapõe a Aninha, inzoneira e frágil, à Sra. Cora Brêtas, destemida e trabalhadora; b) Aninha e suas pedras, poema datado de outubro de 1981 (Cora Coralina está com 92 anos de idade), onde ela aconselha a valorizar o

trabalho e o esforço pessoal diante das dificuldades; enfatiza especialmente seus dois principais ofícios: doceira e escritora; c) *Aquela gente antiga – II*, onde se percebe a exteriorização de sentimentos gerados pelo desprezo da família de Cora Coralina; d) *As maravilhas da Fazenda Paraíso*, poema onde as descrições da natureza são frequentes e minuciosas, bem como as relacionadas a parentes e serviçais, sinalizando forte catarse memorialística; e) *Cântico excelso*, onde Cora Coralina informa ter escrito o livro em memória da Mestra Silvina, que mesmo com sua pedagogia dura e cruel, típica da época, soube ser para a Aninha a sua carta de alforria às letras; f) *Carta de Drummond*, endereçada a Cora Coralina para agradecê-la por tê-lo presenteado com a obra e para elogiá-la pela qualidade do livro; g) *Cigarra cantadeira e formiga diligente*, poema em que Cora Coralina se compara às personagens da fábula da cigarra e da formiga, afirmando que foi tanto observadora da vida, quanto a que cantou tais fatos observados em seus versos, sem nunca ter deixado a vida laboral; nele também há uma menção carinhosa à neta Célia; h) *Criança*, poema que relata castigos cruéis (físicos e psicológicos), humilhações, constrangimentos e exposição a perigos a que as crianças do tempo da infante Anna Lins eram submetidas; i) *Este livro, meias confissões de Aninha*, onde a autora goiana explica o significado da presente obra; j) *Lembranças de Aninha (A mortalha roxa)*, poema histórico em que Cora Coralina relata o acontecimento em torno de um presidiário encaminhado à cadeia da Cidade de Goiás, acompanhado da esposa, que fica na rua, sem abrigo, e é convidada a morar na casa da tia Nhorita, de onde Aninha tem várias lembranças relacionadas à culinária, hospitalidade e tradições quando das visitas familiares; k) *Menina mal amada*, poema de grande impacto emocional, considerado pela crítica como uma das peças mais expressivas de sua obra, tal o conteúdo denso e detalhista de descrições de maus tratos diversificados sofridos por Cora Coralina na infância e adolescência, dentro do núcleo familiar e no ambiente escolar; onde ela diz do seu repúdio às palavras saudade e infância, porque não tinha boas lembranças a recordar; l) *Mestra Silvina*, poema dedicado à única professora e à única escola que teve; no qual Cora Coralina reconhece a importância da mestra, por ter aberto a ela a possibilidade da leitura e da escrita, e também o salto de conhecimento que deu desde os primeiros ensinamentos, chegando às noites de autógrafos dos seus livros; m) *Meu amigo (In memoriam)*, poema que trata inicialmente de questões ambientais, mas que termina com a poeta indicando o maior valor dos seus poemas: seus

temas; n) Meu melhor livro de leitura, que pincela o caráter da comida como consolo; o) Meu vintém perdido, em que Cora Coralina poetiza uma espécie de auto-análise, apontando o fato de ter deixado filhos e demais parentes em São Paulo para voltar sozinha a Goiás muitos anos após sua partida fugidia; a saudade dos poucos anos escolares e as dificuldades de aprendizagem, especialmente das ciências exatas; as dificuldades enfrentadas para conseguir organizar e publicar o primeiro livro; o respeito e gratidão aos jovens amigos que a apoiaram no lançamento; a admiração pela Língua Portuguesa e as dificuldades que enfrentou para escrever bem devido à sua pouca escolaridade, ao mesmo tempo em que valoriza a linguagem simples e errônea dos humildes trabalhadores com quem teve contato ao longo de sua vida; p) Na Fazenda Paraíso, poema de conteúdo e enfoque muito similares ao As maravilhas da Fazenda Paraíso, já mencionado; agora, porém, estando mais para um relato de fatos históricos relacionados à vida rural em Goiás, especialmente usos e costumes, ou uma prosa poética, no qual Cora Coralina informa sobre a aquisição da fazenda à época das sesmarias; apresenta familiares e serviçais, alguns ainda escravos; relata incumbências domésticas, tradições familiares, deveres da hospitalidade; descreve técnicas culinárias, agrícolas, terapêuticas e credices populares; reafirma o caráter gregário e memorialístico da comida, tudo escrito num linguajar antigo e denso em regionalismos; q) Normas de educação, poema no qual Cora Coralina dá a conhecer como eram algumas das normas de educação de sua época de menina, o trato rude com os escravos e pomposo com as visitas; onde há também a descrição de algumas técnicas culinárias e um relato de como ela era intelectualmente diferente das demais crianças de sua época; r) Nunca estive cansada, poema no qual Cora Coralina reconhece a produção de doces como sua profissão e, talvez, seu melhor dom; no qual ela confirma o caráter imaginário de um artista, a sua trajetória atrelada à agricultura e registra sua visão empreendedora; s) O longínquo cantar do carro, poema que se inicia com versos um tanto métricos e ritmados, porém transforma-se numa narrativa sobre os carros puxados a tração animal que traziam mercadorias à cidade ou à fazenda do avô; os quais eram muito aguardados por todos, ansiosos pela chegada das encomendas feitas há tempos; t) O triângulo da vida, poema em que Cora Coralina afirma ter absorvido o linguajar antigo da bisavó; apresenta também caráter filosófico e religioso; u) Os aborrecimentos de Aninha, onde se podem encontrar apontamentos decepcionantes para a jovem Aninha, tais como roupas de que não se agradava, carência nutricional

de que era portadora, a aparência desagradável e frágil associada ao pai doente, o tratamento diferenciado destinado às irmãs, dentre outros; v) Os apelos de Aninha, texto que se caracteriza como uma espécie de correspondência endereçada ao presidente do Brasil, onde Cora Coralina externa suas preocupações com relação aos problemas da região Nordeste do país tão desvalorizada pelas autoridades; w) Semente e fruto, poema autobiográfico que rememora algumas situações dolorosas vivenciadas por Cora Coralina desde a infância até o retorno a Goiás; em que ela reconhece a força recebida a partir do nascimento dos, e pelo convívio com os, filhos; x) Sequências, poema que relata o episódio da aquisição inapropriada de um abacate, os castigos advindos e o repúdio ao fruto, que a pequena Aninha criou e carregou por anos; y) Sombras, um poema de despedida, no qual a autora goiana reconhece a decrepitude característica da idade avançada e as limitações que ela impõe, conduzindo-a a ceder ao cansaço da vida; z) Sou raiz, poema de conteúdo semelhante ao anteriormente mencionado; porém, nesse Cora Coralina parece ser mais expectadora do que personagem; há forte saudosismo, um elenco de trabalhadores e cidades de sua história de vida; a.1) Voltei, poema que trata da volta de Cora Coralina a Goiás, depois de mais de 40 anos de ausência; em que ela relembra especialmente a Mestra Silvina e os minguados anos escolares que teve;

Cora Coralina iniciou a organização do livro **Estórias da casa velha da ponte (1985)** antes do terceiro livro, **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha (1983)**. Porém, este foi publicado primeiro e o sucesso por ele alcançado fez a autora goiana interromper os compromissos para se dedicar a viagens de promoção, recebimento de prêmios e lançamentos diversos. Tendo retornado a Goiás no final do ano de 1983, retomou a organização dele.

Trata-se de um livro de contos e crônicas que a autora elaborou, revisou, refez e reorganizou com tamanha tranquilidade, que os que a acompanhavam se admiravam, tal a idade avançada e as oscilações à saúde da poeta. Vinha tendo, desde o ano anterior, gripes frequentes, mas que não permitia abaterem sua disposição em concluir o projeto em andamento. Infelizmente, como a morte em algum momento suplanta a vida, em uma dessas crises gripais, após a Semana Santa do ano de 1985, seu quadro evoluiu para uma pneumonia, que acabou por ceifar-lhe a vida, no dia 10 de abril, na UTI do Hospital São Salvador, em Goiânia. Daí em diante ficou a cargo dos herdeiros a publicação deste e dos demais livros que atualmente compõem a obra de Cora Coralina. O referido livro teve a honra de

receber dela mesma a sua apresentação, intitulado Nada Novo..., onde se pode confirmar o caráter narrativo de seus escritos:

Ressalva. O *conto* é uma modalidade literária ingrata e não raro surpreendente.

Quando acreditamos, ufanos, que sua motivação, seu pequeno enredo seja original de uma cidade, e nossa a primazia de o contar, vemos com surpresa que outras cidades também reivindicam o mesmo assunto e que outros contistas já garimparam na lavra.

Concluimos, portanto, que o enredo seja de toda parte e de todos que escrevem, ressaltando apenas o estilo de cada um e os recursos próprios de quem escreve e conta. Por isso nos resguardamos dos juízos apressados.

A autora (CORALINA, 2014, p. 5).

Do livro **Estórias da casa velha da ponte (2014)** foram utilizados, no todo ou em parte, os seguintes textos, em ordem alfabética: a) Casa Velha da Ponte, que conta a história da casa onde Cora Coralina nasceu e morreu, sua construção, sua degradação, histórias ocorridas e momentos de reflexão sobre os impactos dessas histórias e seus personagens na formação da personalidade da ilustre residente; b) Nada Novo, uma ressalva que a autora goiana faz a respeito do conto, que é o estilo literário por ela empregado na elaboração do referido livro; c) Papéis de Circunstância, igualmente um relato histórico, especialmente voltado para o registro memorialístico de ocorrências familiares que impregnaram o imaginário criativo da futura escritora Anna Lins.

O livro **O tesouro da casa velha (1989)** foi organizado a partir da seleção de textos inéditos do espólio literário de Cora Coralina, pertencente à Global Editora, feita por Dalila Teles Veras, escritora e poeta portuguesa radicada no Brasil, em comemoração ao centenário de Anna Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas. A organizadora levou em consideração o caráter memorial dos escritos da autora goiana e tratou de compilar um livro dotado de contos regionalistas de Goiás e de São Paulo, lugares onde Cora Coralina morou.

Do livro **O tesouro da casa velha (2000)** foi extraído o conto As Cocadas, que aborda uma ocasião culinária especial: a participação de Aninha na confecção de cocadas. Ela que ajudou a prima na preparação dos doces não pode desfrutar de mais do que duas delas. E o pior é que as demais foram guardadas, esquecidas e, mofadas, jogadas fora aos cães.

A biografia romanceada escrita pela filha caçula de Cora Coralina, Vicência Brêtas Tahan, **Cora Coragem Cora Poesia (1989)**, foi utilizada com o propósito de servir de suporte a algumas das ocorrências presentes nos poemas e contos e às ideias defendidas na dissertação.

O livro **Villa Boa de Goyas (2001)** foi organizado a partir da seleção de textos inéditos do espólio literário de Cora Coralina feita pela própria Global Editora, poemas e contos, que tematizam especialmente a Cidade de Goiás, antigamente denominada Villa Boa de Goyaz. Esse lançamento foi uma homenagem à cidade, tombada pela Unesco como patrimônio da humanidade.

Do livro **Villa Boa de Goyas (2001)** foi extraído o texto No Gosto do Povo, prosa poética em que Cora Coralina descreve aspectos físicos da cidade de Goiás e defende a retomada de antigos nomes de becos e praças e até mesmo do nome da cidade, grafado com y e z.

Cora Coralina: doceira e poeta (2009) não é somente um livro de receitas, mas também uma homenagem de familiares e da Global Editora à poeta e doceira Cora Coralina. Nele estão presentes receitas originais, cujos textos sofreram apenas revisão ortográfica, receitas adaptadas aos ingredientes e recomendações nutricionais modernas, fotografias do cotidiano da cidade de Goiás, da Casa Velha da Ponte e da própria Cora Coralina no exercício de seu ofício de doceira, além de poemas e textos próprios e de autoria de parentes da poeta, de jornalistas e dos editores, materiais que foram explorados no decorrer do trabalho para ilustrarem ou reforçarem ideias e situações abordadas. Destaques para os textos: a) A Doceira da Casa Velha da Ponte, de autoria de J. A. Dias Lopes, jornalista, diretor de redação da revista **Gosto** e colunista do caderno Paladar, de **O Estado de S. Paulo**, onde se pode encontrar uma breve biografia de Cora Coralina e interessantes apontamentos a respeito do seu ofício de doceira; e b) Lembranças de minha avó, de autoria do neto Flávio de Almeida Salles Júnior, advogado e jornalista, filho de Jacintha Philomena Brêtas de Almeida Salles, terceira filha da autora goiana, onde ele relata lembranças do convívio com a avó e especificamente o desempenho do ofício de doceira durante as visitas que fez à Casa Velha da Ponte.

3 CORA CORALINA: A LINGUAGEM, A MEMÓRIA, A VIDA³

“Goiás de Cora Coralina a antiga menina Aninha, senhora da geografia dos becos e dos mistérios, coloquiais, espécie de fada madrinha da cidade” (QUEIROZ, Raquel de. In: VALLADARES, 2016, p. 357).

Até onde a ciência conhece, o ser humano é o único animal que desenvolveu uma linguagem escrita, capaz de codificar a linguagem oral e, conseqüentemente, o pensamento⁴. E excetuando-se alguns países orientais, como Japão e China, por exemplo, cuja linguagem escrita, desenvolvida há milênios, se dá por ideogramas, os demais utilizam a linguagem escrita alfabética, desenvolvida muito mais recentemente, para a prática da leitura⁵.

Mas o que se deu primeiro: a leitura ou a escrita? Uma prescinde da outra e vice-versa? Segundo Yunes (2002), a leitura como sendo a capacidade de reconhecer e interpretar uma narrativa está presente no seio da humanidade desde antes de os sumérios desenvolverem a escrita, em imagens arqueológicas encontradas em cavernas, por exemplo, nas quais se pode ler e entender fatos históricos acontecidos com os primeiros seres humanos: caçadas, embates, usos e costumes. Ou em danças ritualísticas, onde há gestuais e expressões corporais que contam uma história. Tais interpretações prescindem de qualquer forma de escrita.

A linguagem oral, “única forma de língua que é ‘natural’, no sentido de que sua utilização na produção do discurso não requer nenhum procedimento de instrução ou educação” (BRESSION, 2001, p.25, grifo do autor) é o resultado de uma apreensão audiovisual que se externa espontaneamente, sob condições saudáveis do aparelho fonador e à medida que os meses iniciais de vida se passam. Já o domínio da linguagem escrita e especialmente a sua leitura não têm o

³ Uma versão modificada da presente seção foi publicada na revista **LEITURA EM REVISTA**. Rio de Janeiro: Instituto Interdisciplinar de Leitura Puc Rio, n. 12, 2017. Quadrimestral. Disponível em: <<http://ler.iiler.puc-rio.br/index.php/LER/article/view/17>>. Acesso em: 23 maio 2018.

⁴ Tim Ingold (1994), em seu artigo ***Humanity and Animality***, afirma que o ser humano se distingue dos demais animais, inclusive os mais assemelhados a si, como os orangotangos e chimpanzés, por possuir os seguintes atributos exclusivos: a linguagem e o raciocínio. E segundo François Bresson, em seu artigo **A leitura e suas dificuldades**, “A escrita constitui uma codificação da linguagem oral” (BRESSION, 2001, p. 25) utilizada para a produção do discurso e, portanto, para externar o pensamento.

⁵Ainda segundo François Bresson, no mesmo artigo, o ponto central da compreensão da leitura, seja por ideogramas ou por palavras, é desenvolver a capacidade de corresponder sequencialmente o que se lê com o que se fala. Uma vez desenvolvida essa capacidade, tem-se constituída a linguagem.

mesmo curso: requerem necessariamente aprendizado sistematizado, podendo este se dar em uma escola ou a partir de um instrutor particular. Reconhecer signos de escrita, palavras ou reproduzir frases decoradas de um texto não significa necessariamente ler. Esta exige compreensão do que se leu e, para tal, maior complexidade mental, atrelando inconscientemente os grafemas aos fonemas. Uma vez letrado⁶, o indivíduo se apropria de um poder transformador, não mais subtraído.

Ensinar a ler um grupo social até então analfabeto é apresentá-lo ao poder, com direito infinito, do livro. Apenas ele, [...], poderá destruir os modelos antigos, crenças ou superstições, no próprio coração dos quadros sociais que asseguram sua permanência (HÉBRARD, 2001, p. 36).

Mas essa apropriação pode se dar de maneira autônoma?

Jean Hébrard, professor da *École Pratique des Hautes Études en Sciences Sociales* – Escola Prática de Altos Estudos em Ciências Sociais, de Paris, e pesquisador do CNRS – *Centre National de La Recherche Scientifique* –, além de atuar no Ministério da Educação francês, como *Inspecteur Général de l'Éducation Nationale*, é especialista em história cultural e se destaca por inúmeros trabalhos na área da leitura, especialmente da história da leitura. Em seu trabalho *O autodidatismo exemplar: Como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler?* (2001), que vamos utilizar como um dos pilares de discussão desta seção para defender a ideia de que Cora Coralina peregrinou do autodidatismo ao reconhecimento como literata, ele estabelece uma tentativa de analisar o autodidatismo pelo qual o autor Valentin Jamerey-Duval afirma ter passado, em sua autobiografia **Memórias**⁷, editado por Jean Marie Goulemot em 1981. Logo de início, o professor Hébrard lança a seguinte pergunta: pode-se aprender a ler?

Resumidamente, Valentin Jamerey-Duval é um camponês do século XVIII, nascido no interior da França, em seio familiar religioso muito pobre, embrutecido e analfabeto. Órfão de pai, foge aos 13 anos de idade e adquire vida errante por cerca de nove anos, tempo em que vivencia inúmeras aventuras, dentro das quais toma contato cada vez maior com o mundo das letras, da leitura e dos livros, chegando a aprender a ler sozinho prestes a completar 15 anos de idade, quando afirma ter

⁶ “letramento é o conjunto de práticas sociais que se constroem a partir de eventos mediados por textos escritos” (JUNG e SEMECHECHEM, 2009, p. 20).

⁷Valentin Jamerey-Duval, **Mémoires**. *Enfance et éducation d'un paysan au XVIII e siècle*. Prefácio, introdução, notas e anexos de Jean Marie Goulemot, Paris, Le Sycomore, 1981.

conseguido associar corretamente as fábulas que ouvia às palavras das páginas do livro ilustrado que as continham. Aos 22 anos de idade conquista a proteção de um preceptor, que realiza a sua educação formal. E com 25 anos de idade já está formado em Filosofia, trabalha como bibliotecário e atinge sua independência financeira ao se tornar professor de história e de antiguidades na Academia de Lunéville, França. Por volta de seus 40 anos de idade, passa a residir na Itália e inicia a escrita de suas memórias. Afinado com a numismática, após os seus 50 anos de idade e inúmeras viagens, deixa a Itália para dirigir o Gabinete Imperial de Medalhas e Moedas em Viena, Áustria, cidade onde morre, sem antes, porém, ter voltado uma vez mais a Arthonnay, sua terra natal, e deixado lá um importante legado: a construção de uma casa destinada a funcionar uma escola gratuita.

Trajetória similar à de Jamerey-Duval pode ser observada naquela que ora consideramos, em alguns aspectos que serão explanados nas próximas subseções, a partir da análise do convívio familiar e social, bem como da importância da memória na produção textual.

3.1 O CONVÍVIO FAMILIAR E SOCIAL

“Mas a personagem principal do seu mundo é, sem dúvida, a Aninha” (LISBOA, Ely Vieites. In: VALLADARES, 2016, p. 523).

Foi no banco das mais atrasadas da escola da mestra Silvina que Cora Coralina conheceu os signos da escrita e leitura em Língua Portuguesa e com eles iniciou sua caminhada rumo à conquista deste poder transformador. Começavam a se romper os grilhões que aprisionavam sua mente fervilhante de ideias.

Silvina Ermelinda Xavier de Brito (1835-1920), Mestra Silvina, não foi apenas a madrinha de crisma de Aninha. Foi sua única professora, quem teve a paciência para descortinar o mundo da leitura e da escrita na menina que ninguém acreditava que aprendesse a ler (BRITTO, SEDA, 2009, p. 45).

Minha escola primária...
Eu era um casulo feio, informe, inexpressivo.
E ela me refez, me desencantou.
Abriu pela paciência e didática da velha mestra,
cinquentanos mais do que eu, o meu entendimento ocluso (CORALINA, 1984, p. 123).

Pelos trechos acima destacados, pode-se inferir que o eu poético coralineano descreve o analfabetismo de maneira negativa, quase como se fosse um gene deletério em seu DNA, se expressando na moldagem de um ser deformante em processo de metamorfose, que não alçaria vôo nem conquistaria admiração, quando, ao contrário, deveria ser pleno ao emergir desse casulo. Encontra, então, nas habilidades da mestra a corrigenda cirúrgica salvadora que lhe permite suplantar o determinismo a que suspeitara estar sujeita por ter nascido de pai doente, e que, opostamente, conquista ao final da vida: sua postura orgulhosa de autora renomada.

Porém, assim como um fermento necessita de tempo e de alimento para crescer, se expandir e transformar trigo e água em pão, ela também não pode prescindir do tempo e de se alimentar de novas apreensões leitoras, tendo como coadjuvante infalível o dicionário para a confirmação semântica esclarecedora: “Estarei presente no meu dicionário, meu livro de amor / que tanto me ensinou e corrigiu” (CORALINA, 1984, p. 54) e, de fato e de direito, conquistar sua liberdade intelectual e irromper para o mundo como autoridade autoral. Hébrard (2001, p. 43) informa que a dinâmica do autodidatismo em nada difere do esforço de um leitor legitimado pelo aprendizado formal diante de uma leitura complexa - um contexto desconhecido, um vocabulário mais rebuscado, um tema não afim: recorrer aos dicionários, às leituras complementares, dentre outros.

No poema intitulado *Voltei*, presente no livro **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha** (1984), destaca-se o trecho a seguir, onde Cora Coralina saudosamente constrói uma breve linha do tempo para registrar a dificuldade de sua trajetória do analfabetismo ao letramento, apoiada pela mestra Silvina, a quem dedica o livro referido, e pelo imprescindível dicionário:

Minha escola primária. A sombra da velha Mestra.
A casa, tal como antes. Sua pedra escorando a pesada porta.
Quanto daria por um daqueles duros bancos onde me sentava,
nas mãos a carta de 'ABC', a cartilha de soletrar,
separar vogais e consoantes. Repassar folha por folha,
gaguejando lições num aprendizado demorado e tardio.
Afinal, vencer e mudar de livro.
Reconheço a paciência infinita da mestra Silvina,
sua memória sagrada e venerada, para ela a oferta deste livro,
todas as páginas, todas as ofertas e referências.
Tão pouco para aquela que me esclareceu a luz da inteligência.
[...]

O grande livro que sempre me valeu e que aconselho aos jovens,

um dicionário. Ele é pai, é tio, é avô, é amigo e é um mestre.
 Ensina, ajuda, corrige, melhora, protege.
 Dá origem da gramática e o antigo das palavras.
 A pronúncia correta, a vulgar e a gíria.
 Incorporou ao vocabulário todos os galicismos, antes condenados.
 Absolveu o erro e ressaltou o uso.
 Assimilou a afirmação de um grande escritor: é o povo que faz a /língua.
 Outro escritor: a língua é viva e móvel. Os gramáticos a querem /estática,
 solene, rígida. Só o povo a faz renovada e corrente
 sem por isso escrever mal (CORALINA, 1984, p. 128).

Nas poucas palavras destacadas no trecho do poema referido acima, é possível perceber dois grandes pilares, verdadeiras pedras angulares no autodidatismo de Cora Coralina, aos quais a autora externa toda gratidão. O primeiro deles é a mestra Silvina, por ser professora, no sentido mais nobre e amplo que esse profissional da educação pode ser e dotado das qualificações acadêmicas e pedagógicas necessárias: paciência, dedicação, didática firme e adequada, mediação do conhecimento, apoio às dificuldades, dentre outras tantas qualificações sabidamente implícitas à profissão de professor, que poderiam preencher várias linhas aqui digitadas. Mesmo aposentada e muitos anos mais velha do que a aluna Aninha, a mestra Silvina soube ser a professora primária em que ela se apoiou rumo aos passos firmes das letras. O segundo pilar é o dicionário, objeto impresso ou sob a forma de mídia eletrônica atualmente pouco valorizado pela maioria dos escreventes, dada a volatilidade dos interesses por escrita e leitura. Ele, porém, é claramente homenageado por Cora Coralina no poema, que o personifica e o torna consanguíneo; eleva-o à condição de conselheiro perene, confiável e fiel; de professor, que aponta o erro e conduz ao aprendizado, sem constrangimento e com autoridade de conhecimento; de juiz libertador, que julga e adverte, sem condenação e com vistas à prudência para futuras ocorrências. A partir destas duas pedras angulares foram se assentando as demais pedras do conhecimento adquiridas por Cora Coralina, de forma que todo o conjunto da construção se tornasse alinhado e sólido.

Se sem a contribuição da velha Mestra as primeiras letras não seriam conhecidas, a curiosidade sobre as palavras permite vislumbrar a origem do autodidatismo da escritora goiana. Porque, segundo notícia Britto e Seda (2009, p. 49-67), ela e a família, então composta pela mãe viúva, irmãs mais velhas (uma delas também viúva), sobrinhos pequenos e tias, precisaram se mudar da cidade de

Goiás, capital do estado à época de 1908, para a fazenda Paraíso, de propriedade do avô materno em área rural próxima, motivadas pela extrema falta de recursos financeiros em que mergulharam. Os motivos foram sóbrios e cumulativos, permeando a perda da mão de obra gratuita devida à abolição da escravatura, como ela mesma faz saber: “Venho do século passado. / Pertencço a uma geração / ponte, entre a libertação / dos escravos e o trabalhador livre. / Entre a monarquia / caída e a república / que se instalava” (CORALINA, 2002, p. 82) e a morte do marido da mãe, provedor da casa. Para a estudante Aninha restou a interrupção precoce dos estudos.

Eu fiz só o curso primário. Por causa da pobreza... Do desinteresse de minha mãe... Das dificuldades... Minha mãe, quando casou minha irmã, ela ficou muito endividada aqui nessa cidade. Então teve que se retirar daqui, ir pro sítio de meu avô, e alugar essas duas casas para pagar as dívidas contraídas com o casamento de minha irmã mais velha. E foi justamente o tempo que eu devia estudar que eu passei lá pelas fazendas em contato com a natureza. O que me valeu também muito (BRITTO e SEDA, 2009, p. 51 *apud* SALLES, 2004, p. 58).

O “universo de discurso” (YUNES, 2002, p. 20), circundante de Cora Coralina, que segundo Eliana Yunes tem importância fundamental para dar significado ao que se lê: “prestar atenção a quem fala, seu lugar sociocultural específico, os interesses que estão em jogo, a *ideologia* que preside a fala, as imagens em que se apóia, etc” (YUNES, 2002, p. 19, grifo da autora), firmou a autora goiana como leitora e parece ter sido a fonte principal de inspiração para os temas desenvolvidos em sua obra. Apesar da pouca escolaridade, a ânsia por saber mais fez dela devoradora de leituras quaisquer que estivessem ao seu alcance, como ela mesma ilustra no trecho a seguir:

Meninas, não aceitavam delas senão a linguagem corriqueira
e vulgar da casa.
Palavrinha diferente apanhada no almanaque ou trazida de fora,
logo a pecha de sabichona, D. Gramática, pernóstica, exibida.
Um dia fui massacrada por ter falado lilás em vez de roxo claro.
E a gente recolhia a pequena amostragem, melhoria, assimilada
/de vagas
leituras de calendário, folhinha Garniê e se enquadrava no bastardo
/doméstico (CORALINA, 1984, p. 121).

Além de sua curiosidade inata, evidenciada no trecho acima citado por uma Aninha que naturalmente não se sujeitava a cultivar uma linguagem corriqueira,

porque não deixava escapar aos olhos e ouvidos palavras diferentes captadas no ar e nas leituras diversas ao seu alcance e as expressava com naturalidade, chamando a atenção aos ouvintes, os exemplos familiares e a consanguinidade tiveram uma força motriz e modelar no letramento da autora goiana. Segundo informações de Valladares (2016), Cora Coralina possuía laços consanguíneos com o poeta parnasiano Olavo Bilac (Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac), de quem era prima um tanto distante por parte do pai, distância esta similar, por parte da mãe, com os primos João José do Couto Brandão, escritor e militar, e Luís Ramos de Oliveira Couto, advogado, historiador e poeta, cinco anos mais velho do que a prima doceira, o mesmo a quem ela se refere no poema *Menina Mal Amada*, anteriormente citado, onde afirma que a família atribuía a ele e não a ela os escritos literários. Pesquisas a partir destes dados conduziram para a informação contida no sítio da OAB-GO na internet de que o advogado Luís Ramos de Oliveira Couto, inscrito nessa seccional sob o número 2 em 12 de abril de 1931, foi pai da renomada artista plástica Goiandira Ayres do Couto, nascida em 1915 na cidade de Catalão/GO e falecida em 2011 na cidade de Goiás/GO, onde residia desde os seis anos de idade. Goiandira do Couto era também prima distante de Coralina e, como ela, também em idade precoce externou à família e à sociedade seus dons artísticos, relacionados à pintura, tendo recebido premiações diversas ao longo da carreira, as quais a projetaram internacionalmente. É possível inferir, a partir deste quadro familiar, que as raízes consanguíneas de Cora Coralina se valiam de uma seiva nutritiva destinada a permitir a fluidez dos energéticos telúricos advindos das águas do Rio Vermelho geradores dos frutos oriundos do imaginário criativo das mentes humanas goiáses interligadas com as belas artes: a escrita, a poética, a pintura, e como não dizer, a culinária.

Silva (2007) afirma que as “primeiras experiências letradas se fazem através da imitação, pois é a porta de entrada para o universo das letras” (SILVA, 2007, p. 11). E Britto e Seda (2009, p. 32-36) informam que a Sr^a Jacyntha, mãe de Cora Coralina, pertenceu a uma família abastada e tradicional da cidade de Goiás, teve educação primorosa, especialmente em línguas estrangeiras, e lia muito. Segundo pesquisas realizadas por Britto e Seda (2009) e disponibilizadas no livro **Cora Coralina: Raízes de Aninha** (2009), há registros de empréstimos de vários livros em nome da Sr^a Jacyntha no Gabinete Literário Goiano, de que era usuária assídua, e também há registros de que ela tenha lido todos os livros da Biblioteca Pública de

Goiás. Além disso, Sr^a Jacyntha era assinante de revistas e jornais estrangeiros e locais. Ainda que Anica, apelido materno atribuído a Coralina, quase não frequentasse os cômodos da casa destinados prioritariamente aos adultos devido às proibições maternas, ela pode identificar na mãe um exemplo de leitora contumaz:

Minha mãe desiludida, na sua dupla viuvez, vivia vida sedentária, passava os dias mergulhada na leitura do “Jornal do Comércio” e do “País” ou de grandes volumes encadernados do “Panorama” numa transferência ou evasão de suas frustrações de mulher (CORALINA, 2014, p. 94, grifos da autora).

Os relatos apresentados apontam para a confirmação da concepção de Hébrard (2001) segundo a qual, “Para a sociologia das práticas culturais, a leitura é uma arte que se herda mais do que se aprende” (HÉBRARD, 2001, p. 37).

E ainda que em seu exílio temporário na fazenda do avô materno, a adolescente Aninha garimpou leituras que pudessem satisfazer sua ânsia por informações e letramento. No poema intitulado O longínquo cantar do carro, contido no livro **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha** (1984), é possível reafirmar os fatos apontados a partir dos seguintes trechos:

nós, jovens, ansiando já pela volta do carro [à fazenda Paraíso],
cartas e jornais do Rio de Janeiro.
Minha mãe era assinante do “Paiz” e para nós vinham os romances
do Gabinete Literário Goiano.
Esperar a volta do carro, imaginar as coisas que viriam da cidade,
tomava a imaginação desocupada das meninas moças.
Acostumei a ler jornais com a leitura do “Paiz”.
[...]
Meus primeiros escritinhos foram publicados no suplemento desse jornal.
Acompanhei, na sua leitura, fatos e acontecimentos universais (CORALINA,
1984, p. 98).

Das bisavós, Anna Lins repletou seu imaginário com histórias antigas e rebuscou o seu linguajar: “Minha bisavó não falava errado, falava no antigo, / [...] e eu assimilei o seu modo de falar” (CORALINA, 1984, p. 77); “Ficávamos ali [fazenda Paraíso] em adoração naquele ritual sagrado, [...] / Contavam-se casos. Conversas infundáveis de outros tempos / e pessoas mortas” (CORALINA, 1984, p. 67). Dessa influência, portanto, desenvolveu-se um duplo letramento: escrito e oral, de que as obras escritas e as entrevistas foram testemunhas.

Da mãe, Coralina herdou o gosto pela leitura, conforme já apontado anteriormente, mas não pelo conteúdo lido. E mesmo tendo ficado afastada de sua

terra natal por 45 anos e tê-los vivido em terras paulistas, sua leitura de mundo era goiana, ou seja, “A volta às origens reveste-se também de um retorno ao útero” (SILVA, 2007, p. 8). Goiás gestou Cora Coralina: nutriu-a e desenvolveu-lhe as entranhas poéticas inatas.

Ler, para Yunes (2002), é traduzir o mundo que se vê e não o que existe, tradução esta posteriormente externada sob a forma verbal ou escrita, caso necessário. Isso nos leva à conclusão de que existe toda uma subjetividade nesta tradução. E mais, que esta subjetividade está baseada no conhecimento de mundo que se tem, nas tradições herdadas, nas atuais versões, nos usos e costumes adquiridos e repassados num fluxo constante, porém repleto de supressões e acréscimos naturais que ocorrem por força da evolução intelectual. Os registros rupestres, que se encontram a todo o momento em diversas partes do mundo, nos permitem entender uma parte da história da humanidade de que não participamos, porque não estávamos lá, mas que podemos conhecer a partir da leitura e da interpretação que deles fazemos. Os fatos ali registrados ocorreram de verdade? Ocorreram da forma que o arqueólogo traduziu e interpretou? Há falhas ou erros de interpretação simplesmente porque alguns símbolos ou desenhos não conseguem ser compreendidos? A leitura desses acontecimentos e sua interpretação estão sujeitas à subjetividade: o que se vê não é necessariamente o que existiu, mas é o que faz sentido.

Outro conceito muito pertinente para explicar a apreensão leitora de Coralina é o de “capitalização cultural específica de cada leitor” (HÉBRARD, 2001, p. 38), ou seja, uma espécie de acumulação de bens e aquisições de caráter puramente cultural, que têm maior influência sobre o ato léxico do que a aprendizagem escolar em si. A escola da mestra Silvina não ensinou a leitura a Aninha, mas sim a ensinou a revelar, pela oralidade e pela escrita, diferentes maneiras de ler. E num ato de imersão e emersão constantes em seu capital cultural, Coralina revelou seu universo particular ao mundo a partir da escrita e da culinária.

A prática religiosa é outro aspecto importante na formação leitora e parece ter contribuído para o letramento de Coralina, já que a Sr^a Jacyntha sempre foi muito religiosa e a levava a frequentar as missas locais desde tenra idade, o que provocou um acréscimo vocabular e gramatical ao aprendizado oral que se operava em Anica por meio dos eventos litúrgicos de que participava e continuou participando até o fim da vida. Além disso, o trecho do poema intitulado Frei Germano, a seguir, vem ao

encontro desses fatos para ilustrar outra forma de participação da religião em sua vida: a realização do catecismo na escola da mestra Silvina.

[Frei Germano] Um dia – inda me lembro:
 Apareceu sem avisar
 na escolinha laica
 da Mestra Silvina.
 Minha escolinha primária...
 Quanta saudade!
 Muito manso,
 muito humilde,
 se fazendo pequenino,
 propôs à Mestra
 em dia certo da semana,
 ensinar a doutrina
 à meninada.

Cinqüenta anos decorridos,
 guardo na lembrança
 sua figura austera,
 retratada,
 de velho santo.
 E as lições aprendidas
 do pequeno catecismo.
 Como prêmio de aplicação
 conservo daquele tempo,
 recebido de suas mãos,
 uma antiga História Sagrada
 e uns santinhos que me têm valido
 na aflição.

E sei até hoje
 se me perguntarem
 os “Novíssimos do Homem”
 que nenhum leitor,
 católico praticante,
 dirá ao certo
 sem rever de novo o catecismo.

Frei Germano...
 No longo caminho de pedras, de quedas,
 de ascensão, da vida percorrida,
 nunca para mim
 seu vulto
 se perdeu no esquecimento.
 Nunca.
 e eu era apenas
 guria pequenina
 da escolinha primária
 da Mestra Silvina...
 E até hoje, guardião de minha fé,
 vai me levando pela vida
 Frei Germano (CORALINA, 1985, p. 73-74).

Pode-se perceber da citação acima que a figura do Frei Germano impregnou na alma coralineana valores cristãos que ela parece ter cultivado e externado ao

longo da vida: mansidão, mas com austeridade: “quebrando pedras / e plantando flores” (CORALINA, 2002, p. 11); humildade e pequenez, mas com vigor para lutar, resistir e persistir frente aos obstáculos que se lhe impuseram pelo caminho: “Que eu não sinta o que não tenho. / Não lamente o que podia ter / e se perdeu por caminhos errados / e nunca mais voltou” (CORALINA, 2002, p. 59).

Jung e Semechechem (2009) afirmam que “eventos litúrgicos são corriqueiros, e as pessoas geralmente participam de algum deles ao longo de suas vidas” (JUNG e SEMECHECHEM, 2009, p. 18). Para estas autoras tais eventos contêm implicações importantes na construção e manutenção de uma identidade social, porque “toda situação em que a escrita faz parte da interação e do processo interpretativo dos participantes constitui um *evento de letramento*” (JUNG e SEMECHECHEM, 2009, p. 20, grifo das autoras). O catecismo, que Coralina afirma nunca ter esquecido, é, portanto, um evento religioso de letramento. E não só o poema acima citado, mas outros que compõem a obra da autora goiana, trazem a temática religiosa, cujos títulos já prenunciam o tema, como por exemplo, Oração do Milho, Oração do Pequeno Delinquente, Oração do Presidiário, apenas para citar algumas poucas composições, as quais podem também servir de confirmação ao que é citado em

[...] a *prática de letramento* são os modos culturais de usar a linguagem escrita que as pessoas constroem em suas vidas ao participarem de diferentes eventos, em diferentes domínios sociais (JUNG e SEMECHECHEM, 2009, p. 20, grifo das autoras).

Os eventos e práticas religiosos de letramento foram significativos na formação da poeta goiana. Um fato inédito até o momento da presente dissertação a esse respeito, porém, talvez se destaque como dos mais significativos dentre os demais, já informados. Após a viuvez e residindo em Penápolis/SP, a Sr^a Cora Brêtas conhece a Venerável Ordem Terceira da Penitência Franciscana, “constituída por pessoas que vivem no mundo, mas regularmente se reúnem para meditar, rezar e armar as estratégias de sua ação no mundo” (BRITTO e SEDA, 2009, p. 192) e, como não era necessário encerrar-se em convento, nem afastar-se de familiares e afazeres cotidianos, decide, em novembro de 1937, fazer seus votos, conforme ela mesma confirma: “Padre Júlio Salviatti, que eu tinha conhecido como franciscano em Penápolis, onde, sob cuja direção, ingressei em hora feliz na V.O.T.

Franciscana” (CORALINA, 1976, p. 88). Recebe o nome de Irmã Conceição, algum tempo depois passa a trabalhar no secretariado da Ordem e assume de vez e voluntariamente a condição que, involuntariamente, já lhe pertencera na infância e adolescência: uma vivência humilde e sem luxo. Nize Brêtas, nora de Cora Coralina, depõe a Britto e Seda (2009), confirmando essa vivência:

Dona Cora aceitava as pessoas como elas eram, nunca reclamava de nada, tudo para ela estava bom e respeitava todas as pessoas dos diversos níveis socioeconômicos. Mas o que me deixava mais admirada era o fato de quando Cora ganhava roupas novas, aniversário, dia das mães e Natal, ela me chamava até o quarto, pegava as roupas e me entregava dizendo: Use-as até elas ficarem gastas, quando estiverem bem usadas se quiser me trazer para usar eu aceito-as, mas agora não! (BRITTO e SEDA, 2009, p. 194).

E assim como clientes, vizinhos, amigos e familiares puderam provavelmente testemunhar essa vida humilde e sem luxo, a própria convertida de São Francisco confirmou, em entrevista a Rosalina Botasso para a revista Família Cristã, que:

Tudo o que é mais pobre, me agrada. Gosto de vestir uma roupa que já foi usada por outra pessoa de minha família... Para mim não preciso de nada. Também tenho um sentimento por não poder fazer mais caridade do que faço. Mas peço sempre a Deus e ao pai São Francisco, que levem o meu coração para o lado melhor da vida (BRITTO e SEDA, 2009, *apud* BOTASSO, 1984, p. 31).

A entrevista data de setembro de 1984, sete meses antes de Coralina falecer; a ordenação data de novembro de 1937, quase quarenta e oito anos antes de Coralina falecer. Pode-se concluir, portanto, que todos os livros organizados e publicados pela autora franciscana, cujo conteúdo fora escrito, em sua maioria, após o retorno a Goiás, conforme já informado anteriormente, estiveram sob a influência dessa vida de devoção. Cora Coralina contou e poetizou os simples de sua cidade, esquecidos ou ignorados pela sociedade em geral – a lavadeira, o jovem delinquente, a mulher de má vida, dentre outros; pincelou aqui e ali citações bíblicas e lições evangélicas; aconselhou aos jovens, recomendou aos governantes, exemplificou aos abastados. Numa espécie de avaliação de sua obra, diz no final do poema Lucros e Perdas, contido no livro **Meu Livro de Cordel** (2002):

Reverendo o passado,
balanceando a vida...
No acervo do perdido,

no tanto do ganhado
 está escriturado [registrado, lavrado]:
 - Perdas e danos, meus acertos.
 - Lucros, meus erros (CORALINA, 2002, p. 100, grifo nosso).

Ou seja, para quem fez os votos franciscanos, os bens materiais (lucros) estão na proporção inversa à dos bens espirituais (perdas e danos).

Digna de menção é a referência que Tahan (2002) faz a não menos importante influência do convívio com Cantídio Brêtas, advogado e marido de Anna Lins, quando de seu frequente assessoramento a ele. Deste convívio de mais de 23 anos, uma das poucas heranças deixada para a Sr^a Cantídio Brêtas foi o entendimento e o linguajar do meio jurídico, já que bens financeiros não houve para dar suporte à viuvez.

[Cantídio] Começa a trazer os companheiros do fórum para a casa. São noites inesquecíveis: casos de jurisprudência, literatura, tudo é assunto, e Aninha, sempre presente, participa moderadamente das discussões. Cantídio orgulha-se da mulher.

Ana vai aprendendo também, de tanto ouvir, problemas relativos ao Direito. Quando Cantídio se firma como causídico, muitas vezes tem que defender um cliente no tribunal. Escreve, em casa, a defesa. Ensaia com Aninha a postura, a voz, as frases de efeito. Brilha nos julgamentos. Com isso, a jovem passa a saber cada vez mais de leis e pode analisar, com ele, os trâmites jurídicos, os processos, as liminares. O jargão das leis entra para seu vocabulário. É uma ouvinte excepcional e bastante ponderada quando dá opiniões (TAHAN, 2002, p. 125).

A partir dessa bagagem cultural, a inserção de novas aquisições lexicais permitirá uma remodelação deste universo íntimo, promovendo incremento intelectual e potencialização leitora sucessivas e crescentes, ou seja, um deslocamento cultural.

3.2 A MEMÓRIA CONSTRÓI AS LETRAS

“A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la.”
 (MÁRQUEZ, 2003, p. 5).

Cora Coralina não aprendeu a ler e escrever sozinha; o que ela não teve foi a oportunidade escolar de amplificar estas habilidades, que se firmaram para ela como um novo hábito cultural. Também não viveu em meio a pessoas exclusivamente analfabetas, embora relate ter sido criada mais pelas escravas do

que pela mãe, irmãs ou tias, que eram letradas. O seu autodidatismo não partiu do zero absoluto, e só se tornou conhecido a partir dos relatos autobiográficos escritos e falados.

O autodidata testemunha não somente a possibilidade de aprender a ler, no sentido mais pleno do termo, mas também a necessidade de contar essa aprendizagem para dar-lhe a sua verdadeira dimensão, a de uma vitória contra a inércia das posições culturais e, desse modo, torná-la irrevogável. Assim, o autodidatismo assinala-se e revela-se, em numerosos casos, através da autobiografia espontânea ou provocada (HÉBRARD, 2001, p. 39).

Hébrard (2001, p. 39) afirma que o relato autobiográfico de um autodidata documenta especificamente momentos da sua trajetória para a aculturação, permitindo ao leitor rascunhar mentalmente os cenários dessa movimentação cultural ao longo do tempo. No poema intitulado *Ressalva*, constante na abertura do livro **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais**, o primeiro publicado por Cora Coralina, ela se permite à confirmação do registro autobiográfico:

Este livro foi escrito
por uma mulher
que no tarde da Vida
recria e poetiza sua própria
Vida.

Este livro
foi escrito por uma mulher
que fez a escalada da
Montanha da Vida
removendo pedras
e plantando flores.

Este livro:
Versos ... Não
Poesia ... Não.
um modo diferente de contar velhas estórias (CORALINA, 1985, p. 41).

Cora Coralina reconhecia suas limitações, mas soube confiar em sua capacidade de superação: “A maior dificuldade para mim sempre foi escrever bem. / A minha maior angústia foi superar a minha ignorância” (CORALINA, 1984, p. 62). Para a escritora goiana que veio do século XIX, o seu autodidatismo foi libertador:

Um novo mundo abriu-se para Aninha que, assim como sua mãe, começou a driblar as frustrações utilizando a leitura: [...] Autodidata, construiu uma vida dedicada à escrita e sua velha mestra, se tivesse vivido para

acompanhar a trajetória da aluna do banco das mais atrasadas, teria muito orgulho da discípula que elevou o nome de sua terra para reinos bem além da Serra Dourada (BRITTO E SEDA, 2009, p. 47).

Às colocações de Hébrard (2001, p. 39), se complementam as de YUNES (2002, p. 26), quando afirma que as autobiografias não estão isentas de um filtro e de uma dissimulação, uma vez que têm por testemunha o próprio narrador, e as de Bourdieu (2006, p. 184), quando afirma que seja relato biográfico ou autobiográfico, ele reunirá acontecimentos que possam estabelecer relações inteligíveis e aceitáveis, sem necessariamente terem ocorrido numa sequência cronológica e da maneira como está sendo contado. No momento do registro autobiográfico, o autor-narrador-testemunha valer-se-á de sua sensibilidade para eleger fatos memorialísticos relevantes e que atendam ao seu propósito de conduzir o leitor ao estímulo de tais ou quais sensibilidades. Há uma irremediável condução e o leitor deve-se deixar conduzir, sob pena de quebrar o pacto autobiográfico, importante para garantir a verossimilhança com o real, cuja raiz dos acontecimentos se encontra incrustada na memória do autor, e a autenticidade dos fatos arrolados.

Segundo Maurice Halbwachs em sua obra **A Memória Coletiva** (1990), “a primeira testemunha, à qual sempre podemos apelar, é a nós próprios” (HALBWACHS, 1990, p. 25). O fato, em si, é experienciado pelo indivíduo; porém, inserido numa coletividade, num contexto social que sofre a influência dos usos e costumes de uma época, de uma cultura, do cenário físico e psicológico, das pessoas que os realizam. Tais situações, inevitavelmente, refletem sobre as personalidades que delas fazem parte. Por isso,

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 1990, p. 26).

A citação acima corrobora a situação familiar de Cora Coralina. Ela tinha dentro de si uma “quantidade de pessoas que não se confundem” (HALBWACHS, 1990, p. 26) e que povoaram sua memória por toda a vida. Desta população ela extraiu as mais diferentes estórias, associou-as à sua própria história de vida e, por

meio de admirável habilidade artística (aliás, é digna de destaque a potencialidade memorialística de Cora Coralina, cujos relatos em sua obra encontram confirmações documentais consistentes), muito bem sucedida em criação e/ou recriação, narrou-as e as versejou em sua produção escrita. Silva (2007), em referência à análise que fez da obra memorialística de Gabriel García Márquez, afirma que “Das histórias orais, [Gabriel] retirou a matéria de vários livros; de pessoas que conheceu pessoalmente ou através da memória, seus personagens” (SILVA, 2007, p. 4), o que vem ao encontro das ideias sobre a memória coletiva e da influência da situação familiar de Coralina. No poema a seguir, intitulado Todas as Vidas, extraído do livro **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais**, Coralina está povoada de outras existências. Atenção especial deve ser dada para os descritivos que as caracterizam:

Vive dentro de mim
 uma cabocla velha
 de mau-olhado,
 acorçada ao pé do borralho,
 olhando pra o fogo.
 Benze quebranto.
 Bota feitiço...
 Ogum. Orixá.
 Macumba, terreiro.
 Ogã, pai-de-santo...

Vive dentro de mim
 a lavadeira do Rio Vermelho.
 Seu cheiro gostoso
 d'água e sabão.
 Rodilha de pano.
 Trouxa de roupa,
 pedra de anil.
 Sua coroa verde de são-caetano.

Vive dentro de mim
 a mulher cozinheira.
 Pimenta e cebola.
 Panela de barro.
 Taipa de lenha.
 Cozinha antiga
 toda pretinha.
 Bem cacheada de picumã.
 Pedra pontuda.
 Cumbuco de coco.
 Pisando alho-sal.

Vive dentro de mim
 a mulher do povo.
 Bem proletária.
 Bem linguaruda,
 desabusada, sem preconceitos,

de casca-grossa,
de chinelinha,
e filharada.

Vive dentro de mim
a mulher roceira.
- Enxerto da terra,
meio casmurra.
Trabalhadeira.
Madrugadeira.
Analfabeta.
De pé no chão.
Bem parideira.
Bem criadeira.
Seus doze filhos,
Seus vinte netos.

Vive dentro de mim
a mulher da vida.
Minha irmãzinha...
tão desprezada,
tão murmurada...
Fingindo ser alegre seu triste fado.

Todas as vidas dentro de mim:
Na minha vida –
a vida mera das obscuras (CORALINA, 1985, p. 46).

O poema acima pode ser utilizado para caracterizar o termo heterobiografia, que Valladares (2016) utiliza para demonstrar que o eu poético de Cora Coralina está povoado de inúmeras outras Anas, cujas histórias de vida são por ela assumidas como sendo suas.

Yunes (2002) chama a atenção para a influência da memória na prática leitora, que inevitavelmente também influencia a escrita:

Ao revisitar nossas memórias de contato com a narrativa, primeiras sensações de discurso que experimentamos, elas aparecem inevitavelmente associadas a alguém que guardamos afetuosamente. Às vezes, mãe, avó, primeira mestra, há sempre um afeto guardado – *não para perdê-lo de vista* – que nos chega assimilado a estes discursos mágicos com que fomos apresentados ao mundo que ‘não víamos’. Estas memórias de *felicidade clandestina* com a palavra pronto desaparecem, atravessado o umbral da escola onde aprendemos a ler e escrever, como ensina a tradição (YUNES, 2002, p. 35, grifo da autora).

Diferentemente, porém, do que se afirma ao final desta citação de Yunes (2002), Coralina quebra a tradição, porque não as deixa desaparecer. Percebe-se na autora goiana a formação de uma verdadeira biblioteca mental durante os anos da infância e mocidade a partir do contato com o universo dos adultos de seu ciclo familiar e social. Deste bem imaterial, exclusivo e de valor incalculável, a princípio

intransferível posto que intangível, ela pode fazer herdeiros todos os seus leitores. Parafraseando Silva (2007), Cora Coralina, ao contar sua história por meio do registro autobiográfico, consegue materializar e imortalizar na escrita as ocorrências do passado, antes inexpressivo, que a conduziram ao presente reconhecimento.

A produção literária de Cora Coralina é ficcional e embasada pela memória. Segundo Silva (2007), “como toda obra de ficção, as memórias são feitas de construções artificiais que muitas vezes mostram não como um homem foi, mas como ele gostaria de ter sido” (SILVA, 2007, p. 2). Por isso, por vezes apresenta personagens, reais ou imaginárias, que partilham uma narrativa oriunda de vivências destituídas de outra testemunha presencial que não ela mesma. Tais personagens a ajudaram a se lembrar de um ponto de vista que pode não ter sido seu, de um julgamento passível de não ter partido de si, de uma lição de moral que talvez não vislumbrara sozinha, conforme se pode depreender do poema a seguir, intitulado *Aquela gente antiga – II*, publicado em **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha** (1984):

Aquela gente antiga explorava minha bobice.
 Diziam assim, virando a cara como se eu estivesse distante:
 “Senhora Jacinta tem quatro fulores mal falando.
 Três acham logo casamento, uma, não sei não, moça feia num casa
 /fácil.”

Eu me abria em lágrimas. Choro manso e soluçando...
 “Essa boba... Chorona... Ninguém nem falou o nome dela...”
 Minha bisavó ralhava, me consolava com palavras de ilusão:
 Sim, que eu casava. Que certo mesmo era menina feia, moça bonita.
 E me dava a metade de uma bolacha.
 Eu me consolava e me apegava à minha bisavó.
 Cresci com os meus medos e com o chá de raiz de fedegoso.
 prescrito pelo saber de minha bisavó.
 Certo que perdi a aparência bisonha. Fiquei corada
 e achei quem me quisesse.
 Sim, que esse não estava contaminado dos princípios goianos,
 de que moça que lia romance e declamava Almeida Garret
 não dava boa dona de casa (CORALINA, 1984, p. 53).

O texto apresenta elementos da memória pessoal que transitam pela memória coletiva por evocar costumes antigos no tratamento dispensado às meninas, pois cabe no futuro delas apenas o casamento. Contudo, o eu-poético, apesar de cumprir o ditame social, opõe a ele uma nova qualidade, o conhecimento de Almeida Garret.

Vale se somar às memórias individual e coletiva, a denominada memória institucional de Jacques Le Goff, que Yunes (2002) relembra como também importante para a formação leitora. Esta remete à literatura, às artes, aos museus e bibliotecas, que guardam e fornecem informações sob a forma de bens materiais e culturais. Sob este ponto de vista é possível perceber o quanto o ambiente físico e cultural de Goiás forneceu preciosos elementos memorialísticos para a composição de poemas e contos de Cora Coralina, cujos vieses são tipicamente descritores dos usos e costumes das regiões por onde passou. Em muitas de suas produções encontram-se registradas descrições de mobiliário antigo e fachadas de residências, ocorrências de rua, narrativa de eventos sociais, familiares, de plantio e de colheita, advertências quanto ao depauperamento do patrimônio monumental da cidade, dentre outros relatos, confirmados por meio de documentos escritos e registros fotográficos preservados.

Em **Villa Boa de Goyaz**, livro lançado em 2001 contendo textos inéditos preservados pela família da autora goiana, encontra-se a prosa poética *No Gosto do Povo*, um dos muitos que podem corroborar a presença da memória institucional como elemento motivador da produção textual de Cora Coralina, com destaque para alguns trechos a seguir:

Em Goiás tudo é velho: as casas, os telhados, as igrejas, os muros, as ruas e os becos. O calçamento das ruas, o velho chafariz, esse então é o monstro sagrado. Dito pitorescamente, Chafariz de Cauda.

O Museu criado com cem anos de atraso, quando os de fora, compradores de antiguidades tinham já vasculhado as casas e levado para longe seu melhor conteúdo em peças de mobília, santos e oratórios, almofadados de portas e uns famigerados cabidos mancebo. Muita prata portuguesa, louças importadas, faqueiros e castiçais de prata dourada, relógios antigos e todo um pesado artefato de cobre batido.

[...]

O calçamento da cidade tem promessa de uma breve restauração, ressalvada do bloquete, esta parte central, resguardada pelo tombamento que vai sistematicamente conservando e procurando manter em coesão a área central na fidelidade do seu barroco pobre e já bem mutilado.

[...] Lembraria aqui a sábia conveniência de voltarem ruas e largos a sua antiga denominação tão original e saborosa. Para exemplo temos o Larginho do Retemtem, marcado numa placa azul, pretenciosamente – Praça Pinheiro Machado. Também aos becos faltam placas com os devidos nomes, enquanto que por um malabarismo verbal viram travessa como se a palavra beco tivesse conotação menos gramatical e honesta. [...]

Assim, proponho como reverência do passado que nesta cidade de Goiás seja emanado de quem de direito um Decreto a favor do nome Goiás ser ajustado à cidade na sua grafia antiga de Goyaz com Y e com Z e mais que o beco volte a ser beco na placa indicativa e largo deixe de ser praça e volte aos seus nomes de tradição no gosto do povo (CORALINA, 2001, p. 73-75).

O texto acima menciona, quase ao final, um dos palcos que Coralina elegeu para encenar as estórias e histórias de sua escrita: os becos da cidade de Goiás. Neles ela identificava os acontecimentos que cercavam a gente menos privilegiada da cidade, as pessoas humildes, as mulheres de má vida, os descalçados e aqueles de vida suspeita. Transformar essas pessoas de vida menos digna, em contraponto aos favorecidos e de bom nascimento, segundo os julgamentos da sociedade, em personagens ricamente descritos, ressaltando seus valores morais que ninguém via, seu sofrimento que ninguém avaliava, suas lutas diárias para sobreviver com que ninguém colaborava, foi talvez a jogada de mestre de sua obra.

Atualmente, na cidade de Goiás, há uma associação de mulheres denominada Associação Mulheres Coralinas – ASCORALINAS, cujo objetivo é desenvolver habilidades em áreas como a gastronomia e o artesanato representativos da cultura vilaboense por meio de cursos, declamação e interpretação de textos coralineanos em noites culturais em praças, igrejas e demais espaços culturais, montagem e organização de espaços de exposição das produções da associação, dentre outras atividades que possam ser consideradas oportunidades de externar e fortalecer a capacidade intelectual da mulher. A associação busca inspiração na ilustre poeta e doceira da cidade, que ressignificou sua vida por meio das obras literárias e da confecção comercial de doces, assim como as mulheres coralinas, que visam a se emanciparem e a darem novos significados às suas vidas. Ao se inserirem nesse projeto exemplar, tais mulheres estão indo ao encontro do que é afirmado por Silva (2007), quando diz que:

Recordar é passar novamente pelo coração. Contar é como organizar sentidos que só passam a existir em retrospectiva. Nesse sentido, o movimento é duplo, pois exige tanto a volta à razão ordenadora e disciplinadora quanto à emoção, desconstrutora e caótica (SILVA, 2007, p. 13).

Não só as mulheres da associação fazem esse caminho de volta ao coração, mas também todo o público que participa das atividades por ela desenvolvidas retornam ao legado deixado por aquele Coração Vermelho que tanto amou as terras em torno da Serra Dourada. Os turistas que visitam a cidade de Goiás têm a oportunidade de conhecer um desses espaços permanentes de exposição de artesanato e culinária locais, bem como algumas dessas mulheres que os

recepçionam e falam, com orgulho e entusiasmo, do trabalho da associação. Uma delas, especialmente emocionada, abre seu diário e faz questão de mostrar aos presentes que, dentre as demais de seu grupo de saraus, é a responsável por declamar o poema que para ela toca mais fundo o coração, intitulado Mulher da Vida, cujo trecho a seguir passa a ser lido:

Mulher da Vida,
Minha irmã.

Pisadas, espezinhadas, ameaçadas.
Desprotegidas e exploradas.
Ignoradas da Lei, da Justiça e do Direito.

Necessárias fisiologicamente.
Indestrutíveis.
Sobreviventes.
Possuídas e infamadas sempre
por aqueles que um dia
as lançaram na vida.
Marcadas. Contaminadas.
Escorchadas. Discriminadas (CORALINA, 1985, p. 203-204)

Cora Coralina, ao chamar de irmã aquela destinada aos serviços sexuais, rompe barreiras discriminatórias e demonstra acolhimento, o que talvez seja a busca de muitas das mulheres coralinas da associação. Alguns dos adjetivos que se seguem no trecho exemplificado possivelmente também despertem nelas um sentimento de familiaridade com situações vivenciadas tanto no reduto doméstico, quanto na sociedade local, embora não necessariamente no contexto do poema. Por isso, talvez, a valorização da poeta e doceira que lhes serve de inspiração, cujas aproximações e cujas tensões entre as duas artes coralineanas serão elencadas na próxima seção.

4 CORA CORALINA: A DOCEIRA E A POETA

"Doce não se faz com açúcar de menos e não é necessário açúcar de mais", ensina Cora Coralina. E esta pode ser, também uma receita de poesia (Suplemento Literário do jornal **O Popular**, Goiânia, 02/04/1971).

A trajetória de vida de Cora Coralina sempre esteve atrelada ao trabalho. Desde pequena Aninha recebeu ínfimas incumbências domésticas, serviços na cozinha da Casa Velha da Ponte ou da fazenda Paraíso que conseguia desempenhar com dificuldade, dadas as mãos diminutas e ainda naturalmente desastradas, tipificando a imaturidade infantil. Em um ambiente predominantemente feminino e em uma época regida pelo patriarcado, não havia outra designação que não fosse a de desenvolver as habilidades necessárias para o serviço doméstico subsequente ao casamento, a que todas as mulheres deviam aspirar, por tradição e por se tratar de garantir um futuro seguro, aspirações com as quais Coralina concordava, tendo afirmado certa vez em depoimento concedido à Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás no dia 10 de junho de 1980, quando perguntada sobre o que achava do casamento:

Eu digo: a melhor coisa da vida. [...]. Qual a razão principal da fuga [ao casamento], se lhe dá uma garantia para os filhos, para a família, é o alicerce aceito pela sociedade no passado e no presente. [...] Acredito que a grande felicidade da mulher ainda é realizada através do casamento e da maternidade. E isto vai para o futuro (CORALINA, 1980 *apud* DENÓFRIO, 2006, p. 201).

O casamento e a maternidade são dimensionados enquanto fuga. A aparente aceitação do lugar tradicional da mulher é subvertida pela imagem de ser o único espaço de fuga. Apesar da postura tradicional evidenciada no excerto, Cora Coralina foge da cidade de Goiás para São Paulo com Cantídio Brêtas, porque era ele um homem desquitado, recusado como genro pela Sr^a Jacyntha, e ela uma mulher solteira e dele, então, grávida. Assim, a poeta goiana construiu em sua obra uma imagem de mulher destemida, aventureira, libertária, à frente de seu tempo: "Não te deixes destruir... / [...] / Recria tua vida, sempre, sempre. / Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça" (CORALINA, 1984, p. 139). A fama de mulher feminista advém dessa imagem construída, segundo Telles (2009):

As feministas precisavam de uma referência como Cora Coralina e a tomaram como símbolo do movimento das mulheres. Cora, inteligentemente, aceitou as homenagens do movimento, escrevendo muitos de seus poemas sobre esse tema (TELLES, 2009, p. a confirmar).

Embora Telles (2009) considere que Coralina concretizou a postura feminista em muitos poemas, outros tantos que existem em registros escritos ou audiovisuais sendo estudados apontam para uma Coralina, ao contrário, machista e defensora das tradições patriarcais.

A jovem Anna Lins, de volta à cidade de Goiás após temporada forçada na fazenda do avô materno e perto de atingir a maioridade, dedicou-se às primeiras publicações em jornais locais e depois aos nacionais, associou-se aos clubes literários da capital goiana e integrou a diretoria do jornal **A Rosa**, mencionado anteriormente, “considerado pela crítica como veículo das ideias da intelectualidade goiana da época [anos 1900]” (BRITTO e SEDA, 2009, p. 71).

Porém, o universo feminino em que esta iniciante escritora está imersa, voltado para as prendas do lar, é outro e não lhe agrada, não lhe satisfaz, mas acede aos poucos e argumenta, na forma de poema: “Nasci para escrever, mas, o meio / o tempo, as criaturas e fatores / outros, contramarcaram minha vida” (CORALINA, 2002, p. 83). Acaba por desenvolver habilidades que, futuramente, serão o sustentáculo de seus dias de escassez pecuniária e um dos dois grandes motivos de reconhecimento nacional: a confecção de doces.

A rejeição materna, explícita ou implicitamente inserida na trama de alguns poemas, foi para a autora goiana outro motivo de assombro e de sofrimento, porque admirava a mãe, mas o distanciamento sentimental não lhe permitia externar essa admiração, e via na genitora o reflexo da desenvoltura literária que almejava, mas que não podia, por ora, alcançar. Mal sabia aquela Aninha que todas essas experiências estavam se enraizando em seu coração vermelho e despertariam o chamado telúrico que, posteriormente a traria de volta à terra natal. É o que se extrai da citação de Silva (2007), “Se o mundo das mulheres, da casa, do útero é assombroso, por outro lado guarda o sentido do pertencimento, da aceitação, do eu que ainda não se percebe enquanto fragmentado” (SILVA, 2007, p. 9). Fragmentado como os cacos do prato azul-pombinho, um dos quais Anica carregou ao pescoço amarrado em cordão encerado, como castigo por ter sido considerada culpada pela quebra desta última peça da coleção de porcelana chinesa da avó materna,

conforme se pode constatar pelos trechos a seguir citados. Percebe-se o pertencimento à família e às tradições goianas, mas não tanto a aceitação:

[...] prato azul-pombinho
que conheci quando menina
e que deixou em mim
lembrança imperecível.
[...]

Um dia, por azar,
sem se saber, sem se esperar,
artes do salta-caminho,
partes do capeta,
fora de seu lugar, apareceu quebrado,
feito em pedaços – sim senhor –
o prato azul-pombinho.

Foi um espanto. Um torvelinho.
Exclamações. Histeria coletiva.
Um deus-nos-acuda. Um rebuliço.
Quem foi, quem não foi?...

[...]

Eu (emocionada), vendo o pranto de minha bisavó,
[...]
comecei a chorar
- que chorona sempre fui.

Foi o bastante para ser apontada e acusada
de ter quebrado o prato.
Chorei mais alto, na maior tristeza,
comprometendo qualquer tentativa de defesa.
[...]

Reuniu-se o conselho de família
e veio a condenação à moda do tempo:
uma boa tunda de chineladas.

Aí ponderou minha bisavó
umas tantas atenuantes a meu favor.
E o castigo foi comutado
para outro, bem lembrado, que melhor servisse a todos
de escarmento e de lição:
trazer no pescoço por tempo indeterminado,
amarrado de um cordão,
um caco do prato quebrado.

[...]

Chorei minhas mágoas de criança.
Depois, me acostumei com aquilo.
No fim, até brincava com o caco pendurado.
e foi assim que guardei
no armário da memória, bem guardado,
e posso contar aos meus leitores,
direitinho,
a estória, tão singela,

do prato azul-pombinho (CORALINA, 1985, p. 79-86).

O poema é extenso e, a princípio, demonstra uma relação estreita e agradável entre bisneta e bisavó, pelo fato de Aninha gostar de ouvir dela as estórias antigas, esta especificamente sobre uma lenda oriental da princesinha e do plebeu estampadas nas peças de porcelana, e se deixar encantar pelo enredo. Porém, a certa altura do poema o leitor descobre, inicialmente com um pouco de humor e criando expectativas sobre o desfecho da história, que está sendo conduzido para mais um dos muitos dramas construídos por Coralina em torno de sua vida de sofrimentos e privações. Segundo se apreende do poema, a acusação foi injusta, baseada em provas circunstanciais e deduções a partir de ocorrências pretéritas com autoria comprovada que desabonavam a acusada; o julgamento foi tendencioso, feito pelos membros da família, que desde há muito haviam rotulado a acusada com “vocativos / adesivos, pejorativos: / inzoneira, buliçosa e malina” (CORALINA, 1985, p. 85); e a sentença condenatória foi transmutada de uma violência física individual para uma medida socioeducativa coletiva. A situação descrita pela poeta retrata um castigo considerado normal e justo para a época: “Dizia-se aquele, um castigo atinente, / de ótima procedência. Boa coerência. / Exemplar e de alta moral” (CORALINA, 1985, p. 86), continua em certo trecho. Tanto é assim que o final do poema parece suavizar a questão. Porém, é impossível deixar de perceber o constrangimento, a humilhação e, mais grave ainda, o risco de morte a que foi exposta a inocente Aninha. Isso porque, em uma nota contida em seguida ao poema O prato-azul pombinho, intitulada De como acabou, em Goiás, o castigo dos cacos quebrados no pescoço, constante do primeiro livro publicado por Cora Coralina, ela afirma: “Quando chegou a minha vez já era só um caco” (CORALINA, 1985, p. 90), em alusão a outra história antiga contada pela bisavó sobre uma menina, filha de escravos, que morreu após ter uma artéria do pescoço perfurada por um dos muitos cacos serrilhados do colar que fora obrigada a usar como castigo por quebrar a tampa de uma terrina.

Sob o aspecto do pertencimento e estar sujeito a uma prática considerada normal e justa em uma determinada época ou em uma determinada cultura, pode-se recorrer ao conceito de prática cultural de Pierre Mayol (2013), quando explica:

[...] esta [prática cultural] é a combinação mais ou menos coerente, mais ou menos fluida, de elementos cotidianos concretos [...] ou ideológicos [...], ao

mesmo tempo passados por uma tradição [...] e realizados dia a dia através dos comportamentos que traduzem em uma visibilidade social fragmentos desse dispositivo cultural (MAYOL, 2013, p. 39-40).

O autor acima citado toma o cuidado de ressaltar que se trata de um ponto de vista antropológico e não estatístico, embora ambos envolvam o coletivo, e que aborda posturas cotidianas, muitas vezes inconscientes, porém capazes de definir uma identidade cultural, expressão que remete a outro conceito importante, intimamente relacionado, utilizado por Maria Eunice Maciel (2005), quando descreve as relações entre a identidade cultural e a alimentação. Segundo esta autora, a identidade cultural é constituída de “espaços privilegiados para apreender determinados processos, através dos quais os grupos sociais marcam sua distinção” (MACIEL, 2005, p. 49) e a alimentação humana está impregnada pela cultura. Daí a forte influência da identidade cultural goiana na obra literária e gastronômica de Cora Coralina, construída a partir dos fragmentos do eu (SILVA, 2007), fragmentos da louça (CORALINA, 1985) e fragmentos culturais (MAYOL, 2013) coletados e cimentados durante a longa viagem pela memória afetiva da poeta que os uniu.

4.1 SABER E SABOR: AS APROXIMAÇÕES ENTRE AS ARTES

“Vive lá fazendo versos e preparando doces, o que é uma condição humana, quase divina” (COSTA FILHO, Odylo. In: VALLADARES, 2016, p. 356).

Cora Coralina refere ter tido contato com a cozinha e com a culinária desde tenra idade. Seu veio de doceira e boa cozinheira nasceram imperceptivelmente ainda quando mal conseguia alcançar a altura das bocas do fogão a lenha e suas mãos frágeis de criança mal podiam conduzir com precisão e força as colheres de pau a mexer os tachos de doces. Sem falar em outros pequenos serviços a ela destinados dentro da cozinha de sua casa: um leva-e-traz de panelas, gamelas e demais utensílios. O seu aprendizado se deu por muita experiência organoléptica dos modos de fazer as comidas da casa, fossem para o dia a dia, fossem para os festejos familiares. Contribuíram para esse adestramento audiovisual da culinária promissora em gestação e da escritora inata, que mais tarde materializaria muito desse aprendizado experiencial em seus escritos, aliás, tema recorrente, as falas e afazeres das escravas da casa, das tias, das primas e das irmãs mais velhas. Pode-

se inferir que um letramento em base de receituário estava em formação, tendo como exemplos alguns trechos a seguir destacados:

[...] tia Nhá-Bá.

Essa governava a casa da cozinha ao coalho natural e guardava os potes sempre cheios de doce, e tinha uma pequena forma de açúcar, coberta de barro, inviolada para uso exclusivo dela e da velha mãe. Era um açúcar todo especial da garapa coada e mel espumado (CORALINA, 1984, p. 65).

Eu devia ter nesse tempo dez anos. Era menina prestimosa e trabalhadeira à moda do tempo.

Tinha ajudado a fazer aquela cocada. Tinha areado o tacho de cobre e ralado o coco. Acompanhei rente à fornalha todo o serviço, desde a escumação da calda até a apuração do ponto. Vi quando foi batida e estendida na tábua, vi quando cortada em losangos. [...] Minha prima me deu duas cocadas [...].

[...] Sempre eu estava por ali perto, ajudando nas quitandas, esperando, aguando e de olho na terrina.

Batia os ovos, segurava gamela, untava as formas, arrumava nas assadeiras, entregava na boca do forno e socava cascas no pesado almofariz de bronze (CORALINA, 2000, p. 85).

Mãe-Preta comandava a cozinha. [...]

O arroz, fumaçando numa travessa imensa de louça antiga, rescendia a pimenta de cheiro. O frango ensopado em molho de açafraão e cebolinha verde, e mais coentro e salsa. O feijão saboroso, a couve com torresmos, enfarinhada ou rasgadinha à mineira, mandioca adocicada e farinha, ainda quentinha da torrada (CORALINA, 1984, p. 92).

Na cozinha Siá Lizarda explorava meus préstimos.

Me punha a escolher marinheiros do arroz, esse era beneficiado nos monjolos das fazendas e traziam, além da marinhagem, pedrinhas trituradas que davam trabalho lento de separar.

Também o feijão, embora mais fácil.

Eram meus préstimos em promessas de torresmos com farinha.

[...]. Mão de Aninha, tão pequena (CORALINA, 1984, p. 113, 115-116).

Os trechos acima mencionam mulheres influentes na vida de Cora Coralina, dentre elas: a tia-avó Bárbara, referida como tia Nhá-Bá, e as escravas Mãe-Preta, cozinheira da fazenda Paraíso, e Lizarda, cozinheira da Casa Velha da Ponte. Aninha cresceu em meio a elas e pelos cuidados delas, porque a Sr^a Jacyntha da terceira filha quase nunca se acercava e a cozinha, como o quintal e arredores domiciliares, eram para Anica os lugares de frequência permitida pela mãe. A frequência permitida passou a costumeira e, uma vez mais, remetendo ao dom inato da curiosidade e da observação, Anna Lins foi desenvolvendo e aprimorando cumulativamente as habilidades culinárias, ainda que em muitas vezes a ajuda que prestava fosse compulsória, sem recompensas e considerada uma forma de

aprendizado condizente com a figura feminina, como se pode perceber nos relatos abaixo:

Lembro da minha insatisfação com o que me davam
em racionamento constante: chocolate.
Coisa mais gostosa do meu mundo, feito com tabletes de
/ chocolate Beringh,
raspado e batido com gema e açúcar,
até perder o cheiro característico do ovo.
[...] Cheiro de ovo, nas coisas boas que se faziam,
era defeito capital, censurado, castigado.
[...]
A casa não queria namoro, menos ainda casamento,
não ajudavam, criavam trapaça.
[...]
Queriam mesmo era o serviço ali no pilão, torrando, socando, peneirando
o café, mamona para o azeite das lamparinas, o sabão de cinza,
a boca do forno, a fazeção de quitandas, o almoço na mesa às nove horas
(CORALINA, 1984, p. 120-121).

Pode-se observar no fragmento acima como o espaço da cozinha é o lugar permitido. A restrição e as demandas revelam um enclausuramento das mulheres.

O ditado popular afirma que o futuro a Deus pertence, mas o presente está ao alcance das mãos. Abençoadas foram as mãos de Cora Coralina, que souberam colher, no futuro, os frutos das sementes plantadas naquele presente restrito e sofrido transcorrido em meio à cozinha e às mulheres que a governavam, como confirmado a seguir:

Um dia, houve.
Eu era jovem, cheia de sonhos.
Rica de imensa pobreza
que me limitava
entre oito mulheres que me governavam (CORALINA, 1984, p. 79).

Mulher da roça eu o sou. Mulher operária, doceira,
abelha no seu artesanato, boa cozinheira, boa lavadeira (CORALINA, 1984,
p. 108-109).

Mulher primária, roceira, operária, afeita à cozinha,
ao curral, ao coalho, ao barreleiro, ao tacho (CORALINA, 1984, p. 110).

Os dois últimos trechos acima citados reafirmam a força das mãos operárias e sempre ativas da poeta goiana. Nas cidades paulistas onde morou, casada ou viúva, a Sr^a Cora Brêtas constantemente esteve envolvida com o labor, remunerado ou não, perpassado pela culinária, que assim como uma marca de nascença, insistia em registrar presença. Arregimentou colaboradores e com eles desenvolveu

atividades voluntárias em grupos religiosos de caridade; plantou nos quintais de casa e comercializou hortaliças, flores e mudas; auxiliou a irmã Helena no fabrico de doces para complementar a renda familiar; montou pensão e nela serviu marmitas a estudantes e trabalhadores diversos; abriu e geriu comércio de tecidos; teve sítio próspero no cultivo e venda de produtos agropecuários, e voltou a Goiás, onde reuniu as últimas forças para desenvolver a doçaria, única atividade que Cora Coralina considerou como a sua profissão. Ela mesma ratificou a escolha profissional em diferentes momentos, como, por exemplo, nos trechos dos poemas: “Fiz doces durante quatorze anos seguidos. / Ganhei o dinheiro necessário. / Tinha compromissos e não tinha recursos. / Fiz um nome bonito de doceira, minha glória maior” (CORALINA, 1984, p. 59), e também “Sou mais doceira e cozinheira / do que escritora, sendo a culinária / a mais nobre de todas as Artes” (CORALINA, 2002, p. 83), ou em conversa com Carlos Rodrigues Brandão, autor do prefácio à obra biográfica **Cora Coralina: Raízes de Aninha** (2009): “Eu sou doceira” (BRANDÃO, 2009, p. 7), confirmando-se a herança culinária familiar como uma de suas aquisições de maior valor, sendo a outra os livros. Britto e Seda (2009) informam que a poeta goiana, em entrevista aos diretores de um documentário curta-metragem sobre ela, intitulado *Cora Doce Coralina*, afirma: “Comecei a fazer doces em 65. Fazia doces e vendia em caixinhas” (CORALINA, 1982 *apud* BRITTO e SEDA, 2009, p. 282) e em seguida elenca uma variedade de tipos de doces que fazia: os de frutas em pedaços glacerizados e os pastosos.

Demonstrando que a arte dos doces estava, na sua vida, integrada à arte da escrita e que ambas as artes recebiam dela todo o primor de confecção, Coralina continua na mesma entrevista, há pouco referida:

Existia um processo de aperfeiçoamento [dos doces]. Da mesma forma com que procuro escrever bem, eu procurava fazer bem os meus doces e consegui, porque eu fiz um nome bonito de doceira, que há quatro anos desativei meus tachos e ainda hoje há fregueses que vêm aqui procurar meus doces, que ainda relembram o sabor dos meus doces (CORALINA, 1982 *apud* BRITTO e SEDA, 2009, p. 282).

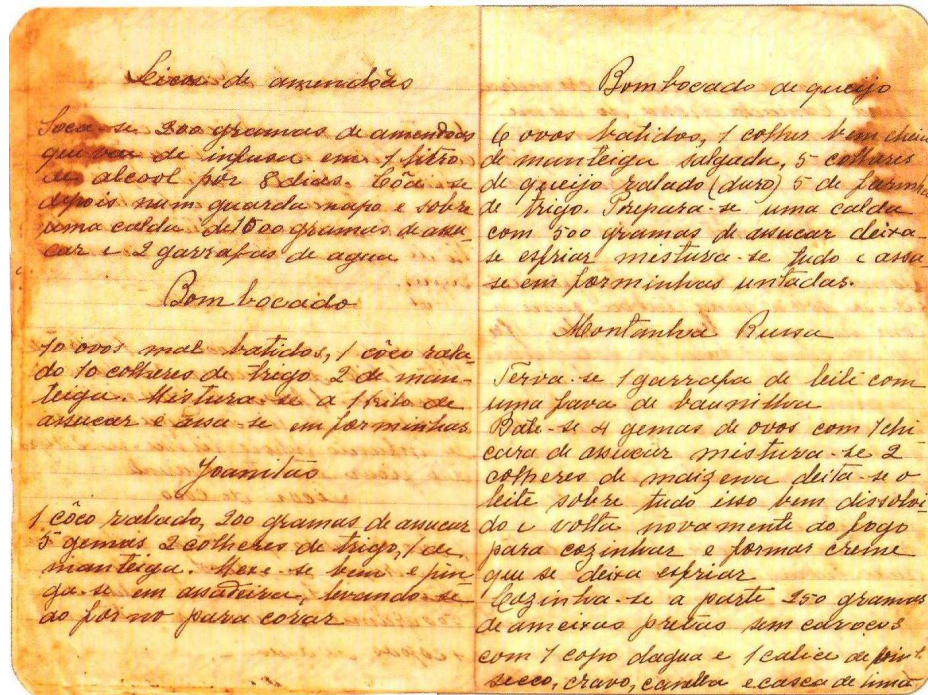
Pode-se inferir que a poeta dos humildes e excluídos, a doceira de beira de fogão a lenha, sem intenção testamental, destinou a arte dos doces como herança à sua cidade natal pelo reconhecimento de Goiás, em termos turísticos, como a cidade dos doces e dos poemas de Cora Coralina. Além disso, a Unesco reconheceu, no

ano de 2001, a cidade de Goiás como Patrimônio Cultural Mundial. Na página eletrônica do IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional que trata do tombamento da cidade de Goiás, é possível encontrar a seguinte informação: “A rica tradição cultural inclui não somente a arquitetura e as técnicas construtivas, mas também a música, **poesia, culinária** e festas populares” (BRASIL, 2017, grifo nosso). E o jornalista, escritor e crítico gastronômico J. A. Dias Lopes escreveu, em um texto intitulado A Doceira da Casa Velha da Ponte, constante no livro **Cora Coralina: doceira e poeta** (2009) a seguinte recomendação, como a querer ampliar o tombamento feito à cidade de Goiás e reforçar o reconhecimento a que a poeta dos tachos goianos faz jus:

Suas receitas mais autênticas de Goiás deveriam ser **tombadas como patrimônio cultural e imaterial**, [...]. São preciosidades oriundas dos **segredos de cozinha transmitidos de uma geração para outra, verbalmente ou por manuscritos familiares. Não passaram pela escola**, aprimoraram-se no **aconchego das casas** sob os **zelos de avós, mães ou tias** habilidosas. Preparadas com a **colher de pau**, na **panela de pedra ou ferro**, no **forno de barro ou no fogão de lenha**, carregam a **doçura da tradição**, a inspiração da alma, a **poesia** que se manifesta à margem dos **espartilhos eruditos**. Enfim, representam **expressões preciosas da cultura popular brasileira** (LOPES, 2009, p. 15, grifos nossos).

Considerando que o jornalista Dias Lopes realizou uma séria pesquisa sobre a vida e a obra de Cora Coralina para posteriormente escrever o texto que integra o livro de receitas acima mencionado, os trechos grifados permitem confirmar, uma vez mais, que é possível reconhecer na obra coralineana tanto o fazer literário, quanto o fazer gastronômico como formas de reelaboração das memórias pessoais e, ao serem organizadas por meio do texto literário, tornam-se representações de memória coletiva. Os “manuscritos familiares” (LOPES, 2009, p. 15) tanto podem ser considerados como sendo os textos iniciais de cada receita constante do livro, transcritos a partir dos originais, que conservam a caligrafia da autora goiana, conforme a imagem a seguir pode exemplificar, quanto as folhas dos caderninhos escritos a lápis ou caneta esferográfica cheios de poemas e contos, os quais compõem o patrimônio preservado pelo Museu Casa de Cora Coralina, a que o público pode ter acesso visual. Parece indubitável que a produção literária da autora goiana elabora, por meio da relação entre literatura e gastronomia, experiências vividas, sobretudo no convívio familiar e social, uma das conclusões da presente dissertação.

Imagem nº - Fragmento de caderno de receitas de Cora Coralina.



Fonte: CORALINA, 2009, p. 23

É possível identificar na imagem acima a caligrafia original da doceira ao registrar algumas de suas receitas, na íntegra, com exceção da última que se pode ler, cuja etapa final está faltando no fragmento. São elas: Licor de amêndoas, Bombocado, Joanitas, Bombocado de queijo e Montanha Russa.

É possível identificar ainda, no fragmento ilustrado acima, algumas palavras com incorreções ortográficas, tais como amendoas em vez de amêndoas, assucar em vez de açúcar, chicara em vez de xícara, além de falta de pontuações, denotando possivelmente pouco conhecimento, por parte da redatora, das regras gramaticais e ortográficas da Língua Portuguesa vigente à época. Porém, a íntegra de todas essas receitas e outras tantas pode ser encontrada no livro de receitas **Cora Coralina: doceira e poeta** (2009), cujas transcrições sofreram as devidas revisões ortográficas e gramaticais e cujos ingredientes passaram por uma sugestão de atualização, visando à redução e substituição de ingredientes que hoje em dia são possíveis e não descaracterizam o produto final, tais como menos ovos, manteiga no lugar de banha de porco, menos açúcar. Este era utilizado em demasia, porque além de adoçar e dar o ponto certo de cada doce, funcionava também como método de conservação por saturação.

Voltando às palavras do jornalista Dias Lopes, faz-se interessante perceber também a confluência entre o aprendizado culinário e o aprendizado literário de Anna Lins. Nenhum deles passou pelos bancos escolares; são o resultado de um aprendizado experiencial, vivencial; permearam esse aprendizado o aconchego das lidadoras da cozinha da casa e a paciente didática da mestra Silvina; os doces ganharam forma e sabor à medida que foram sendo revolvidos pelas mãos da Aninha que aprendeu a balizar as colheres de pau e as pesadas panelas sobre as bocas dos fogões, assim como a poesia ganhou corpo e expressão a partir da pequena Aninha dos bancos duros do fundo da sala da escola improvisada, que aprendia a balizar as pontas dos lápis e as órbitas oculares nas cartilhas de ABC.

A tradição, por sua vez, soube ser ao mesmo tempo doce e amarga para Anna Lins. Dessa mesma fonte jorraram as doces e as amargas lembranças da infância nas terras cercadas pela Serra Dourada, os doces e os amargos momentos em família pelos estados de Goiás e de São Paulo, a doçura dos poemas publicados em contraste com o amargor dos doces para sustento, a amarga fartura de pobreza e a doce ilusão do reconhecimento literário. Porque os “espartilhos eruditos” (LOPES, 2009, p. 15) refutaram até quando não puderam mais as qualidades literárias da poeta dos aventais sujos de calda de açúcar, que soube ser, por meio dos doces e dos poemas, legítima representante da cultura popular brasileira.

A escrita, esta deu a Cora Coralina outro tipo de trabalho: acompanhou-a por toda a vida, mas dela não pode se valer senão na idade avançada, quando já não era mais necessário o sustento de si ou dos filhos. Britto e Seda (2009) informam que o pouco sucesso alcançado com a publicação tão sonhada de um livro fez a Sr^a Cora Brêtas perceber que não poderia viver da escrita, seu dom inato. Esse contexto provavelmente foi o fator gerador do nascimento da profissional doceira Cora Coralina. Tinha ela compromissos financeiros a honrar – o inventário da Casa Velha da Ponte, o restabelecimento e a autossuficiência na terra natal sem os familiares próximos, dentre outros – então voltou-se para suas raízes genéticas e despertou a habilidade culinária herdada: suas mãos doces. Em entrevista a Miguel Jorge para a Folha de Goyaz, no ano de 1968, segundo dados de Britto e Seda (2009), Cora Coralina afirma:

Meus amigos me esqueceram. As revistas que apareceram em Goiânia, jamais me pediram uma crônica sequer. Eu poderia ter colaborado e muito. Havia muita coisa a ser escrita dentro da história de Goiás. Preferiram

encomendar crônicas de fora, [...]. **Eu fui ficando de lado, angustiada, aborrecida, frustrada.** Por isso dediquei-me de corpo inteiro a fabricação de doces, sem deixar de escrever meus contos e poemas. **É uma espécie de revolta que tenho comigo.** [...]. **Aí está o motivo de meu apego aos doces, é uma réplica a esse alheamento** que os jornais fizeram da minha pessoa literária. (CORALINA, 1968, grifo nosso. Não paginado).

Os grifos propositais no trecho acima citado permitem inferir que à poeta septuagenária novamente são infligidos os sofrimentos da infância: o alheamento social, as angústias e aborrecimentos, as frustrações. O momento é oportuno para lembrar um pequeno trecho do poema intitulado Os aborrecimentos de Aninha, contido no livro **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha** (1984): “Vidinha de Aninha, a mal amada, a mal aceita” (CORALINA, 1984, p. 137). E assim como no passado de privações a revolta da criança encontra consolo nos doces ofertados pela bisavó, na vida adulta da poeta recém inserida no mundo das publicações a indignação frente às privações revividas levam ao apego aos doces como forma de refutar o alheamento imposto pela mídia da época. Se a escritora não consegue conquistar o público pela poética das palavras, a doceira assim o fará (e o fez!) pela poética dos sabores.

Carlos Drummond de Andrade escreveu ao Jornal do Brasil o texto Cora Coralina, de Goiás, em 1980, conforme mencionado anteriormente na presente dissertação. Neste, além de impregnado de predicados à poeta, Drummond ratifica, posto que testemunha ocular, as explicitações conceituais sobre poesia e poema até o momento apontadas, por meio dos seguintes trechos: “O verso é simples, mas abrange a **realidade vária**” (ANDRADE, 1980 *apud* CORALINA, 1984, p. 28, grifo nosso), “**seres** que são outros tantos motivos de sua poesia” (ANDRADE, 1980 *apud* CORALINA, 1984, p. 28, grifo nosso) e ainda,

Relicário é também o sortido depósito de **memórias** de Cora Coralina. [...] a tristeza infantil não lhe impediu, antes lhe terá preparado a **percepção solidária das dores humanas**, que o seu verso consegue exprimir tão vivamente em **forma antes artesanal do que acadêmica**” (ANDRADE, 1980 *apud* CORALINA, 1984, p. 28, grifo nosso).

Em última instância, Cora Coralina, ocupando o indivíduo do prazer de comer, instiga-o ao prazer de ler. O momento é propício para se notar quão interessante é estabelecer uma associação entre o caráter artesanal da elaboração poética de Cora Coralina, apontada por Drummond, e o caráter artesanal da elaboração doceira de Cora Coralina. O artesanal remete ao caseiro, ao familiar, desperta a memória

sensorial, desencava as emoções, acalenta o que se resguarda na saudade, e talvez por isso mesmo seja almejado, buscado, numa tentativa de voltar ao passado e nele novamente reviver essas sensações. Cora Coralina vinha do passado e vivia do passado, mas se projetava para o futuro, visando a se imortalizar na poética de seus doces e no sabor doce de seus poemas.

Outra associação interessante está na observação de que a construção poética de Cora Coralina é simples – os versos, apesar de livres, narrativas muitas vezes extensas, conteúdo historiado, são cuidadosamente organizados, a fim de que tenham a aparência da espontaneidade, assim como o são os doces – cuidadosamente elaborados a fim de que adquiram a aparência artesanal, apesar das técnicas culinárias complexas, de longa duração e múltiplas etapas, desde a seleção das frutas até a finalização das encomendas, exigindo destreza nas mãos, paladar apurado, precisão na dosagem dos ingredientes e olhar especializado na constatação do ponto certo de cada preparação. Para a doceira goiana a embalagem dos seus doces deveria ser primorosa, como somente ela sabia fazer, com paciência e delicadeza. O testemunho de Flávio de Almeida Salles Júnior, neto da doceira, pode atestar o primor com que Cora Coralina tratava de seus doces:

Presenciei a seguinte cena:

Um comprador visitante aguardava serem preparadas suas caixas encomendadas. Quando as viu fechadas, sentenciou:

- Dona Cora, não precisa embrulhar nem amarrar, pois estou com um pouco de pressa!

Sem nenhuma hesitação ou exaltação, minha avó limpou as mãos no avental que sempre trazia à cintura, saiu de perto da mesa onde preparava as embalagens e calmamente disse:

- Fulano, da próxima vez que você vier a Goiás, você levará meus doces. Doce meu só sai daqui em caixa embrulhada e amarrada.

Obviamente o visitante abdicou da pressa e solicitou que o ritual fosse completado (SALLES JÚNIOR In: CORALINA, 2009, p. 75).

Como se percebe, o artesanal pode remeter ao simples, mas não ao simplório. E assim como faz o neto Flávio, Britto e Seda (2009) reforçam a visão empreendedora da doceira com a informação de que Cora Coralina chegou a solicitar avaliação dos frutos que utilizava na doçaria para um instituto de agronomia na cidade de Campinas-SP, em 1965; trocou receitas e informações culinárias com a Companhia União dos Refinadores, empresa que acabou por publicar uma receita dela na embalagem de um pacote de açúcar e por premiar três dessas receitas

como as melhores do mês e representativas do estado de Goiás, tendo a doceira recebido uma quantia em dinheiro por elas.

As raízes da “artesã das palavras e dos frutos” (BRITTO e SEDA, 2009, p. 284) cresceram, se fixaram e se nutriram nitidamente das tradições goianas. Seu aprendizado escolar foi mínimo, mas a influência da família e da sociedade goianas foram densamente herdadas e são notáveis nos versos, nos contos e nos doces: estes eram glacerizados e não cristalizados, em calda ou à moda francesa. Aliás, a França ditava muito do que era a moda para a sociedade brasileira da época e a mãe de Cora Coralina acompanhava essa moda, porque era fluente na língua e recebia os almanaques e revistas daquele país, conforme se pode deduzir a partir do seguinte trecho: “[Sr^a Jacyntha] recebe cosméticos, perfumaria, remédios e obras de arte. Da França, recebe também jornais e revistas” (BRITTO e SEDA, 2009, p. 35 *apud* BITTAR, 2002, p. 158).

Gilberto Mendonça Telles, poeta, crítico literário e, assim como Coralina, outro filho da terra dos Araguaias, aventurou-se a externar em tom até certo ponto poético, mas ao mesmo tempo distante, como se de lá não fosse originário, o seu ponto de vista sobre o enraizamento das tradições goianas:

Todas as vezes que vou à Cidade de Goiás ou que passo por lá em direção ao Araguaia, me lembro de poetas e escritores, [...] como aquela Cora Coralina que já escrevia contos em 1910. Imagino-os escrevendo no **silêncio** e no **calor** de seus **quartos**, de seus **quintais**, pensando os seus **versos** pelas **ruas**, à sombra dos beirais do **rio Vermelho**, [...]. E sinto com eles que o tempo os prendia naquele espaço urbano da Cidade de Goiás (TELES, 2009, p. 187, grifos nossos).

O trecho acima permite ao leitor uma viagem sinestésica enquanto percorre as palavras. Quem conhece a cidade de Goiás sabe que ela é pequena e pacata, apesar de voltada ao turismo, recortada por vielas e becos e transpassada pelo rio Vermelho. Também está localizada em uma região cuja temperatura é elevada na maior parte do ano. Além disso, ao visitar o Museu Casa de Cora Coralina, o turista é guiado em grupo pelos cômodos da Casa Velha da Ponte da Lapa. Um deles chama a atenção por se tratar do quarto da poeta, conservado como deixado por ela, segundo informam os guias turísticos, com caderninho e lápis à mesinha de cabeceira e com janelas voltadas para o rio e o quintal, que permitiam a ventilação necessária à dissipação do calor, mas também à penetração sutil dos sons e cheiros goiáses como aconchego à mente poética que habitava aquele cômodo;

outro deles é a cozinha, com os móveis, utensílios e o fogão de lenha dando a impressão de que a doceira ali estaria em instantes, prestes a começar a feitura de algum quitute. O quintal, atualmente permitido à visitação e parcialmente modificado para adaptar-se à permanência temporária de turistas, é imenso e com rica variedade de plantas cultivadas e conservadas. Quem o visita pode desfrutar de bancos à sombra das árvores enquanto se distrai lendo plaquinhas com trechos de poemas da ilustre moradora, banheiros públicos, uma área recém inaugurada destinada a abrigar o Café Cora Coralina, além de poder se emocionar ao identificar, bem ao fundo, o portão de acesso ao beco por onde, na madrugada do longínquo dia 25 de novembro de 1911, a jovem Anna Lins transpassou para encontrar-se com Cantídio Brêtas, que por ela aguardava e com quem partiu rumo às terras paulistas, numa viagem por dias em lombo de cavalos e, posteriormente, pelo trem que os conduziu de Araguari/MG até a capital paulista. Gilberto Mendonça Telles e qualquer outro leitor ou turista pode se sentir conectado de forma temporal à cidade de Goiás, a acontecimentos da época e aos ilustres escritores que de lá tem suas origens literárias.

4.2. SABER E DISSABOR: AS TENSÕES ENTRE AS ARTES

“Há glórias tardias, reconhecimentos que demoram toda uma vida” (LISBOA, Ely Vieites. In: VALLADARES, 2016, p. 522).

Cora Coralina refere ter iniciado a produção comercial de doces no ano de 1965, o mesmo no qual teve publicado seu primeiro livro. Juntamente com a venda dos doces nas caixinhas primorosamente ornamentadas pela doceira, ocorria também a venda de um ou outro de seus livros, que ela primeiro tratava de proporcionar a degustação por meio de declamações de alguns dos poemas neles contidos. Porém, a demanda pelos doces era superior à demanda pelos livros, o que despertava na autora de ambas as artes sentimentos conflitantes, já abordados em momento anterior na presente dissertação. Afinal, nascera para a escrita, mas também eram suas mãos doceiras o sustentáculo financeiro da velhice e as detentoras da admiração reconquistada perante a sociedade vilaboense. Britto e Seda (2009) informam que Cora Coralina, ao fazer doces para fins comerciais, e certamente a declamação de poemas associada a estas vendas como um diferencial

importante do ponto de vista do *marketing*, conquistou muitos fregueses, o que incrementou o turismo local e projetou a cidade de Goiás para além da Serra Dourada. Uma coisa leva a outra, de forma que o exemplo de Cora Coralina foi inspirador para que outras mulheres da cidade implementassem o ofício de doceira, herança natural das famílias, e passassem a ganhar o dinheiro necessário para complementar, ou até mesmo fundar, a renda familiar.

A fama culinária, atrelada à literária, produziram ao longo do tempo o que Delgado (2002) denomina de efeito de monumentalização⁸ de Cora Coralina, tendo ela se tornado “símbolo emblemático da Cidade de Goiás” (DEGADO, 2002, p. 61), que já possuía a tradição secular da confecção de doces com frutas regionais do bioma Cerrado.

Com o inexpressivo sucesso alcançado pela venda do primeiro livro, a autora praticamente caiu no esquecimento pela mídia e pelo público leitor da época. Ela preocupa-se e se entristece tanto com a situação, que faz referência ao fato em uma entrevista jornalística, citada e comentada na subseção imediatamente anterior.

Conforme se pode lembrar, Cora Coralina se distancia da escrita e passa a se dedicar quase que exclusivamente à doçaria. Esse distanciamento é temporário e intermitente, porque afirma jamais ter deixado de escrever. Implica uma autoafirmação às qualidades artísticas a dedicação, o apego intensificado à doçaria. Cora Coralina se impõe à sociedade consumidora de sua arte por meio dos doces, que ela sabe impactantes. Se não conquista o público leitor e a crítica literária, formata um público consumidor a partir das caixinhas de doces finamente decoradas e recheadas de memórias gustativas.

Os versos eram companheiros constantes do pensamento coralineano, surgiam involuntariamente num impulso criador incontável, o que reforça o fato de a escritora sempre ter ao alcance das mãos lápis e papel. Tais objetos eram peça praticamente amalgamada à escrivaninha de cabeceira no quarto de dormir. Sobre esse impulso incontável, Cora Coralina informou certa vez numa entrevista em audiovisual que compõe o documentário Cora Coralina – coração vermelho, publicado em 23 de julho de 2013 pelo Projeto Procurando Saber, disponível em audiovisual no *Youtube*:

⁸ Integração ao patrimônio de uma nação ou região. No caso, segundo informações de Delgado (2002), Cora Coralina torna-se monumento da Cidade de Goiás, fato devido ao seu marco biográfico, que é a arte doceira.

Gosto de fazer os doces. Eles me dão dinheiro, são muito apreciados. É uma forma de comunicação também. E os meus poemas me vem muito independente às vezes da minha vontade. E vem com um impulso interior e escrevo eles (CORALINA, 2013).

Ressalta da citação acima a afirmação de que a confecção de doces é uma forma de comunicação. Cora Coralina não somente reelabora as memórias, mas também e talvez principalmente as externas por meio da elaboração e da comercialização dos doces. Estes são a sua identidade cultural, estes estão impregnados do lirismo da autora goiana de precário reconhecimento literário, estes reafirmam a posição, na sociedade vilaboense, daquela jovem mulher goiana que um dia virou as costas para as tradições familiares de forma vexatória, segundo a opinião pública vigente à época, e se exilou voluntariamente por 45 anos em terras paulistas. Os doces que os turistas tanto apreciam e buscam com avidez potencializam a figura da poeta a quem ninguém pede “uma crônica sequer” (CORALINA, 1968 *apud* BRITTO e SEDA, 2009, p. 278). Porém, a situação vai mudar e de maneira um tanto dramática.

As visitas de turistas e comerciantes à Casa Velha da Ponte, a partir do início da fabricação comercial de doces por Cora Coralina, em 1965, eram frequentes e intensas. Diante dessa realidade, certamente bem vinda do ponto de vista financeiro, porém limitante do ponto de vista literário, a escritora teve que ceder espaço à doceira. As exigências da doçaria, o ambiente de trabalho – a cozinha e o quintal, em plano inferior, com escadas, na Casa Velha da Ponte, inadequados e, somado a estes fatores, a idade avançada da doceira cumularam de riscos o ofício e Cora Coralina sofre um acidente doméstico: cai da escada da cozinha de casa e fratura o fêmur da perna direita. O acidente e o necessário afastamento para recuperação pós cirúrgica foram considerados por Cora Coralina como possíveis fatores propiciadores de sua retomada literária. Britto e Seda (2009) mencionam um depoimento colhido do médico pessoal da autora goiana, Dr. Nelson de Azevedo Paes Barreto, no qual ele reproduz parte da fala de sua ilustre paciente: “Eu esperava por isso, ou por algo pior ainda para deixar dos doces e voltar à literatura. Agora sei que vou dedicar-me inteiramente aos meus versos, contos e crônicas” (BRITTO e SEDA, 2009, p. 319). Não foi bem o que ocorreu. Com todos os cuidados recebidos e tendo tido pleno restabelecimento, Cora Coralina insistiu em retomar a confecção de doces. Porém,

não mais pode caminhar com autonomia. Mesmo com a idade a aproximando da casa dos noventa e não mais precisa no equilíbrio corporal, jamais sossegou. Então, cinco anos após a primeira queda adveio outra, também ocorrida no mesmo contexto da produção de doces, porém com um agravante, conforme relato médico:

Desceu com um tacho de doce e caiu em cima da perna e quebrou novamente o fêmur direito. A cirurgia que havia sido feita antes foi destruída, uma fratura de vários fragmentos e ficou mais difícil recuperar. [...] O resultado da cirurgia já não foi tão bom quanto o da primeira. Mas ela voltou a andar, que era o que ela queria, e não tinha dor, mas continuou usando muletas (BRITTO e SEDA, 2009, p. 322).

Em definitivo a interrupção do labor culinário. A doceira octogenária Cora Coralina passou o restante dos seus dias acompanhada por um par de muletas. Estas lhe foram tão companheiras e importantes que resolveu conferir-lhes homenagem poética, intitulada Ode às Muletas, integrada posteriormente às novas edições do primeiro livro, homenagem da qual se seguem alguns fragmentos:

Muletas novas, prateadas e reluzentes.
Apoio singelo e poderoso
de quem perdeu a integridade
de uma ossatura intacta,
invicta em anos de andanças domésticas.
Muletas de quem delas careceu
depois de ter vencido longo
tempo e de ter dado voltas ao mundo
sem deixar a sua casa.

[...]

Muletas utilíssimas!...
Pudesse a velha musa
vos cantar melhor!...
Eu as venero em humilde gratidão.
Leves e verticais. Jamais sofisticadas.
Seguras nos seus calços
de borracha escura.
Nenhum enfeite ou sortilégio.
Fidelíssimas na sua magnânima
utilidade de ajudar a novos passos.
Um dia as porei de parte,
reverente e agradecida (CORALINA, 1985, p. 193, 195).

Ainda que a integridade física da doceira tenha sido maculada pelas fraturas ósseas e necessárias duplas reparações cirúrgicas, a integridade moral da poeta perdurou e frutificou, uma vez que passou a se dedicar integralmente à escrita. As mãos tão hábeis na condução das colheres de pau sobre os tachos de cobre goiano

e dos lápis ou canetas sobre os cadernos pautados precisaram desenvolver a habilidade de manipulação daquelas que seriam as novas companheiras da autora goiana: as muletas. Estas, “utilíssimas!... / [...] / Leves e verticais. Jamais sofisticadas. / Seguras nos seus calços / de borracha escura. / Nenhum enfeite ou sortilégio” (CORALINA, 1985, p. 195) passaram a compor o cenário poético e paisagístico de Cora Coralina, porque delas não mais pode se separar. Há registros fotográficos e em vídeos atestando a presença constante das muletas no entorno da poeta, fosse em casa ou nos eventos de que participou até os dias finais de sua existência terrena, e quem a visitava não deixava de notá-las sempre ao alcance das mãos, conforme testemunhou certa vez o amigo e afinizado literário Jorge Amado, em visita à poeta, na figura a seguir, prontas na “utilidade de ajudar a novos passos” (CORALINA, 1985, p. 195).

Imagem nº - Registro fotográfico da visita do escritor Jorge Amado a Cora Coralina, na sala da Casa Velha da Ponte.



FONTE: Arquivo do Museu Casa de Cora Coralina⁹.

O registro fotográfico mostrado acima permite constatar a presença da muleta que a autora goiana passou a utilizar após as quedas que sofreu em casa. É possível identificar, também, que o escritor baiano autografou a dedicatória feita à poeta na fotografia. Tal registro fotográfico permite, ainda, oportunizar a retomada

⁹ Disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2015/04/10/interna_diversao_arte,478941/30-anos-desde-a-morte-de-cora-coralina.shtml>. Acesso em: 1 maio 2018.

da atenção à aparente simplicidade dos versos de Cora Coralina, porque a simplicidade material, esta se identifica no entorno da poeta: suas vestimentas, o mobiliário e as paredes da casa, o chão batido, dentre outras observações. Há nos poemas muitos elementos que aproximam os versos de uma produção intensamente elaborada. Valladares (2016), a esse respeito, remete a atenção para o poema autobiográfico intitulado *Minha Infância* (Freudiana), escrito, segundo ele, em 1938, estando Cora Coralina residindo em Penapólis/SP, em que o autor citado diz: “o épico e o lírico, e também o dramático, convivem. [...] trazem uma simplicidade conquistada, um artesanato primoroso com as palavras” (VALLADARES, 2016, p. 212). O poema, de caráter psicanalítico, e com base em conhecimentos freudianos segundo a própria autora, está contido no livro **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais** (1984) do qual se seguem alguns trechos que podem corroborar os apontamentos de Valladares (2016):

Éramos quatro as filhas de minha mãe.
Entre elas ocupei sempre o pior lugar.
Duas me precederam – eram lindas, mimadas.
Devia ser a última, no entanto,
veio outra que ficou sendo a caçula.

Quando nasci, meu velho Pai agonizava,
logo após morria.
Cresci filha sem pai,
secundária na turma das irmãs.

Eu era triste, nervosa e feia.
Amarela, de rosto empalamado.
De pernas moles, caindo à toa.
Os que assim me viam – diziam:
‘- Essa menina é retrato vivo
do velho pai doente’.

[...]

Contenção... motivação... Comportamento estreito,
limitando, estreitando exuberâncias,
pisando sensibilidades.
A gesta dentro de mim...
Um mundo heróico, sublimado,
superposto, insuspeitado,
misturado à realidade.

[...]

Sem carinho de Mãe.
Sem proteção de Pai...
- melhor fora não ter nascido.

E nunca realizei nada na vida.

Sempre a inferioridade me tolheu.
E foi assim, sem luta, que me acomodei
na mediocridade de meu destino” (CORALINA, 1985, p. 173).

Cora Coralina manufactura as palavras para permitir ao público leitor que percorra um pequeno trajeto da via dolorosa que considerou ter composto o cenário de sua vida. As pernas moles a arrojavam ao chão e não havia o braço forte do pai que a pudesse erguer; era a exceção dentre as irmãs, privilegiadas pela beleza e por mimos de que não fora destinatária e não havia o carinho de mãe que lhe mostrasse virtudes substitutivas. O pisoteio das sensibilidades, a tentativa de encarceramento do imaginário criativo em formação, as navalhadas que o sentimento de inferioridade e de comodismo infligiram àquelas feições pálidas que almejavam o vigor de um coração vermelho e pulsante. Considerando a data da escrita do poema, 1938, Coralina contava então com 42 anos de idade, estava casada, possuía filhos e residia fora de Goiás, mas não contava ainda com nenhum livro publicado. Talvez advenham desse fato as lamentações que encerram o poema referido. Conseguiu, porém, àquela altura da vida suplantar algumas das sinas a que se achara destinada: a ascendência enfermiça e as pernas moles não a impediram de romper os limites impostos pela Serra Dourada, assim como a falta dos predicados estéticos não a impediram de conquistar uma vida em família.

Retomando o poema em homenagem às muletas, é possível, por exemplo, estabelecer-se uma instigante articulação literária entre a autora goiana, o poeta português Luís de Camões e o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade. Ela, com o poema em homenagem às muletas, além de fazer uma referência a Camões em **Os Lusíadas**, “Cesse tudo o que a Musa antiga canta” (CAMÕES, 2018, p. 2), parece se aproximar bastante do poema intitulado **Dentaduras duplas!**, de Drummond, em homenagem às próteses odontológicas de que o poeta temia depender, embora ainda não se julgasse suficientemente idoso para tal. Nos dois poemas – o coralineano e o drummondiano, há um pretexto de se abordar um instrumento prosaico para se estabelecer o lugar da velhice. Esses elementos parecem indicar uma elaboração de texto que se insere na tradição canônica.

É possível também inferir que Carlos Drummond de Andrade, por ter tido contato com a obra coralineana somente a partir da segunda edição do livro **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais**, em 1978, em que o poema Ode às Muletas aparece publicado pela primeira vez, segundo informações confirmadas

pelos assistentes de pesquisa do Museu Casa de Cora Coralina, ao escrever ao *Jornal do Brasil* a crônica de 1980 (anteriormente citada na presente dissertação), em que diz ser Cora Coralina a pessoa mais importante de Goiás para ele, enaltecer o talento da escritora, sua riqueza poética e inventiva, sua identificação com a vida: “Na estrada que é Cora Coralina passam o Brasil velho e o atual, passam as crianças e os miseráveis de hoje” (ANDRADE, 1980, p. 7) e terminá-la com “O verso é simples, mas abrange a realidade vária” (ANDRADE, 1980, p. 7), não teve a sensibilidade ou o tempo suficiente para constatar que “O verso [não] é [tão] simples” (ANDRADE, 1980, p. 7, grifos nossos) quanto parece.

Ainda que utilizando versos livres e composições sem grandes elaborações gramaticais, Cora Coralina fisgou seu público e se transformou na ilustre “cigarra cantadeira e formiga diligente” (CORALINA, 1984, p. 56) a observar e registrar tudo o que o seu olhar mágico e transformador pode captar da janela da Casa Velha da Ponte da Lapa da cidade de Goiás.

5 CONCLUSÃO

A longa jornada da vida de Cora Coralina iniciou-se há dois séculos, como Anna Lins, Anica, Aninha. Nasceu de pai velho e doente e de mãe jovem e desalentada, em uma família em declínio financeiro, numa cidade que sustentou temporariamente a honraria de ser capital de Estado, no coração do Brasil. Foi desde cedo relegada aos cuidados de terceiros e encarcerada em sua própria casa, por ser considerada criança fraca das pernas e das ideias. Terceira filha de uma mulher em segunda viuvez, que vislumbrava a fragilidade familiar por não ter filho homem que a mantivesse em bom sustento. Estudou em escola improvisada na casa da mestra aposentada que um dia fora a de sua mãe também. Não obteve sequer a mínima graduação escolar, posto que forçada a abandonar os estudos em detrimento da salvação da família falida, a se retirar da cidade para fazenda de ascendente materno em área rural. Porém, o breve contato com as letras e o raso aprendizado escolar assumiram caráter de energia catalizadora das reações mentais sob pressão eruptiva dentro daquele coração rubro em formação. Contamos Britto e Seda (2009) que muitas das primeiras crônicas e contos Coralina elaborou quando na fazenda da família. Pouco tempo depois, ainda sob os ares rurais no retiro forçado, Anna Lins elege Cora Coralina para pseudônimo: Cora, do coração, e Coralina, do vermelho, do Rio Vermelho. Esta Cora Coralina nasce contista e só futuramente, após a poesia ter se libertado da métrica e da rima, segundo ela mesma afirma em entrevista televisiva, passa a escrever poemas, livres de qualquer molde. Esta Cora Coralina nasce e cresce em meio a mulheres que dominam a arte culinária e só futuramente, após necessitar de recursos financeiros para o sustento da velhice na cidade natal, passa a fazer doces caseiros com finalidade comercial, aspecto apontado e desenvolvido em diferentes momentos na presente dissertação.

Toda a sua formação leitora, escritora e doceira está embasada em seu universo circundante. Captar os mínimos estímulos, apreendê-los, amplificá-los e transformá-los em palavra escrita, cantada em versos livres e contada em prosas regionalistas, com apenas dois anos de escolarização fazem de Cora Coralina uma autodidata exemplar. Emergir do ventre e imergir nos aromas da cozinha, resguardá-los na memória sensorial, azeitá-los com as experiências comerciais vividas em solo paulista e incrementá-los sob a forma de doces glacerizados

embalados com primor e exigências pessoais fazem de Cora Coralina o ícone culinário da Cidade de Goiás. Certamente as neurociências podem explicar que se trata de uma mente ímpar, dotada de múltiplas inteligências, com uma capacidade invejável para guardar as informações e manejá-las como somente a um autêntico artista é possível fazer brilhar.

Na segunda seção foi desenvolvido o tema do autodidatismo da autora goiana. Pelas pesquisas realizadas e resultados obtidos, foi possível perceber que Cora Coralina trilhou caminho árduo, porém profícuo, em busca da superação de suas limitações relativas à escrita correta e ignorância que afirmava ser possuidora, caminho este que culminou no autodidatismo libertador.

Os textos literários de Cora Coralina permitiram elaborar um mapeamento das aproximações e das tensões entre as duas principais atividades exercidas por ela: a elaboração dos poemas, contos e crônicas e a produção dos doces. Pode-se constatar que tanto a escrita quanto a culinária estiveram presentes na vida da autora goiana desde a infância, estimuladas pelo seu dom inato da curiosidade e da capacidade observadora dos modos de confeccionar as comidas, da oralidade dos residentes domiciliares e das leituras realizadas pela mãe e pelas irmãs mais velhas. Também desenvolvem-se a partir da infância as hábeis mãos envolvidas nos labores culinário e literário, sem jamais terem necessitado de aprendizado formal, habilidades tais que primaram pela qualidade tanto dos doces e suas embalagens quanto dos poemas e contos e sua seleção rigorosa para a composição dos livros.

Cora Coralina pode, ainda em vida, ver-se reconhecida como doceira e escritora, tendo ganhado ao longo da carreira prêmios e homenagens para ambas as artes. Foram estas artes a sua herança à sociedade. Atualmente, a cidade de Goiás é conhecida como a cidade dos doces e dos poemas de Cora Coralina, os quais reafirmaram sua identidade cultural e fizeram dela legítima representante da cultura popular brasileira.

Tal mapeamento possibilitou a confirmação de que a produção literária da autora elabora, por meio da relação entre literatura e gastronomia, as experiências vividas, sobretudo no convívio familiar e social e abre caminhos para a exploração de inúmeros outros vieses pelos quais se pode vislumbrar o quanto a obra coralineana é complexa e abrangente, do ponto de vista do conhecimento humano e da capacidade criadora de um verdadeiro artista. O fazer gastronômico e o fazer

literário foram formas de reelaborar as memórias, pessoais e coletivas que, por inúmeras vezes, perpassaram e reviveram os doces e os amargos acontecimentos de uma existência nonagenária. Em alguns momentos, as frustrações da poeta de pouco reconhecimento literário cederam espaço à doceira de mão cheia; em outros momentos, porém, a fama obtida com os doces, ao mesmo tempo em que potencializaram a figura da poeta, também exacerbaram o ofício da doçaria e exauriram as forças da doceira, que sucumbiu aos acidentes domésticos que a distanciaram definitivamente dos tachos e colheres de pau, passando então a se dedicar exclusivamente à escrita, seu sonho existencial maior e primeiro. A integridade física comprometida interditou a doceira ao mesmo tempo em que libertou a poeta. As mãos que habilmente balizavam o fogão tiveram que aprender a aliar as muletas às canetas.

Enquanto viveu, Cora Coralina publicou três livros, já **no tarde da vida**. Ela é atemporal: dizia vir do século passado (nasceu no século XIX) e trazer consigo **todas as idades**; escreveu sobre o seu passado, o seu presente e o seu futuro; integrou o Grupo de Escritores Novos, já com mais de 90 anos de idade, devido ao caráter inovador de sua escrita. Deixou para a posteridade, até o presente, material para a publicação de mais onze obras. E, segundo o que nos informa o Museu Casa de Cora Coralina, na cidade de Goiás, há material sendo compilado para muitas outras obras serem publicadas. Até os dias atuais os detentores de seu patrimônio encontram vez por outra papéis perdidos em seus pertences com algum manuscrito com poema ou fragmentos deles inacabados. Os registros manuscritos tanto nos cadernos de receitas quanto nos cadernos de poemas, alguns dos quais estão disponíveis no acervo do Museu Casa de Cora Coralina, permitem ao público leitor sentir o quanto se aproximam as duas artes desempenhadas pela escritora goiana.

A menina do banco das mais atrasadas da escola da Mestra Silvina pouco estudou e pouco deteve de bens materiais em seus 96 anos de vida. Os doces e os versos tiveram o caráter do artesanal e do antigo, porém visaram a projeções para o futuro. Tanto a escrita quanto a doçaria mantiveram a aparência do simples, embora tenham procedido de complexas elaborações gastronômicas e literárias, capazes de despertar o prazer de ler e de comer, capazes de atender ao gosto literário e culinário.

O que Cora Coralina deixou em verso e prosa e sabor para a posteridade foi o que de mais rico possuiu: os olhos de ver, mas mãos de moldar e os ouvidos de ouvir a gente simples e os costumes de sua terra.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. CORA CORALINA, DE GOIÁS. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 27 dez. 1980. Caderno B, p. 7. Disponível em: <https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19801227&printsec=frontpage&hl=pt-BR>. Acesso em: 27 maio 2017.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Dentaduras duplas!** Postado por Simone Loner. Disponível em: <http://sentimentodomundo2013milliet3b.blogspot.com.br/2013/09/dentaduras-duplas.html>. Acesso em: 26 abr. 2018.

ANDRADE, Ludmila Santos. **Poesia e Crônica em Cora Coralina**. 2016. 130 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/6105>. Acesso em: 04 nov. 2017.

ANJOS, José Humberto Rodrigues dos. **“Na minha vida, a vida mera das obscuras”**: as representações do eu e de outros espaços em poemas dos becos de Goiás e estórias mais, de Cora Coralina. 2013. 72 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/3538>. Acesso em: 04 nov. 2017.

ANTONELLI, Ronaldo. Cora, uma poesia entre o coração e o mundo: Seu novo livro, "Vintém de Cobre", é "tumultuado como a vida de quem o escreveu". **Folha de São Paulo**. São Paulo, 12 out. 1983. p. 34. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1983/10/12/21//4213364>. Acesso em: 16 ago. 2017.

ARENDDT, Marlize; FERNANDES, Mônica Luiza Socio. Lembranças de aninha no universo poético de Cora Coralina. **Trama**, [S.l.], v. 9, n. 17, p. 133-151, maio 2013. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/8210>. Acesso em: 03 nov. 2017.

AS MULHERES CORALINAS (Goiás). Ascoralinas (Org.). **Mulheres Coralinas**. Disponível em: <https://www.facebook.com/asmulherescoralinas/>. Acesso em: 31 out. 2017.

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO INTEGRADA DA OAB-GO (Goiás). Ordem dos Advogados do Brasil Seccional Goiás (Ed.). **Presidente lamenta morte de filha de pioneiro da OAB-GO**. 2011. Disponível em:

<<http://www.oabgo.org.br/oab/noticias/falecimento/23-08-2011-presidente-lamenta-morte-de-filha-de-pioneiro-da-oab-go/>>. Acesso em: 10 maio 2018.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução de Jacó Guinsburg. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. 78 p. (Elos).

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta M. (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1896577/mod_resource/content/1/Pierre%20Bourdieu%20-%20A%20ilus%C3%A3o%20biogr%C3%A1fica.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2017.

BRASIL. Iphan. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Goiás (GO)**. 2017. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/362/>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

BRESSON, François. A leitura e suas dificuldades. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da Leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento; introdução de Alcir Pécora. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 25-34.

BRILLAT-SAVARIN, Jean Antelme. **A Fisiologia do Gosto**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Tradução de Paulo Neves. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/22247819/fisiologia-do-gosto-brillat-savarin-jean-antelme-2004>>. Acesso em: 09 mar. 2017.

BRITTO, Clovis Carvalho. “Dar que falar às bocas de Goiás”: Estratégias e repercussões do projeto criador de Cora Coralina no campo literário brasileiro. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 14, n. 27, p.339-357, 2009. Semestral. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/1942>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

BRITTO, Clóvis Carvalho. **Sou Paranaíba pra cá: Literatura e Sociedade em Cora Coralina**. 2006. 190 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006. Disponível em: <<https://pos-sociologia.cienciassociais.ufg.br/up/109/o/CLOVIS.pdf>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

BRITTO, Clóvis Carvalho; SEDA, Rita Elisa. **Cora Coralina: Raízes de Aninha**. 6. ed. Aparecida-SP: Ideias & Letras, 2009. 472 p.

CAMARGO, Goiandira de Fátima Ortiz de. Poesia e Memória em Cora Coralina. **Signótica**, Goiânia, v. 14, n. 1, p.75-85, jan-dez 2002. Semestral. Universidade Federal de Goiás. <http://dx.doi.org/10.5216/sig.v14i1.7306>. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/7306>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. Elaborada pelo Núcleo de Educação à Distância da Universidade de Amazônia. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000178.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2018.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Mathilde Endlich Orth. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. 372 p.

CORALINA, Cora. **Cora Coralina: Doceira e poeta**. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 2009. 144 p.

CORALINA, Cora. **Estórias da Casa Velha da Ponte**. 14. ed. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 2014. 112 p.

CORALINA, Cora (Ed.). **Gyn Teen conta a história de Cora Coralina**. 2010. Elaborado pela TV Brasil Central, afiliada da TV Cultura. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2-cMBCf6OfI&index=19&t=0s&list=FLMP5nPID4k0Qk6IYIS7X4iA>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

CORALINA, Cora. **Meu livro de cordel**. 1. ed. Goiânia: Livraria e Editora Cultura Goiana, 1976.

CORALINA, Cora. **Meu livro de cordel**. 11. ed. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 2002. 112 p.

CORALINA, Cora. **O tesouro da casa velha**. 3. ed. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 2000. 144 p.

CORALINA, Cora. **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais**. 10. ed. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 1985. 248 p.

CORALINA, Cora. **Villa Boa de Goyaz**. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda., 2001. 112 p.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre: Meias confissões de Aninha**. 2. ed. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1984. 214 p.

DELGADO, Andréa Ferreira. **A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias**. 2003. 498 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/279866>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

DELGADO, Andréa Ferreira. Cora Coralina: A Poética do Sabor. **Ilha**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p.59-83, jul. 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/15031/15651>>. Acesso em: 24 set. 2016.

DENÓFRIO, Darcy França. **Cora Coralina**. 3. ed. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 2008. 368 p. (Melhores Poemas).

DÉTRAQUÉ. In: JOSÉ A. GÁLVEZ (Brasil). Larousse do Brasil (Ed.). **Dicionário Larousse francês/português, português/francês: mini**. 2. ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2008. p. 108.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto 1: Prolegômenos e teoria da narrativa**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002. 240 p.

FÉLIX, Bruno. **100 anos de Goiandira**. 2015. Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/magazine/100-anos-de-goandira-1.944093>>. Acesso em: 10 maio 2018.

FREITAS, Consuelo Brito de. **El discurso poético y las condiciones de su producción: Una lectura comparada de la poesía de Rosalía de Castro y de Cora Coralina**. 2004. 562 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filología y Literaturas Románicas, Departamento de Filología Románica, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004. Disponível em: <<http://biblioteca.ucm.es/tesis/fil/ucm-t27646.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2017.

FREIXA, Dolores; CHAVES, Guta. **Gastronomia no Brasil e no Mundo**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2009. 304 p.

GOFF, Jacques Le. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão et. al. São Paulo: Unicamp, 1990.. Disponível em: <<http://memorial.trt11.jus.br/wp-content/uploads/História-e-Memória.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

GRANTS, Andréa Figueiredo Leão. **(Des)Arquivar Biografemas**: A biblioteca de Cora Coralina. 2016. 459 f. Tese (Doutorado) - Curso de Literatura, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em:
<<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/174705/345688.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 03 nov. 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990. 189 p.

HÉBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar. Como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler? In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da Leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento; introdução de Alcir Pécora. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 25-34.

INGOLD, Tim. *Humanity and Animality*. **Companion Encyclopedia of Anthropology**, Londres, Routledge, 1994, p. 14-32. Tradução de Vera Pereira. Disponível em:
<http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_28/rbcs28_05>. Acesso em: 19 out 2017.

JUNG, Neiva Maria e SEMECHECHEM, Jakeline. **Eventos religiosos e suas práticas de letramento em comunidades multilíngues e multiculturais**. Universidade Estadual de Maringá. Fórum Linguístico, Florianópolis, v.6, n.2 (17-37), jul.-dez 2009. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2009v6n2p17/12507>>. Acesso em: 25 out 2017.

LEITE, Juliana Ferreira. **Letramento e religião**: influência de práticas religiosas no letramento. 2013. 51 f. Disponível em:
<http://bdm.unb.br/bitstream/10483/5097/1/2013_JulianaFerreiraLeite.pdf>. Acesso em: 25 out 2017.

LIMA, Sueli Gomes de. **Práticas de subjetivação e construções identitárias em Cora Coralina**. 2008. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Linguísticos, Departamento de Linguística, Letras e Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008. Disponível em:
<<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15323>>. Acesso em: 4 nov. 2017.

LYRA, Pedro. **CONCEITO DE POESIA**. São Paulo: Ática, 1986. 96 p. (PRINCÍPIOS).

MACIEL, Maria Eunice. Identidade cultural e alimentação. In: CANESQUI, Ana Maria; GARCIA, Rosa Wanda Diez (Org.). **Antropologia e nutrição: um diálogo possível**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005. Cap. 2. p. 49-55. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd10_01.pdf>. Acesso em: 23 set. 2016.

MELO, Maria Ivone Souza. Moinho do tempo: todas as vidas em Cora Coralina. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p.152-159, jul. 2011. Semestral. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/7655/6292>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

MELO, Maria Ivone Souza. **Rastros do vintém perdido**: Uma história de leitura na poesia de Cora Coralina. 2011. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos de Linguagens, Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: <http://www.ppgel.uneb.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/melo_ivone.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2017.

MERQUIOR, José Guilherme. **Razão do poema**. Ensaios de crítica e de estética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1965. 247 p.

O ESCRITOR Jorge Amado em visita à poeta. 1977. Propriedade do Arquivo Museu casa de Cora Coralina/Divulgação. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2015/04/10/interna_diversao_arte,478941/30-anos-desde-a-morte-de-cora-coralina.shtml>. Acesso em: 1 maio 2018.

OLAVO Tormim: uma história que não pode ser esquecida. 2017. Postada pela redação do jornal Diário da Manhã. Disponível em: <<https://www.dm.com.br/entretenimento/2017/11/olavo-tormin-uma-historia-que-nao-pode-ser-esquecida.html>>. Acesso em: 3 maio 2018.

OLIVEIRA, Márcia Batista de. **Cora Coralina**: Cartografias da memória. 2006. 147 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Centro de Letras e de Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000118270>>. Acesso em: 3 nov. 2017.

PEREIRA, Iêda Maria Vilas Bôas. **Cora Coralina**: a mulher-poeta e suas múltiplas vozes. 2011. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Literatura, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/8266>>. Acesso em: 4 nov. 2017.
PINHEIRO, Sueli Reis. Biografia, culinária e literatura: a história do cotidiano com o tempero de Cora Coralina. **Gênero**, Niterói, v. 3, n. 2, p.69-79, 1. sem. 2003. Semestral. Disponível em:

<<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/271/188>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

ROZAKIS, Laurie E.. **How to interpret poetry**. New York: Arco Macmillan, 1995. 135 p.

SACRAMENTO, Adriana Rodrigues. **A culinária de sentidos: corpo e memória na literatura contemporânea**. 2009. 279 f. Tese (Doutorado) - Curso de Literatura, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4926/1/2009_AdrianaRodriguesSacramento.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2017.

SALLES, Mariana de Almeida. **Cora Coralina: uma análise biográfica**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 2004.

SEMINÁRIO MULHER E LITERATURA-GÊNERO, IDENTIDADE E HIBRIDISMO CULTURAL, 2007, Ilhéus, BA. **Coralina: Reconstrução poética da memória**. Ilhéus, BA: Editus, 2007. 8 p. Disponível em: <http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/MARLENE_GOMES_DE_VELLASCO.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2017.

SEMINÁRIO MULHER E LITERATURA-GÊNERO, IDENTIDADE E HIBRIDISMO CULTURAL, 2007, Ilhéus, BA. **No limiar de uma existência, “meias confissões” desprentensiosas**. Ilhéus, BA: Editus, 2007. 12 p. Disponível em: <<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/OLÍVIA%20APARECIDA%20SILVA.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2017.

SILVA, Maria Andréia de Paula. Contar para viver: As memórias de Gabriel García Márquez. **Gatilho**, Juiz de Fora, v. 5, p.1-15, jul. 2007. Semestral. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2009/12/artigo02andreaia.pdf>>. Acesso em: 4 nov. 2017.

SOUZA, Eneida Maria de. **Pedro Nava: o risco da memória**. Juiz de Fora: Funalfa, 2004. 136 p.

TAHAN, Vicência Bretas. **Cora Coragem Cora Poesia**. 4. ed. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 2002. 240 p.
TELES, Gilberto Mendonça. **CONTRAMARGEM II: Estudos de Literatura**. Goiânia: UCG, 2009. 532 p.

VALLADARES, Luiz Fernando. **Encontros com Cora Coralina de Goyaz**. Goiânia: Kelps, 2016. 612 p.

VELLASCO, Marlene Gomes de. **A poética da reminiscência**: estudos sobre Cora Coralina. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás. 1990.

VIEIRA, Denise Moreira Guedes. **Vintém de cobre - meias confissões de Aninha**: a poética da experiência em Cora Coralina. 2014. 101 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014. Disponível em: <<https://www.cesjf.br/mestrado-em-letras-dissertacoes-2/2014/345--157.html>>. Acesso em: 4 nov. 2017.

YUNES, Eliana (Org.). *Leitura, a complexidade do simples: do mundo à letra e de volta ao mundo*. In: YUNES, Eliana et al (Org.). **Pensar a leitura**: complexidade. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2002. p. 13-51.

ANEXO A – *Hemerocallis* Cora Coralina



ANEXO B – *Molippa coracoralinae*

